

A futuristic spaceship is shown from a low-angle perspective, moving towards the right. The ship's engine is a large, glowing red sphere with intricate internal structures. The ship's hull is dark and metallic, with various panels and lights. In the background, a dark, hazy planet or nebula is visible against a starry space. The overall scene is dramatic and high-tech.

**ESSAS ESTRELAS  
SÃO NOSSAS!**

**POUL ANDERSON**

**ESSAS ESTRELAS SÃO NOSSAS!**

**Poul Anderson**

Título original: We Claim These Stars!

Tradução de: Affonso Blacheyre

HEMUS — LIVRARIA EDITORA LTDA.



**BIBLIOTECA  
DO EXILADO**

## PERSONAGENS

### SIR DOMINIC FLANDRY

Arriscar-se-ia a morrer, a ter de ficar sem o conforto e luxo que amava.

### AYCHARACH

Em sua mente, possuía o conhecimento de todos os homens e nas mãos o destino da galáxia.

### CATHERINE KITTREDGE

Uma boa menina, do planeta que fora condenado.

### SVANTOZIK

Em caçador emérito; e a mente alheia constituía ao mesmo tempo seu alvo e sua arma.

### JUDITH HURST

Uma revoltosa empenhada em boa causa — espírito liberal em corpo livre.

### CHIVES

Perfeito cavalheiro, como deve ser o valete de um cavalheiro, até sua cauda verde e comprida era discreta.

A Ruethen Mão Comprida agradara muito oferecer, aos amigos, uma festa e baile na Lua de Cristal. Ele sabia que os inimigos teriam que comparecer. O orgulho de raça desaparecera da Terra, enquanto a necessidade de parecer educado e avançado crescera de modo correspondente. O fato de que espaçonaves rondassem e lutassem, cinqüenta anos-luz além de Antares, tornava ainda mais impossível a deselegância de declinar o convite do representante merseiano. Dava, ademais, para ir e sentir-se prazerosamente perverso, enfrentando um perigo muitíssimo delicado.

O Capitão Sir Dominic Flandry, do Corpo Imperial de Informações Navais, deu-se ao luxo de fazer uma queixazinha.

— Não que eu recuse a bebida oferecida por quem quer que seja — explicou —, e Ruethen tem um cozinheiro, para refeições de tipo humano, que, ele sozinho, valeria a pena tomar, ainda que custasse uma guerra. Mas eu julguei que estava em férias.

— E você está, mesmo, em férias — concordou Diana Vinogradoff, Nobre Dama Guardiã do Maré Crisium. — Só que eu vi você primeiro.

Flandry sorriu e passou o braço pelos ombros dela. Tinha quase certeza de ganhar a aposta que fizera com Ivar dei Bruno. Ali ficaram, descansando no salão, e ele apagou as luzes.

Aquele iate, apanhado em empréstimo, era ridiculamente frágil e ornamentado; mas seu salão era uma maravilha, uma bolha de plástico cristalino. Na escuridão repentina, o espaço dava um salto à frente, negro cristalino e com resplendor hibernai de estrelas. O escudo de faixas em Júpiter crescia enquanto eles olhavam, derramando brilho suave e cor de âmbar na espaçonave. A Dama Diana tornou-se uma figura vinda do mito, inteiramente bela; suas jóias cintilavam como gotas de chuva, no vestido comprido, as tranças formando um coque. Flandry afagou o bigode bem aparado. Acha que também não estou muito horroroso, pensou, um tanto presunçoso e partiu para o ataque.

— Não... por favor... agora não — e a Dama Diana o afastou de si, mas de modo promissor. Flandry voltou a reclinar-se. Não havia pressa. O banquete e a dança levariam horas seguidas. Depois disso, quando o iate estivesse a caminho de volta à Terra, em viagem calma, e suas cabeças estivessem com bolhas de champagne...

— Por que você falou aquilo, de estar em férias? — indagou ela, ajeitando o penteado com dedos esguios. O verniz de unhas luminoso, em seus dedos, dançava àquela luz crepuscular, como se fossem chamas de uma vela a se extinguir.

Flandry tirou um cigarro do bolso da jaqueta que também brilhava e inalou-se bastante. O brilho fez aparecer-lhe o rosto, estreito, os maldades salientes e olhos cinzentos, cabelo castanho e nariz reto. Às vezes ocorria-lhe a desconfiança de

que sua última plástica o havia tornado demasiadamente bem apessoado, e que deveria fazer nova modificação. Mas, que diabo, não se encontrava com freqüência na Terra, para que as pequenas se entediassem com seu aspecto. Ademais, o guarda-roupas, que ele se esforçava por manter em moda, era caro o bastante para dispensar outros recursos.

— A questão de Nyanza foi um pouco cansativa, você sabe? — retorquiu, para que ela se lembrasse de outra de suas façanhas, em outro planeta exótico. — Eu vim para casa descansar. E os merseianos são criaturas pavorosamente cansativas. Fico derreado, só de olhar para um deles, quanto mais ter de enfrentá-lo.

— Mas você não precisa enfrentar ninguém esta noite, Sir Dominic — retorquiu ela, com um sorriso — não pode deixar toda essa briga de lado, só por um pouquinho, e ser amigo deles? Afinal, todos nós somos humanos, a despeito dessas rivalidades bobas.

— Eu gostaria muito de descansar em companhia deles, minha dama. Mas a questão é que eles não descansam.

— Oh, deixe disso! Quantas vezes conversei com eles e...

— Eles podem irradiar todo o encanto viril que seja preciso — contrapôs Flandry. Por um instante, seu tom de voz demonstrou acidez — Mas destruir o Império Terrestre é uma obra que requer todos os momentos possíveis.

Lembrou-se rapidamente, em seguida, do que estava tratando, voltou a seu tom costumeiro de gracejos. Não lhe pediam que fosse agente de Informações por todo o tempo? Ainda mais quando havia uma aposta de mil créditos, feita com seu amigo, não era mesmo? Ivar dei Bruno insistira em que a Dama Diana Vinogradoff jamais concederia seus favores à qualquer homem que não tivesse a patente de conde. O desafio fora difícil de recusar, quando o alvo era coisa de tamanho encanto e tentação e quando Flandry dispunha de bons motivos para acreditar em suas próprias possibilidades. Fora campanha difícil, entretanto, e satisfez os caprichos da Dama, comparecendo à festa dos merseianos, não era senão pequena parte dos esforços que dispendera.

Agora, porém, Flandry achava, se jogasse certo, nas próximas horas, alcançaria o objetivo. E depois disso, mil créditos serviriam para financiar uma boa orgia de dois, na Everest House.

Chives, valente-cum-piloto-cum-capanga pessoal, dirigiu o iate suavemente para o porto, na Lua de Cristal. Não houve qualquer desajuste de peso, embora a desaceleração fosse rápida e o campo de força interno se visse levado a esforços para efetuar a compensação. Flandry se pôs em pé, colocou a boina em ângulo estudadamente maroto na cabeça, rodopiou a capa escarlate e ofereceu o braço à Dama Diana. Passaram assim pela comporta, seguindo por um tubo transparente até o palácio.

A mulher teve um arquejo de prazer.

— Nunca vi de tão perto — cochichou. — Quem o construiu?

O satélite artificial tinha Júpiter por pano de fundo e a Via-Láctea e mais as constelações enormes e geladas. Paredes que pareciam de vidro cristalino permitiam ver o infinito, em curvas e catadupas, como se fosse água. Campos gravitacionais planares apresentavam jóias de muitas facetas, sintéticas; rubis, esmeraldas, diamantes, topázios, cada qual com diversas toneladas, em órbita em torno do minarete central. Um prolongamento da bolha, na direção externa, permanecia em G-O, sendo conservatório onde samambaias e orquídeas mutantes ondulavam, tocados por brisas ritmadas.

— Disseram-me que foi construído para o Lord Sung-Tse, há cerca de um século — explicou Flandry. — o filho dele vendeu, porque tinha dívidas de jogo, e depois o embaixador merseiano comprou, mandou colocá-lo em órbita em torno de Júpiter. Simbólico, não acha?

Ela ergueu as sobrancelhas, em expressão interrogadora, mas Flandry achou melhor não explicar. Ele mesmo ia pensando: "Pois é. Acho inevitável, coisa assim. A "terra tem sido rica demais, por tempo em demasia; nós nos tornamos velhos e satisfeitos, não há mais perigos para nós. Enquanto isso, o Império merseiano é novo, vigoroso, disciplinado e devotado. Por mim, gosto da decadência, mas alguém tem que manter a Noite Comprida longe, enquanto eu estiver vivo, e parece que fui escolhido para isso".

Aproximavam-se então do vestibulo, onde o portão em formato de teia de aranha, em prata, se apresentava aberto. O próprio Ruethen veio recebê-los no patamar da rampa deslizadora. Era o costume merseiano. Mas ele fez mesura no estilo terrestre, e levou os lábios, de leve, à mão de Dama Diana.

— É um prazer raro, tenho a certeza — disse, a voz de baixo conferindo, ao fluente ânglico que falava, indescritível sotaque não-humano.

Ela o examinou. O merseiano era um mamífero verdadeiro, porém exibia mais sinais de ancestralidade réptil do que da raça humana: pele verde-claro, sem pelos e com escamas finas; uma baixa elevação espinhosa na cabeça, passando pela coluna vertebral até a extremidade da cauda comprida e grossa. Tinha o corpo mais largo do que o de um homem e sua estatura alcançaria com facilidade dois metros, se não caminhasse com inclinação do corpo à frente. A não ser pela calvície e falta de orelhas externas, o rosto era de todo humanoíde, até mesmo de bom aspecto, a seu modo abrutalhado. Mas os olhos, por baixo das sobrancelhas altas, eram dois pequenos poços de negrume. Ruethen usava o uniforme austero de sua classe, em negro justo, orlado de prata. Na anca estava um desintegrador, no coldre da correia. A boca da Dama Diana, que fora remodelada à perfeição, curvou-se em sorriso.

— Sabe mesmo quem sou, meu senhor? — murmurou.

— Francamente, não — foi a resposta, dada com a franqueza de bárbaros. Qualquer nobre, na Terra, teria prontamente ocultado sua ignorância. — Mas enquanto a madeira estiver queimando no altar, reine a paz entre nós. Como

minha tribo diria, nos Vales Frios.

— Está claro que conhece, então, o meu acompanhante — disse ela, em tom de brincadeira.

Ruethen dirigiu um olhar a Flandry e, de repente, o homem percebeu que aquele corpanzil se retesava. Por instantes, apenas, todo o corpo de Ruethen tornou-se uma máscara.

— Já nos encontramos, algumas vezes — disse, com secura, em merseiano. — Seja bem-vindo, Sir Dominic. A escrava no vestiário poderá dar-lhe uma tela mental.

— O quê? e Flandry, sem poder evitá-lo, teve um sobressalto.

— Se assim o desejar — retorquiu Ruethen, exibindo dentes fortes, em sorriso para a Dama Diana. — A minha desconhecida amiga vai conceder-me uma dança, mais tarde?

Ela perdeu a calma por instantes mas logo assentiu com graça.

— Vai ser um acontecimento novo para mim, meu senhor — respondeu.

E seria mesmo. Flandry levou-a para o salão de baile. Pensava na curiosa oferta que Ruethen fizera, como um cachorro se preocuparia com seu osso. Por quê?

Viu, então, aquela forma negra e ossuda, entre os Terrenos em cores de arco-íris, e percebeu o motivo. Um calafrio percorreu-lhe a espinha.



Ele não perdeu tempo em pedir desculpas, foi quase correndo ao vestiário. Seus pés faziam murmúrio naquele chão cristalino, onde Orion brilhava, centenas de anos-luz por baixo.

— Tela mental — bradou.

— A escrava era uma moça bonita. Os merseianos deliciavam-se em comprar seres humanos para executarem trabalhos braçais.

— Tenho apenas algumas, senhor — disse ela. — Sua Senhoria me disse para guardá-las para...

— Para mim! — e Flandry apoderou-se do gorro de fios, transistores e pequenas baterias, tirando-o dos dedos hesitantes da moça. Só quando havia instalado o conjunto na cabeça é que descansou. Tirou, então, um outro cigarro, e seguiu por ali, em meio à música ondulante, na direção do bar. Precisava muitíssimo de bebida.

Aycharach de Quereion lá estava, por baixo de colunas altas de vidro. Ninguém lhe dirigia a palavra. A maioria dos humanos dançava, enquanto os não-humanos de diversas raças ouviam a música. Uma artista de Lulluan exibia penas de azul-celeste num pequeno palco, mas poucos eram os que se dignavam olhar para lá. Flandry abriu caminho a cotoveladas, passando por um merseiano que acabara de esvaziar o copo de dois litros.

— Scotch — pediu. — Puro, grande, e depressa.

A Dama Diana aproximou-se. Parecia incerta, sem saber se devia estar indignada ou intrigada com o que lhe acontecera.

— Agora sei o que querem dizer, quando falam de tratamento dispensado por cavalheiros — e ela apontou para a cabeça de Flandry. — Que negócio é esse, aí?

Flandry sorveu o conteúdo do copo. O whisky foi fumegando pela garganta, e sentiu que os nervos se acalmavam.

— Dizem que é meu rosto — explicou.

— Não, em cima da cabeça! Pare de brincadeira! Estou falando desse negócio horroroso, cheio de fios.

— Tela mental — explicou ele, e estendeu o copo para que fosse novamente enchido. — Serve para heterodinizar a radiação de energia do córtice cerebral, dando-lhe forma aleatória. Torna impossível ler o que estou pensando.

— Mas eu pensava que era impossível, mesmo sem o aparelho — obtemperou ela, perplexa. — Quer dizer, a menos que você pertença a uma espécie naturalmente dotada de telepatia.

— O que não acontece com a raça humana — concordou ele —, a não ser

em poucos casos. Quem não é telepata aperfeiçoa sua própria "linguagem" particular, que não faz sentido para pessoa alguma, a menos que o tenha estudado por muito tempo, isoladamente. Assim, a telepatia nunca foi considerada uma ameaça especial no trabalho, e você provavelmente nunca ouviu falar na tela mental. Foi aperfeiçoada há pouco tempo. E o motivo para o aperfeiçoamento está em pé, ali, pode ver.

Ela acompanhou a direção que Flandry indicara com o olhar.

— Quem? Aquele ser alto, de manto negro?

— Em pessoa. Já tive uma refrega com ele, e descobri, para... meu... desconforto, digamos... que é dotado de um talento singular. Se é coisa que só ele tem, ou toda a sua raça, não sei. Mas em um raio de centenas de metros, Aycharach de Quereion pode ler a mente de qualquer criatura de qualquer espécie, quer a tenha conhecido antes ou não.

— Mas... ora, veja só...!

— Exatamente. Ele é persona non grata em todo o nosso território, está claro, criatura a ser morta assim que percebida. Mas, como sabe, minha Dama — disse Flandry, em tom desarvorado — não estamos agora no Império Terrestre. Júpiter pertence à Dispersão de Ymir.

— Oh — disse a Dama Diana, corando. — Um telepata!

Flandry dedicou-lhe um sorriso torto.

— Aycharach é o equivalente a um cavalheiro — explicou. — Não viria denunciá-la, se lesse seus pensamentos. Mas é melhor que eu vá falar como camarada — explicou, fazendo mesura. — Tenho certeza de que não lhe faltará companhia. Vejo mais de dez homens caminhando para cá.

— E estão mesmo — concordou ela, sorrindo. — Mas eu acho que Aycharach... Como você pronuncia o nome dele, francamente, não sei... acho que ele será muito mais interessante — e tomou-lhe o braço.

Flandry quis livrar-se, ela resistiu. Ele segurou-lhe o punho com a mão, tirou-o sem qualquer esforço. Talvez o rosto que exibía fosse falso, era coisa que costumava dizer a si próprio de vez em quando, mas ao menos o corpo era seu, e as horas pavorosas que passara, fazendo calistemia e ginástica de todos os tipos, haviam trazido alguma recompensa.

— Sinto muito, minha dama — retorquiu —, mas é hora de cuidar de meus negócios, e você não foi iniciada na segunda profissão mais antiga do mundo. Divirta-se.

Os olhos dela reluziram, a vaidade ofendida. Ela girou sobre os calcanhares, acolhendo o Duque de Marte, com muito mais entusiasmo que o jovem bobo merecia. Flandry deu um suspiro. Acho que te devo mil créditos, Ivar. Colocou o cigarro em ângulo atrevido e seguiu, atravessando o salão de baile.

Aycharach sorriu. Seu rosto também era humanóide, mas de modo ossudo, o

nariz parecendo-se a uma espada; os ângulos da boca e maxilar eram exagerados, parecendo grandes "V". Podia, quase, ter sido o rosto de algum santo bizantino, mas a pele tinha tonalidade puramente dourada, as sobrancelhas eram arcos de penas azuis finas, o crânio calvo tinha um topete de penas e orelhas pontuadas. O peito largo, a cintura de vespa, pernas magricelas e compridas, encobertas pela capa. Os pés, com quatro dedos e garras e esporões nos tornozelos, apresentavam-se sem qualquer calçado.

Flandry tinha quase certeza de que a vida inteligente em Quereion evoluíra a partir dos pássaros, e que o planeta devia ser seco, dotado de atmosfera fria e rarefeita. Tinha indicações de que a civilização natural de Quereion era incredivelmente antiga, e motivos para crer que não fosse uma simples súdita de Merséia. Além disso, entretanto, seu conhecimento desaparecia por completo. Não sabia até mesmo onde ficava o sol de Quereion, na esfera Merseiana.

Aycharach ofereceu-lhe a mão de seis dedos. Flandry a apertou. Os dedos eram delicados, comparados aos seus. Por um momento de brutalidade, pensou em apertar bastante, esmagando os ossos frágeis. Aycharach tinha pouco mais estatura que ele, porém Flandry era homem bastante grande, o corpo bem mais largo e sólido.

— Um prazer voltar a encontrá-lo, Sir Dominic — disse Aycharach, e sua voz era baixa, uma verdadeira maravilha para ouvir-se. Flandry fitou-lhe os olhos cor de ferrugem, dotados de brilho metálico acolhedor, e soltou a mão.

— Não foi inesperado, com certeza — contrapôs.

— Para você, é o que quero dizer.

— Você viaja bastante — disse Aycharach. — Eu tinha a certeza de que alguns elementos de seu corpo estariam aqui esta noite, mas não podia estar certo de seu próprio paradeiro.

— Eu bem que queria saber do seu — ripostou Flandry em tom de lástima.

— Parabéns pelo modo como tratou o affaire Nyanza. Vamos sentir a falta de A'u em nossas fileiras. Ele tinha certo brilho aquoso.

Flandry conseguiu impedir a manifestação de surpresa.

— Eu pensei que esse aspecto da questão tinha sido encoberto — observou. — Mas essas criaturas parecem ter ouvidos bem grandes. Há quanto tempo você está no Sistema Solar?

— Algumas semanas — respondeu Aycharach.

— Mas como viagem de prazer — explicou, e inclinou a a cabeça um pouco.

— Ah, a orquestra começou a tocar uma valsa de Strauss. Ótimo. Embora Johann, está claro, não possa ser comparado a Richard, que sempre será o Strauss.

— É mesmo? — contrapôs Flandry, cujo interesse pela música antiga era pouco maior que seu interesse em suicidar-se. — Nunca me passou pela cabeça.

— Pois devia ter passado, meu amigo. Sem abrir exceção até mesmo para Xingu, Strauss é o compositor

mais mal compreendido na história galáctica que se conhece. Se eu fosse para a prisão perpétua, tendo apenas uma fita gravada, escolheria sua Morte e Transfiguração, e ficaria satisfeito.

— Pode deixar que eu providencio — ofereceu Flandry, no mesmo instante.

Aycharach deu uma risadinha, tomou-o pelo braço.

— Venha, vamos achar um lugar mais sossegado. Mas, eu rogo, não desperdice ocasião tão divertida por minha causa. Reconheço visitar a Terra clandestinamente, mas essa parte foi necessária para a satisfação de minha curiosidade pessoal. Eu não tinha a intenção de furtar os gabinetes Imperiais...

— Que, aliás, estão dotados de alarmes contra Aycharach.

— Detetores de telepatia? Sim, é o que seria de supor. Estou um pouco velho e duro nas juntas, e a gravidade de vocês é um pouco grande, para que eu me dedicasse a meus roubozinhos. Também não tenho o tipo de aparência estonteante que é necessária, ao que me dizem todos os teleplays, para o trabalho de capa e espada. Não, eu só queria ver o planeta que criou uma raça como a sua. Andei por algumas florestas, examinei algumas pinturas, visitei algumas sepulturas escolhidas e voltei para cá. Estou a ponto de partir, por falar nisso. Você não precisa avisar a seu Imperium, para fazer pressão sobre os ymiritas, a fim de que me expulsem daqui; minha nave-correio parte dentro de vinte horas.

— Para onde? — perguntou Flandry.

— Para além, e outros lugares — disse Aycharach, sem se perturbar.

Flandry sentiu que os músculos do estômago endureciam.

— Syrax? — exclamou.

Fizeram uma parada na entrada do conservatório, onde a gravidade era nula. Uma grande esfera de água balançava-se como prata, no centro, com a mata de samambaias e mil flores entre púrpura e escarlate, formando uma caverna em torno, as estrelas e o grande Júpiter além. Mais tarde, sem dúvida, os humanos jovens e mais bêbados estariam tirando as roupas e jogando-se para nadar naquele globo cheio de serenidade. Por enquanto, só a música habitava ali. Aycharach passou, pelo umbral, a capa esvoaçava como asas negras, enquanto ele seguia pela abóbada-bolha. Flandry veio em seguida, em roupas que pareciam fogo e trombetas. Precisou de momentos, até ajustar-se à imponderabilidade. Aycharach, cujos ancestrais haviam recortado o céu de Quereion, não pareceu precisar de tal providência.

O não-humano parou no vôo, agarrando-se a uma fronde de samambaia. Olhava para um conjunto violeta de orquídeas, e sua comprida cabeça de gavião inclinou-se.

— Negro contra o globo de água e mercúrio — disse, parecendo pensar alto

—, o universo negro e frio além dos dois. Aí está um belo arranjo, e com aquele toque de horror necessário à mais elevada manifestação artística.

— Negro? — e Flandry fitou, sobressaltado, as flores cor de violeta. Em seguida, cerrou os lábios, com força.

Aycharach, entretanto, já percebera a idéia do homem, e sorriu.

— Touché. Eu não devia ter deixado escapar que sou cego às cores na faixa de onda azul.

— Mas você vê mais no vermelho do que eu — predisse Flandry.

— Sim, reconheço, já que você mesmo acabaria inferindo, que meu sol natal é mais frio e vermelho do que o seu. Se acha que isso o ajudará a identificá-lo, entre os milhões de estrelas na esfera merseiana, aceite a informação, que lhe dou com os meus cumprimentos.

— O Enxame de Syrax é População Um médio — observou Flandry. — Não se presta muito bem a seus olhos.

Aycharach fitava a água. Peixes tropicais eram visíveis ali, dentro do globo, como muitos foguetes multicores.

— Não quer dizer que eu vou para Syrax — disse ele, com a voz monótona. — Não tenho, com certeza, qualquer desejo pessoal de ir. Há espaçonaves militares em demasia, oficiais em quantidade excessiva. Não gosto da mentalidade deles — afirmou, e fez uma mesura na imponderabilidade. — Com exceção aberta para você, é claro.

— É claro — concordou Flandry. — Ainda assim, se você pudesse fazer alguma coisa para acabar com o impasse por lá, a favor de Merséia...

— Você me lisonjeia — atalhou Aycharach. — Mas receio que ainda não tenha ultrapassado a visão romântica da política militar. O fato é que nenhum dos lados quer fazer o esforço total para controlar as estrelas de Syrax. Merséia poderia utilizá-las como base valiosa flanqueando Antares, e obter assim uma ponta de lança, dirigida a todo o setor de seu Império. A Terra quer o controle apenas para nos negar a posse do Enxame. Como nenhum dos governos deseja, no momento, romper a paz nominal que reina agora, manobram por lá, o poderio naval, espionagem, alguns tirinhos, batalhas em disparada... a parada da tomada completa não vale ainda uma guerra completa.

— Mas se você pudesse desfazer esse equilíbrio, pessoalmente, para que nossa rapaziada perdesse em Syrax — disse Flandry —, nós não atacaríamos sua esfera imperial. Você sabe disso. Seria provocar o contra-ataque para nós. Deus, a própria Terra poderia ser bombardeada! Estamos em conforto demasiado para nos arriscar a um desfecho assim.

Ele se fez calar. Para que pôr à mostra a sua própria amargura e, com isso, arriscar-se a ser preso na Terra, por sedição?

— Se possuíssemos Syrax — observou Aycharach —, com a probabilidade

de 71 por cento isso apressa- ria o colapso da hegemonia Terrena em cem anos. Foi o veredicto de nossos computadores militares... embora eu próprio ache que a fé depositada por nosso Alto Comando nesses computadores seja ingênua e bastante comovente. Mesmo assim, a data predita para a queda da Terra ainda estaria a 150 anos, a contar de agora. Por isso, fico a\* imaginar por qual motivo seu governo se importa.

Flandry deu de ombros.

— Alguns de nós são um pouco sentimentais no que diz respeito a nosso planeta — respondeu, com tristeza. — Além disso, naturalmente, não somos nós mesmos que estamos por lá, levando tiros.

— Mais uma vez a mentalidade humana — observou Aycharach. — Os seus instintos são de tal natureza que vocês nunca aceitam morrer. Você, pessoalmente, por baixo de tudo, não acha que a morte é uma coisa um pouco vulgar, em desacordo com um cavalheiro?

— Talvez. A que você chamaria a morte?

— Chamaria de complementação.

A conversa passou a coisas impessoais. Flandry jamais conhecera alguém com quem pudesse conversar dessa maneira. Aycharach era sábio, erudito, e infinitamente bondoso, quando o desejava; e sabia empregar seu espírito cortante, retalhando o rosto pomposo do

Império. Falar com ele, aflorando de vez em quando as questões imortais, era quase como um confissão, pois ele não era humano, e não julgava os feitos humanos, mas ainda assim parecia compreender os desejos em que tais feitos se arraigavam.

Flandry finalmente apresentou desculpas relutantes para afastar-se. Pois é, dizia a si próprio, trabalha é trabalho. Como a Dama Diana ignorava estudadamente sua presença, atraiu uma coisinha fofa e de cabelos ruivos para a sala ao lado, disse-lhe que estaria de volta em dez minutos, e saiu por um corredor traseiro. Talvez algum merseiano que o visse desaparecer não contasse com sua volta, por uma ou duas horas; talvez não reconhecesse a pequena, quando ela se cansasse de esperar e voltasse ao salão de baile. Os seres humanos pareciam-se muito, uns aos outros, aos olhos destreinados dos não-humanos, e havia pelo menos mil convidados, a essa altura.

Era uma camuflagem das mais fracas para sua retirada, mas a melhor que ele podia encontrar.

Flandry entrou novamente no iate e despertou Chives.

— Para casa — ordenou. — Aceleração máxima. Ou impulso secundário, se você acha que agüenta com ele, dentro do Sistema, nessa geringonça dourada.

— Sim, senhor. Agüento.

Em velocidade superior à da luz, ele estaria na Terra em questão de minutos,

em vez de horas. Excelente! Talvez fosse possível conseguir a complementação para Aycharach.

Mais de metade de si mesmo, entretanto, contava que tal tentativa fracassasse.

Aconteceu que era dia, na América do Norte, onde o Vice-Almirante Fenross tinha seus gabinetes. Não que importasse, pois era provável que trabalhassem por todo o tempo no setor de Informações, ou de outra forma Flandry poderia tirar o superior da cama. Na verdade, teria preferido fazê-lo.

Do modo como as coisas saíram, no entanto, ele criou movimentação satisfatória. Poupano uma hora, fazendo com que Chives dirigisse o iate, de modo ilegal, por todas as pistas de tráfego acima do Centro do Almirantado. Com um macacão por cima das roupas da festa, passou pela porta e dirigiu um repulsor de grav até o quadragésimo flange da torre de Informações. Enquanto o iate estava sendo detido por um monitor do ar, Flandry discutia com o fuzileiro em serviço de guarda. Encarava a bocarra de um desintegrador e dizia:

— Você me conhece, sargento. Deixe-me passar. É urgente.

— Acho que conheço o seu rosto, senhor — contrapôs o fuzileiro. — Mas as caras podem ser mudadas e ninguém me embrulha sem um passe. Fique aí, enquanto eu chamo uma patrulha.

Flandry pensou em passar no peito, mas os Fuzileiros Imperiais conheciam todos os tipos de judô. Com os infernos, ia gastar uma hora com identificação! Espere. A memória entrou em lugar.

— Você é Mohandas Parkinson — disse Flandry: — Tem quatro criancinhas que são umas belezocas, sua mulher é irracionalmente monógama e você andou brincando de Vai, Que É Mole, na casa de Madame Cepheida, no mês passado.

A arma que o sargento Parkinson empunhava vacilou.

— Hem? — exclamou, e logo, em voz alta: — Não sei de que está falando!

— A mesa de Vai, Que É Mole, na Madame Cepheida, tem vinte metros quadrados — explicou Flandry —, e as peças são pequenas, bem vivinhas. Durante a partida... já começou a entender, sargento? Eu também estava lá, observando, e tenho a certeza de que sua esposa gostaria muito de saber que você ainda é capaz de empresas tão memoráveis quanto...

— Vá passando, seu... chantagista! — exclamou Parkinson quase engasgado, engolindo em seco e logo aduzindo: — Senhor.

O Capitão Flandry riu, deu uma palmadinha no capacete do fuzileiro, ajudou-o com a mão a guardar a arma no coldre e seguiu com rapidez para o interior.

Diversamente da maioria, Fenross não usava uma bela recepcionista, no gabinete externo. Uma robovoz perguntou que assunto trouxera ali o recém-chegado.

— Herói — disse ele, sem se alterar. — O robô disse que o Almirante estava ocupado com um acontecimento novo e dos mais perturbadores. Flandry disse que acontecia o mesmo, em seu caso, e teve entrada.



O rosto encovado, trêmulo, sentado à escrivaninha, Fenross fitou Flandry e seus olhos não estavam tão

congestionados que deixassem de exprimir um lampejo de ódio.

— Oh — disse. — Você. Muito bem, Capitão, o que vem interromper o tête-à-tête, com seus amigos merseianos?

Flandry sentou-se, tirou um cigarro do bolso. Não era surpresa, para ele, que Fenross o espionasse, mas o fato se mostrava irritante, assim mesmo. Como foi que esta briga começou? pensava. Só porque eu apanhei aquela pequena... como é mesmo que se chamava? Marjorie? Margaret?... Será que foi porque eu a tirei dele uma vez, quando éramos cadetes? Ora, aquilo eu fiz de brincadeira. Ela não era das melhores, por mais que a plástica pudesse melhorar as coisas.

— Tenho notícias importantes demais para mandar por qualquer circuito — anunciou. — Acabei de...

— Você está em férias — retorquiu Fenross. — Nada tem a fazer aqui.

— O quê? Olhe, era o Aycharach! Ele mesmo! Na Lua de Cristal!

Na face de Fenross um músculo retorceu-se.

— Não posso dar ouvidos a informação não-oficial — avisou. — Tudo está explodindo, além de Aldebaran. Se você acha que fez alguma coisa brilhante, apresente um relatório, pelos canais competentes.

— Mas... pelo amor de Deus! — de um salto, Flandry ficara em pé. — Almirante Fenross, senhor, seja lá como quer que eu o chame, ele vai deixar o Sistema Solar em questão de horas. Por nave-correio. Não podemos tocá-lo no espaço Ymirita, mas se pudermos pegá-lo saindo... o homem é cheio de truques, a emboscada pode não dar certo, mas com cento e trinta demônios, se pudermos pegar Aycharach, será melhor do que destruir uma frota merseiana!

Fenross estendeu a mão, que tremia muito de leve, tirou da gaveta uma pequena caixa de pílulas, extraiu uma delas.

— Faz quarenta horas que não durmo — resmungou. — E você de folga, naquele iate... Não posso tomar conhecimento, Capitão. Não posso, por causa das circunstâncias.

Ergueu novamente os olhos, onde a astúcia brilhava e aduziu:

— Está claro que, se você quiser cancelar suas próprias férias...

Flandry permaneceu ali rígido, por momentos, olhando o homem protegido pela escrivaninha, o homem que o odiava. A memória voltava, devagarzinho: Depois de eu ter acabado coro ela, sim, a pequena andou um pouco biruta. Morreu de acidente em Vênus, não foi?... uma turma embriagada, voando por cima da Serra... sim, acho que ouvi falar do caso. E Fenross nunca mais olhou para outra mulher.

Ele suspirou.

— Senhor, estou me apresentando para o serviço ativo.

Fenross assentiu.

— Dê parte ao robô, quando sair. Agora, tenho trabalho para você.

— Mas o Aycharach...

— Tomaremos conta dele. Estou com outra coisa mais apropriada para você — e Fenross sorriu, engoliu a pilula, acompanhando-a por um gole de água no bebedouro da escrivaninha. — Afinal de contas, um agente audacioso precisa de audácia, você não acha?

Será que é só o fato de ele ter mais patente, enquanto eu tive mais divertimento? pensava Flandry. Quem sabe? Ele sabe? Voltou à cadeira, recusando-se a demonstrar qualquer expressão no semblante.

Fenross batia com os dedos na tampa da escrivaninha e olhava para a parede vazia. O uniforme era tão severo quanto o permitiam os regulamentos — já o de Flandry ia na direção oposta — mas, ainda assim, formava uma base desnecessariamente formidável para sua cabeça vermelha e atormentada.

— Isto é dito sob o maior dos segredos — começou, em voz monótona e rápida. — Não sei por quanto tempo poderemos evitar que a notícia transpareça, entretanto. Uma de nossas colônias está sitiada. É lá longe, dentro da esfera Imperial.

Flandry assobiou, espantado.

— Onde? Quem?

— Já ouviu falar em Raposa? Pois é, eu também não, até que isto aparecesse. É um planeta colonizado por seres humanos, e uma estrela F6, a cerca de 100 anos-luz do Sol, um tanto para o norte e na direção dos ponteiros de um relógio de Aldebaran. Mundo biruta, mas poderosamente consolidado, como colônia. Você sabe que essa região é pobre em sistemas de interesse para os humanos, e pouquíssimo explorada. Na verdade, Raposa está no meio de um deserto. Está, mesmo? Você vai ficar buzinando, quando eu lhe disser que uma frota espacial surgiu, há semanas, e exigiu que ela concordasse com a ocupação. As naves eram de tipo exótico e a raça que as tripula não pode ser identificada. Mas alguns, pelo menos, falavam inglês bastante bem.

Flandry continuava sentado, imóvel. Ocorriam-lhe fatos, tão conhecidos que chegavam a ser ridículos, mas ainda assim tinham que ser novamente examinados. O que acontecera não tinha precedentes.

Um domínio interestelar não pode ter fronteiras definidas; as estrelas se espalham de modo bastante esparsa, seus tipos intermisturam-se por demais. E também o número delas é excessivo. Em cálculo aproximado, o Império Terrestre era uma esfera com cerca de 400 anos-luz de diâmetro, centralizada no Sol, contendo calculadamente quatro milhões de estrelas. Destas, entretanto, menos de metade jamais fora visitada. Apenas 100 mil estavam diretamente

ligadas ao Imperium, e alguns múltiplos dessa cifra poderiam ter contato leve, devendo ao centro uma obediência teórica. Pense-se em um só planeta; é compreender que se trata de um mundo, tão grande, variado e estranho quanto esta Terra, dispondo de outros tantos elementos em conflito, na raça língua e cultura, entre os nativos; calcule-se quanto de governo até mesmo um só planeta requer, e veja-se com que rapidez um reinado sobre muitos planetas se torna impossivelmente grande. E é pensar, também, em que pequena porcentagem de estrelas é de qualquer utilidade a uma dada espécie (quente, fria, turbulenta demais, ou companheiras em número excessivo) e, destas, as poucas que terão até mesmo um só planeta, onde tal espécie se encontre razoavelmente bem. O Império se torna, sem dúvida, coisa bastante tênue. E sua extensão inconcebível é ainda uma simples poeira, na parte externa de um braço espiral da galáxia; entre uma centena de bilhões, ou mais, de sóis grandes, aqueles que são conhecidos de um só mundo não passa de um punhado dos mais ralos e minúsculos.

Mesmo assim — atacar tão dentro dessa esfera? Não! Espaçonaves isoladas podiam rondar entre as estrelas com facilidade, mas uma frota de guerra jamais poderia chegar a cem anos-luz, entrando nas mais distantes bases Imperiais. O "despertar" instantâneo do tempo-espaço perturbado, advindo de tantas espaçonaves, não escaparia à detecção em algum ponto da linha externa. Assim sendo...

— Essas naves não foram construídas dentro de nossa esfera — explicou Flandry, falando devagar. — E não o foram a muitos parsecs de Raposa.

Fenross teve um sorriso de zombaria.

— O seu gênio me espanta. A bem da verdade, entretanto, podem ter vindo de mais longe do que o costume, sem serem percebidas, porque grande parte da Marinha está agora em Syrax. Mas seus postos internos estão reduzidos, alguns inteiramente abandonados. Concordo em que o inimigo deve basear-se dentro de alguns parsecs de Raposa. Mas isso não significa que vivam lá. A base deles pode ser uma estação espacial, um planeta vagabundo, ou alguma coisa que jamais saberemos. Eles podem ter mandado a frota para lá na base de uma nave, de cada vez, ao correr de alguns meses.

Flandry sacudiu a cabeça, em negativa.

Linhas de abastecimento. Tendo ocupado Raposa, precisarão sustentar a guarnição, até que seja auto-suficiente. Não, eles têm uma base em algum ponto da esfera Imperial, com certeza no mesmo quadrante. O que inclui, apenas, cerca de um milhão de estrelas! Digamos, aproximadamente, cem mil possibilidades, algumas nem mesmo catalogadas. Quantos anos seriam precisos, a quantas naves, para examinar 100 mil sistemas?

— Exato. E o que estaria acontecendo, enquanto isso?

— O que aconteceu?

— Os raposinos resolveram lutar. Há uma pequena base naval no planeta deles, sem guarnição no presente, mas na população civil havia um número

suficiente, sabendo usar o arsenal. Eles despacharam correios, naturalmente, e a Estação de Aldebaran enviou a ajuda que pôde. As últimas notícias dizem que Raposa está sitiada. Vamos despachar uma força-tarefa, mas será preciso tempo para chegar lá. Aquela questão infernal de Syrax serve para nos amarrar as mãos. Os relatórios indicam que os alienígenas não têm força esmagadora; podíamos mandar naves, o bastante para transformá-los em mésons. Mas se retirarmos tantas naves de Syrax, as que fossem voltariam para encontrar Merséia encravada no Enxame.

— Um empate? — disse Flandry, como a pensar alto.

— Quem sabe? Tenho uma idéia, no entanto, e a sua missão será investigá-la.

Dito isso, Fenross inclinou-se sobre a escrivaniinha. Seus olhos encovados fitavam os de Flandry, examinando-os.

— Estamos mais do que prontos a cuidar de Merséia, quando alguma coisa desandar — aduziu ele, com voz fraca. — Mas, afinal de contas, eles vivem bastante longe daqui. Há uma outra força alienígena, bem ao lado... e tão entrelaçada com Merséia quanto conosco.

— Está falando de Ymir? — retorquiu Flandry, com um resmungo. — Ora vamos, meu caro chefe, está deixando que sua xenofobia o domine.

— Pense — insistiu Fenross. — Alguém, ou alguma coisa, ajudou esses alienígenas em Raposa a construir uma frota de guerra moderna. Eles não o poderiam ter feito sozinhos; nós saberíamos, se houvessem começado a explorar o espaço estelar, e o conhecimento tem de anteceder a conquista. Alguém, muito conhecedor de nossa situação, informou aos alienígenas quanto à nossa língua, armamento, disposição territorial... a coisa toda. Alguém, tenho a certeza, disse a eles onde deveriam atacar; agora, quando quase toda a nossa força está em Syrax. — Quem? Aí está uma coisa a ser sabida. Os alienígenas usam um sistema de força à pressão de hélio, como os Ymiritas. Isso se mostrou de modo inconfundível nos detetores. A pressão de hélio está certo, mas não é tão conveniente quanto o ciclo atômico do hidrogênio pesado; não é, para quem vive sob condições terrestróides, e os alienígenas vivem, sem dúvida alguma. As naves, a forma delas, é o que quero dizer, também têm um toque sutilmente Ymirita. Vou mostrar-lhe fotografias que chegaram com os relatórios. Essas naves parecem ter sido desenhadas por algum engenheiro mais acostumado a trabalhar com o hidrolítio do que o aço...

— Quer dizer que os Ymiritas estão apoiando os alienígenas? Mas...

— Mas, coisa nenhuma. Há um planeta Ymirita no sistema de Raposa, também. Quem sabe quantas estrelas aqueles rastejadores já colonizaram... estrelas de que nunca ouvimos falar? Quem sabe quantas raças clientes eles poderiam dominar? E viajam calmamente, de um lado para outro, atravessando nossa esfera e a da Merséia, e... suponhamos que eles estejam secretamente de conluio com Merséia. Que meio melhor para fazer entrar agentes merseianos em nosso sistema? Nós não fazemos parar as naves Ymiritas. Não podemos! Mas

muitas delas podiam levar uma bolha-força, com condições terrestróides por dentro... há anos acho que temos confiado infantilmente em Ymir. É hora de investigarmos com detalhes. Talvez seja tarde demais!

Flandry amassou a ponta acesa do cigarro.

— Mas que interesse eles têm em tudo isso? — perguntou, com suavidade. — O que poderia possuir qualquer raça que respira oxigênio, e que eles cobiçassem... ou com que os subornassem?

— Isso, não sei — declarou Fenross. — Posso estar erradíssimo, mas quero que a coisa seja examinada. Você vai voltar a Júpiter, Capitão. Imediatamente.

— O quê?

— Sofremos falta crônica de pessoal, nesta divisão dos serviços — explicou Fenross. — Agora, a coisa está pior do que nunca. Você tem que ir sozinho. Espie por lá o quanto puder. Leve todo o tempo que for preciso. Mas não volte sem um relatório que dê alguma indicação... confirmando ou desmentindo!

Ou volte morto, pensava Flandry. Fitou o rosto de tiques nervosos, o do chefe, e sabia que era isso o que Fenross queria.

Tirou Chives da cadeia e debateu consigo mesmo se devia voltar furtivamente à festa de Ruethen. Ela continuava, mas resolveu o contrário. Aycharach jamais teria mencionado sua própria saída, sem supor que Flandry fosse informar aos superiores. Talvez fosse seu modo de brincar — a coisa podia ser um desafio direto, pois Aycharach era o tipo de criatura que gostaria de ver se conseguiria escapar a uma emboscada — na maior probabilidade, tudo aquilo era deliberado cumprindo algum fito obscuro. De qualquer forma, um ou dois oficiais jovens de Informações poderiam manter-se a par do paradeiro do Quereionita melhor do que Flandry, criatura por demais conhecida. Tendo evidenciado isso, o homem levou Chives a seu veículo particular.

Embora bastante voluptuoso por dentro, o Desordeiro era uma nave de combate, com armas e velocidade. Mesmo no impulso primário, abaixo da velocidade da luz, podia alcançar Júpiter em tão poucas horas que Flandry mal teria tempo para pensar em que fazer. Ele ajustou o auto-piloto e fez um gesto a Chives, pedindo bebida.

— Bem forte — explicou verbalmente,

— Sim, senhor. Quer a roupa branca, ou prefere um terno de trabalho?

Flandry pensou em sua elegância amarfanhada, suspirou. Chives passara cerca de uma hora a vesti-lo — e nada resultará.

— Macacão cinzento comum — respondeu. — Também sacos com cinzas, porque estou em penitência.

— Muito bem, senhor.

O valete serviu whisky com gelo. Chives viera de Shalmu, e era de todo humanóide, a não ser pela epiderme sem pelos e cor de esmeralda, a cauda preênsil, 1,40 m. de altura e detalhes de ouvidos, mãos e pés. Flandry o comprara alguns anos antes, dera-lhe o nome de Chives, e lhe ensinara bom número de artes úteis. Ultimamente, o ser se recusara, de modo educado, a ter liberdade. ("Se posso ter a audácia de dizê-lo, Senhor, receio que meu costumes tribais teriam completa falta de interesse para mim, e o pior seria a deplorável falta de sentido sobre o que é correto".)

Flandry ficou bebendo e pensando, por algum tempo.

— O que sabe de Ymir? — perguntou.

— Ymir é o nome humano arbitrário, senhor, para o planeta principal de um reino... se posso usar essa palavra adequadamente... limítrofe ao Império Terrestre, o Merseiano, e sem dúvida uma grande parte da galáxia além.

— Não seja tão infernalmente literal — rebateu Flandry. — Ainda mais quando estou sendo retórico. Quer dizer, o que você saber sobre os modos de viver, pensar, crer e as esperanças deles? O que é que eles acham bonito, o que é horrível demais para que tolerem? Santos deuses galopantes, o que é que usam

como governo? Chamam a si mesmo de a Dispersão, como dizem, quando falam ânglico, mas isso é uma tradução ou um simples título escolhido de qualquer modo? Como podemos saber? O que você e eu temos em comum com um ser que vive a cem abaixo de zero, respirando hidrogênio em pressão que faz os nossos leitoss oceanicos parecerem vácuos, bebendo metano líquido e usando gelo alotrópico para fabricar as ferramentas? Ele fez uma pausa, e prosseguiu:

— Já estávamos prontos a ceder-lhes Júpiter; planetas do tipo Júpiter por todo o nosso reino. Eles tinham planetas terrestres para oferecer, em troca. Ora, aquela barganha dobrava o volume de nossa esfera. E nós trocamos certa quantidade de informações científicas com eles, física de alta pressão por física de baixa metabolismos de oxigênio versus metabolismos de hidrogênio... mas foi desapontadoramente pouco, quando se olha bem. Eles haviam estado no espaço interestelar por mais tempo do que nós. (E como foi que aprenderam a ciência atômica, sob a pressão aérea Ymirita? Nós não perguntamos?) Eles já tinham observado nosso tipo de vida de fora a fora... até que ponto da galáxia? Não podíamos oferecer-lhes uma só coisa que fosse importante, a não ser o direito de colonizar alguns planetas a mais, em paz. Eles nunca haviam demonstrado tanto interesse por nossas guerras... as guerras de respiradores de oxigênio, em planetas pigmeus... quanto você e eu teríamos, por uma luta entre dois exércitos de formigas. Por que haveriam de importar-se? Era possível lançar a Terra ou Merséia em cima de Júpiter, e nem mesmo faria um baque decente. Já por cem anos os Ymiritas quase não nos disseram uma só palavra. Ou a Merséia, se julgarmos pelas indicações disponíveis. Até agora.

Nova pausa, e ele prosseguia:

— Ainda assim, olhei as fotos tiradas perto de Raposa, pouco antes de partirmos. E Fenross, que o diabo o leve, tem razão. Aqueles navios pontiagudos foram feitos em um planeta semelhante à Terra, mas têm linhas Ymiritas... do modo como os primeiros automóveis da Terra traziam o motor na frente, porque era ali que costumavam ficar os cavalos das carruagens... Pode ser coincidência, ou como tapeação. Ou... nem sei. E como é que vou descobrir, um homem sozinho em planeta cujo raio é dez vezes maior que o da Terra? Judas! — ele exclamou, esvaziou o copo, e estendeu-o novamente.

Chives voltou a enchê-lo e regressou ao guarda-roupas.

— Xale branco ou azul? — perguntava a si mesmo. — Hum, sim, acho melhor o branco, senhor.

O Desordeiro mergulhava à frente. Flandry estava precisando de um solavanco firme, para voltar aos sentidos, à altura que pousavam em Ganimedes.

Havia um protocolo a seguir, em visita assim. Não estivera em uso por décadas seguidos. Flandry teve de consultá-lo, mas a estação-robô continuava esperando pacientemente, em meio às montanhas escarpadas. Apresentou então as credenciais, o contato pelo rádio foi feito com o planeta primário, mensagens desconhecidas circularam sobre a superfície do mesmo. A resposta foi rápida: Sim, Capitão, o governador pode recebê-lo. Há uma nave indo em direção a

vocês, e estará à sua disposição.

Flandry olhou para a desolação pedregosa de Ganimedes. Não tardou para que uma forma acachapada e reluzente fizesse a descida em raio de gravidade. Um tubo saiu de sua porta para a do Desordeiro. Flandry emitiu um suspiro.

— Vamos — disse, e seguiu andando. Chives veio atrás, com uma carga de armas, ferramentas e instrumentos — nenhum dos quais, provavelmente teria grande utilidade. Seguiu-se um momento de náusea, sob a gravidade natural de Ganimedes, e depois entraram na bolha, cujas condições internas eram iguais à da Terra.

Parecia-se a uma cabine de passageiros de terceira classe, a não ser pelas ornamentações fora de moda, e uma série de grandes telas visuais. Era difícil crer que fosse o único forro interno material de um campo de força; que essa mesma energia, prima daquela que mantinha coeso o núcleo atômico, fosse tudo a manter aquele aposento livre do esmagamento, por pressão intolerável. Ou que, naquele instante, mantivesse o resto da espaçonave a salvo da explosão. A maior parte da nave era uma liga de água, lítio e hidrogênio metálico, estáveis somente sob as condições superficiais jovianas.

Flandry deixou que Chives fechasse a comporta de ai, enquanto ligava as telas. Estas lhe proporcionaram plena visão do exterior. Uma delas continuou apagada, pois era para comunicação, a outra mostrava a cabine do piloto.

Uma voz artificial, ridiculamente doce, no estilo de um século antes, disse:

— Cumprimentos, Terreno. Meu nome, na maior aproximação em equivalentes sônicos, é Horx. Eu sou seu guia e intérprete, enquanto você permanecer em Júpiter.

Flandry olhou para a tela. O Ymirita não chegava a formar-se de todo, em sua visão mental. Não tinha os olhos preparados para aquelas formas e proporções, vistas àquela luz fantasmagoricamente vermelho-azul-bronzeadas, em mudança constante. (E aquilo não era a coisa verdadeira, mas uma tradução eletrônica. Um ser humano olhando diretamente para o ar espesso de Júpiter veria apenas escuridão.)

— Olá, Horx — disse ele, a forma negra e grande, de muitas pernas, com as cabeças singulares dotadas de gavinhas. Umedeceu os lábios, que lhe pareceram um tanto secos. — Eu, quer dizer, acho que você não teve ainda uma missão como essa em sua vida.

— Tive diversas vezes, faz cem anos terrestres, mais ou menos — explicou Horx, de modo despreocupado. Não parecia mexer-se, nem tocar em controle algum, mas Ganimedes afastava-se nas telas visuais e o espaço aberto irrompia pela frente. — Desde então, andei fazendo outro trabalho.

Seguiu-se uma hesitação. Finalmente, aduziu:

— Recentemente, entretanto, conduzi diversas missões à nossa superfície.



— O quê? — e Flandry engasgava.

— Merseianos — disse Horx. — Pode indagar ao governador, se desejar — e nada mais disse, durante toda a viagem.

Júpiter, já grande no cenário, tornou-se metade do céu. Flandry viu manchas passarem por sua face brilhante e multicolor, sombras que eram tempestades, tempestades essas que poderiam engolir toda a Terra. E logo a visão se perdeu, ele caía, passava pela atmosfera. Ainda assim as telas esforçaram-se por mostrar-lhe alguma coisa; ele viu nuvens de cristal de amônia, com mil quilômetros de extensão, entremeadas de estranhos azuis e verdes que eram radicais livres; viu o relâmpago saltar em céu cor de púrpura, e o clarão distante e amarelo de explosões de sódio. Enquanto descia, dava para sentir, muito de longe, o estremecimento da nave, batida por ventos fantásticos, e ouvia o grito abafado e o trovão do ar.

Eles circularam pelo lado noturno, descendo ainda, e Flandry viu um oceano de metano, as ondas a se esbaterem, achatadas pela pressão e gravidade, contra um penhasco de gelo alotrópico negro, que ruía e era erguido novamente, enquanto ele observava. Viu uma planície infinita, onde coisas, metade árvores e metade animais — sem serem nem árvores, nem animais, em qualquer sentido terrestre — estendiam frondes parecidas a serpentes, procurando coisas que voavam, em formas de fitas, com cem metros de comprimento. Viu bolhas passarem vertiginosamente em vento vermelho, e eram lindas, em suas cores de miríade, cantavam em vozes finas de cristal, que de algum modo penetravam na nave. Mas são podiam ser bolhas verdadeiras, naquela pressão. Poderiam, mesmo? Uma cidade entrou no campo visual, logo além da linha do amanhecer. Caso fosse realmente uma cidade. Era, pelo menos, uma estrutura unificada, de extensão imensa, intrincada de grotas e arabescos, a construção bem baixa por toda a parte, mas ainda assim graciosa. Na tela de Flandry sua cor era de azul polido. Aqui e acolá faíscas e fios de energia branca brilhavam por momentos. Mas magoavam seus olhos. Eram muitos Ymiritas, voando com asas próprias ou deslizando nos planadores de motor, em forma de projéteis. Não dava para pensar em Júpiter como planeta onde qualquer coisa pudesse voar, até que se lembrasse da densidade do ar; compreendia-se, então, que era, para dizer com mais propriedade, uma questão de nadar.

A espaçonave fez uma parada, adejando sobre seu campo repulsor. Horx disse:

— O Governador Thua.

Outro Ymirita veio acocorar-se de repente, na tela de comunicação externa. Segurava alguma coisa que fumegava e luzia, mudando de forma. A voz-robô, impessoalmente melodiosa, disse por ele, sob o guante eterno de um vento que poderia derrubar qualquer cidade construída pelos homens:

— Seja bem-vindo. O que deseja?

Os documentos antigos haviam informado a Flandry que devia contar com a

brusquidão. Não se tratava de descortesia. O que poderia levar um ser humano e um Ymirita a conversarem sem consequência, trocarem frases sem maior sentido? O homem puxou a fumaça do cigarro, fazendo com que a ponta brilhasse, e disse:

— Vim em missão de investigação para meu governo.

Aqueles seres estavam a par da situação de Raposa, ou não; neste último caso, não eram aliados de Merséia e seria de presumir-se que não falaria. Ou, se estivessem a par do que se passava, que diferença fazia? Flandry explicou.

Thua disse, no mesmo instante:

— Você parece ter pouca base para desconfiar de nós. Uma simples semelhança de aparência e tecnologia nuclear é, logicamente, insuficientes.

— Eu sei — aceitou Flandry. — Podia ser fingimento.

— Podia ser, até, que um Ymirita ou alguns deles tivessem oferecido orientação às entidades que instigaram esse ataque — afirmou Thua. Não era possível avaliar, com base na pseudo-voz, mas ele não parecia ofendido, nem solidário; apenas monumentalmente desinteressado. — A Dispersão tem estado fora de estímulo, no que diz respeito a indivíduos, por muitos ciclos. No entanto, não consigo imaginar que motivo teria um Ymirita para esforçar-se a favor de respiradores de oxigênio. Não há qualquer conhecimento a ser adquirido em atos assim, e proveito material muito menos.

— Um indivíduo em aberração? — sugeriu Flandry, mas alimentava poucas esperanças — Como um homem que cutuca um formigueiro... a residência de animais inferiores... só para passar tempo?

— Os Ymiritas não aberram dessa forma — disse Thua, rigidamente.

— Estou informado de que vocês receberam visitas Merseianas recentemente.

— Eu estava a ponto de falar no assunto. Faço tudo que posso, para garantir ambos os impérios quanto à neutralidade rigorosa de Ymir. Seria um aborrecimento se qualquer dos lados nos atacasse e nos obrigasse a exterminá-lhes as espécies.

E essa é a maior farolagem, desde aquela do pescador, que pegou o equador, pensou Flandry, ou então a verdade nua e crua. Ele disse em voz alta, escolhendo as palavras cuidadosamente:

— O que, então, estiveram os Merseianos fazendo aqui?

— Queriam efetuar algumas observações científicas da superfície joviana — explicou Thua. — Horx guiou a eles, como a você. Que explique, agora, o que andaram fazendo.

O piloto movimentou-se em sua câmara, estendendo as asas negras.

— Nós apenas navegamos por aí, algumas vezes. Eles tinham instrumentos

óticos e fizeram diversas leituras espectroscópicas. Disseram que era para a pesquisa em física de estado sólido.

— Cada vez mais curioso — disse Flandry, cofiando o bigode. — Eles têm tantos planetas jovóides, em sua própria esfera, quanto nós. O relatório detalhado sobre as condições jovianas que os primeiros colonizadores Ymiritas fizeram à Terra, de acordo com o tratado, nunca foi secreto. Não, não acredito nessa história de pesquisas.

— Pareceu dúbia — concordou Thua —, mas eu não me abalço a compreender todas as estranhezas da mente alienígena. Era mais fácil servi-los do que ficar discutindo.

Chives pigarreou e disse, de modo inesperado:

— Se eu puder tomar a liberdade de fazer uma pergunta, senhor, esses visitantes eram todos da espécie merseiana?

O desgosto de Thua não podia ser escondido, ao responder:

— E você espera que eu perceba diferenças insignificantes entre uma raça dessas e a outra?

Flandry suspirou.

— Parece um impasse, não acha? — perguntou.

— Não encontro meio de lhe dar a afirmação positiva de que Ymir não esteja interessada, exceto minha palavra — disse Thua. — No entanto, se você desejar, pode voar nesse planeta à vontade, e ver se observa alguma coisa do comum.

Dito isso, sua tela apagou.

— Ora, quanta generosidade! — murmurou Flandry. — Dê-me uma bebida, Chives.

— Vai seguir a proposta do governador? — perguntou Horx.

— Acho que sim — disse Flandry atirando-se a uma cadeira. — Faça para nós a viagem acompanhada comum. Nunca estive em Júpiter, e talvez possa guardar alguma recordação.

A cidade ficou para trás, de modo estonteante-mente rápido. Flandry bebericou o whisky que Chives tirara dos suprimentos por ele trazidos, e observou a paisagem espantosa, os olhos semicerrados. Era uma pena que estivesse a azedar; aquela era, na verdade, uma vivência conferida a poucos homens. Mas ele gastara horas em missão que qualquer cadete do segundo ano poderia ter desempenhado... enquanto armas se reuniam em Syrax e Raposa permanecia sozinha, enfrentando todo o inferno... ou mesmo enquanto a Dama Diana dançava com outros homens e Ivar dei Bruno esperava sorridente, para receber a aposta que ganhara. Flandry emitiu uma palavra menos educada.

— Que bela cama de pregos, essa em que Fenross resolveu me esfregar — aduziu, após o palavrão. — O homem é um gênio para essas coisas.

Sorveu a bebida, pediu outra.

— Estamos levantando, senhor — disse Chives, bastante tempo depois.

Flandry viu montanhas que tramiam e zumbiam, neblinas azuis que rodopiavam em torno dos picos metálicos, e depois o chão joviano perdeu-se na escuridão. O céu começou a tornar-se cor de sangue.

— Para onde estamos indo agora? — perguntou, examinando o mapa. — Oh, sim, já vi.

— Aventuro-me a sugerir ao piloto, senhor, que nossa velocidade pode ser um pouco excessiva — observou Chives.

Flandry ouviu que o vento lá fora tornava-se um grito, com conseqüências subsônicas que faziam estremecer-lhe a medula. O nevoeiro vermelho voava turvo e esfarrapado, diante de seus olhos. Além, via nuvens carmesim, altura de uma serra terrestre, o relâmpago saltando em seus ventres. A luz nas telas vinha como fogo para a cabine.

— Sim — murmurou. — Mais devagar, Horx. Por aí vem outro, em questão de minutos, como diz o...

Foi quando viu o piloto erguer-se em sua câmara, abrir uma porta e partir. Instantes depois, Flandry via Horx batendo as asas contra a torrente furiosa deixada pela espaçonave; e logo o Ymirita desaparecia da visão. Em seguida, Chives viu a coisa que estava parada no céu, diante deles, e gritou. Atirou a cauda, passando-a pela cintura de Flandry, enquanto se agarrava com mãos e pernas a uma pilastra da cama.

Foi quando o mundo explodiu, transformando-se em trovão e noite fechada.

Flandry despertou. Passou séculos a desejar que não houvesse acordado. Uma forma verde imprecisa dizia:

— O seu aneurino, senhor.

— Vá embora — murmurou Flandry. — O que eu andei bebendo?

— Perdoe-me tomar a liberdade,, senhor — disse Chives, e agarrou os pulsos do homem com a cauda, segurou o nariz de Flandry com uma das mãos e derramou a droga pela boca do amo, usando a outra mão. — Pronto, agora estamos a nos sentir muito melhor, não é?

— Não se esqueça de me dizer para matá-lo devagarzinho, a tiros — e Flandry engasgou por algum tempo. O remédio fez efeito, ele sentou-se. O cérebro clareou, ele olhou para o painel de telas.

Apenas um dos visores continuava funcionando. Mostrava uma vermelhidão espessa, a vagar, entremeada de azuis e negros. Um ronco firme e grosso, como o irromper de uma geleira polar, veio até a rigidez suprema da bolha de força. Céus, como deveria ser aquele ruído, lá fora? A cabine estava inclinada. Embolado no campo mais baixo, Flandry começou a deslizar novamente pelo chão; e a nave estava rolando de um lado para outro. O campo de gravidade interna salvara-lhes as vidas, acolchoando o choque maior, mas depois terminara. Ele sentia a atração natural de Júpiter no corpo, e todas as células estavam cansadas de seu próprio peso. Ele pôde ver um leito retorcido.

— Eu fiz aquilo com a minha cabecinha?

— Batemos com grande força, senhor — informou Chives. — Tomei a licença de fazer um curativo em sua cabeça. Mas uma dose de hormônio de crescimento curará os cortes em questão de horas, senhor, se escaparmos ao dilema de agora.

Flandry se pôs em pé, de um assomo. Os ossos pareciam arrastá-lo para baixo. Sentia que as paredes da cabine tremiam, ouviu que gemiam. A bolha de força continuava funcionando, e isso significava que o gerador e a usina de força principal tinham sobrevivido à batida. Não era inesperado, pois uma espaçonave assim é construída com base no princípio de "segurança contra falhas". Não havia, entretanto, qualquer acesso dessa cabine ao compartimento do piloto — exceto para quem fosse um Ymirita. Não fazia diferença alguma que a nave continuasse capaz de voar ou não. O humano e o shalmuano estavam presos ali, até morrerem de fome. Ou, o que era mais provável, até que a usina de força atômica parasse de funcionar, sob as bordoadas que a nave recebia.

Pois bem, quando o campo de força entrasse em colapso e a pressão aérea joviana aplastrasse a cabine, seria uma morte misericordiosa.

— Ao diabo com esse barulho — disse Flandry. — Não quero morrer tão depressa que não dê para sentir. Quero ver a morte chegando, e fazer com que

essa estúpida lute, para ganhar cada centímetro de mim.

Chives olhava para o carmesim sinistro que preenchia a última janela eletrônica. Seu corpo leve inclinou-se, sacudindo nos joelhos; era ainda menos adaptado ao peso joviano do que Flandry.

— Onde estamos, senhor? — perguntou, com a voz rouca. — Eu estava pensando principalmente no que fazer para o almoço, logo antes da colisão, e...

— Na região da Mancha Vermelha — explicou Flandry. — Ou melhor, na orla dela. Talvez em um morro pela beirada, ou sei lá como chamam essas coisas aí.

— Nosso guia parece ter-nos abandonado, senhor.

— Com os diabos, foi ele quem nos mete nessa embrulhada. De propósito! Agora sei, com certeza, que existe pelo menos um Ymirita trabalhando para o inimigo... quem quer que seja esse inimigo. Mas a informação não vai servir de grande coisa, se nos tornarmos duas manchas de gordura, espalhadas no chão.

A nave estremeceu, inclinou-se. Flandry agarrou-se a uma coluna por apoio, deixou-se estender no leito e disse, bem depressa, porque a destruição estrugia em volta:

— Você viu a Mancha Vermelha do espaço, Chives. Sabe-se há muito tempo, antes mesmo da viagem espacial, que é uma... uma massa de geleiras aéreas. Deus, que lugar fantástico para morrer! O que sucede é que, em certa altura da atmosfera joviana, a pressão permite uma forma cristalina e vermelha de gelo, não é essa coisa branca em que pomos whisky, ou o alotrópio negro da superfície, ou a variedade superdensa do manto em volta do núcleo joviano. Aqui a pressão está certa para o gelo vermelho e a densidade de ar idêntica, de modo que ele flutua. Uma formação inicial criou condições favoráveis para a formação de mais... e assim ela se acumulou nesta região, de modo muito parecido como as calotas polares se formam em planetas de tipo mais confortável. Em alguns anos, grande parte derrete, muda de fase, a Mancha Vermelha parece mais pálida, vista de fora. Em outros anos, forma-se uma acumulação grande e Júpiter parece estar com uma ferida em movimento. Mas sempre, Chives, a Mancha Vermelha é uma coleção de geleiras voadoras, estendendo-se com mais largura do que toda a Terra. E nós batemos em uma delas!

— Nesse caso, nossa situação de agora dificilmente poderia ser acidental, senhor — assentiu Chives, sem se deixar perturbar. — Acredito que, com todas as preocupações de segurança incorporadas a esta nave, Horx achou que seria o único meio de destruir-nos sem deixar provas. Ele pode afirmar que uma montanha dessas, solta, foi jogada em nosso caminho, ou contar coisa assim.

Dito isso, Chives fungou, e aduziu:

— Coisa nada esportiva, em absoluto, senhor. Exatamente o que seria de esperar de um... um nativo.

A cabine balançava. Flandry agarrou-se, antes de cair do leito. E tal gravidade, cambaleiar pelo aposento corresponderia a quebrar uma perna. Trovões se sucediam, vapores brancos chiavam contra o carmesim, na tela que continuava funcionando.

— Eu não sou dos melhores nesse esoterismo científico — explicou Flandry. O peito arfava, lutando para levar oxigênio aos músculos que se esforçavam sob quase três vezes o peso normal. Parecia-lhe que cada costela fora fundida em chumbo. — Mas acho que acontece o seguinte: nós mantemos aqui uma temperatura que, para Júpiter, é estupidamente alta. Por isso, estamos irradiando calor, o que faz o gelo amaciar e... estamos devagar afundando nesse morro de gelo vermelho.

Deu de ombros, tirou um cigarro.

— Acha aconselhável, senhor? — perguntou Chives.

— Os recuperadores do oxigênio continuam funcionando — disse Flandry. — Não está abafado aqui, em absoluto. O ar é a última de nossas preocupações.

Sua calma havia acabado, ele esmurrou a parede e disse, entre dentes:

— É esse negócio, de não poder fazer nada! Não podemos sair da cabine, não podemos fazer coisa alguma, a não ser ficar sentados aqui, e agüentar!

— Estou pensando, senhor — e devagar, o rosto fino acusando os efeitos da gravidade, Chives ergueu-se até a mochila de equipamento. Examinou-a, então. — Não, senhor. Lamento dizer que não trouxe o rádio. Pareceu-me que haveríamos de comunicar por meio do piloto.

Dito isso, fez uma pausa, acrescentou:

— Ainda que achássemos um meio de emitir algum sinal, acredito que qualquer Ymirita que o recebesse viria interpretá-lo apenas como estática.

Flandry, de algum modo, pôs-se em pé.

— O que temos?

Alguns animação vinha estremecer-lhe os nervos. Lá fora, Júpiter era algo imenso a fitá-lo.

— Diversos detetores, senhor, para examinar as instalações. Um par de roupas espaciais. Armas leves. O seu equipamento de roubo, embora eu reconheça minha incerteza sobre o valor dele aqui. Um micro-gravador. Um...

— Espere um pouco!

Flandry atirou-se na direção do valete. O chão sacudia a seus pés. Ele cambaleou para a parede distante. Chives estendeu a cauda, ajudou-a frear o tombo. Trêmulo, Flandry deixou-se cair, ficou de quatro, indo até o canto onde o shalmuano se achava acocorado.

Nem mesmo parou para debicar de seu esquecimento. O coração batia forte.

— Espere um pouco, Chives — repetiu. — Temos uma comporta de ar ali. Como a bolha de força necessariamente reforça sua estrutura, deve continuar intacta; e a maquinaria pode abrir as válvulas, até mesmo contra essa pressão externa. Está claro que não podemos passar por lá, nós mesmos. Nossa roupa de espaço seria esmagada. Mas podemos chegar ao mecanismo da tranca. Também ela, por necessidade lógica, tem que ser parte do sistema condicionado para a Terra. Podemos utilizar as ferramentas que temos aqui para fazer um ciclo automático simples. Em primeiro lugar, a válvula externa abre. Depois ela fecha, o ar joviano é expulso da câmara e o ar terrestre o substitui. Depois a válvula abre outra vez, e assim por diante. Percebeu?

— Não, senhor — disse Chives. Um esgotamento físico mortal vinha encobrir-lhe os olhos amarelos. — O meu cérebro está tão espesso... eu lamento...

— Um sinal! — gritou Flandry. — Nós mandamos oxigênio para fora, em uma atmosfera de hidrogênio com metano. Fazemos uma centelha elétrica na câmara da porta, para acender a mistura. Vuupa! Um clarão! Fraco e azul... mas não pelos padrões jovianos. Qualquer Ymirita, que esteja a algumas dezenas de quilômetros, deverá vê-lo tão brilhante como vemos uma tocha de magnésio. E vai repetir. Um ciclo firme, a cada quatro ou cinco minutos. Se os Ymiritas não forem feitos de concreto, terão a curiosidade de investigar... e quando encontrarem os destroços nesta montanha, vão adivinhar nossa necessidade e...

Sua voz sumiu. Chives perguntou, atento:

— Podemos ficar sem o oxigênio, senhor?

— Teremos que ficar — retorquiu Flandry. — Vamos sacrificar todo o oxigênio que pudermos, e depois interromper o ciclo. Se nada acontecer, depois de algumas horas, gastaremos metade do que resta, em uma última rajada pirotécnica.

Puxou a bafurada final do cigarro, esmagou-o com grande cuidado e conseguiu, esforçando-se, ficar em pé.

— Venha, vamos começar a coisa. O que temos a perder?

O chão sacudiu. Lá fora, eram batidas e estrondos. Um nevoeiro de radicais livres e verdes passava pela janela e o iceberg vermelho girava, na tempestade sem fim de Júpiter.

Flandry relanceou o olhar para Chives.

— Você tem um defeito, rapazinho — disse, obrigando-se a sorrir. — Você não é uma bela mulher. — E logo, depois de um momento, suspirou. — Mesmo assim, tendo em vista as circunstâncias, não faz mal.



No último instante, nesse momento célebre, o que serve para provar que os deuses me amam, o que é compreensível, chegou auxílio. Um grupo Ymirita viu nosso clarão. Tendo andado em volta do mesmo, partiram, trazendo de volta outra nave de bolha de força, para a qual transferimos nossas carcaças quase sufocadas. Não, meu garoto, não sei o que os Ymiritas estavam fazendo na região da Mancha Vermelha. Deve ser um lugar bem frio para eles, também. Mas eu tinha adivinhado que eles, com certeza, manteriam algum tipo de monitores, estações científicas ou coisa parecida aqui na Terra, assim como costumamos examinar as regiões onde se formam as condições meteorológicas de nosso planeta.

O Governador Thua não se deu ao trabalho de pedir desculpas. Nem mesmo notou a exigência indignada de meu valete, de que o patife Horx fosse castigado adequadamente, a não ser para dizer que outros visitantes teriam outro guia (e como poderiam saber se era outro?), e que aquele negócio não era obra sua, e que não ia gastar algum tempo Ymirita fazendo investigações ou castigando, nem tomando qualquer providência. Fez ver o dispositivo do tratado, de que não era obrigado a nos receber, e que qualquer visita seria sempre por conta e risco do visitante.

O fato de que alguns Ymiritas haviam-nos salvado prova que o conluio, se existia, não envolvia toda aquela raça. Mas em que postos elevados os indivíduos hostis se acham, no governo deles (se é que têm alguma coisa correspondente a governo, como o conhecemos) não faço a menor idéia.

O resumo acima é apenas para melhor entendimento. A transcrição de toda a conversa, que foi gravada por ordens pouco cavalheirescas, acha-se inclusa.

Sim, rapazinho, você pode sair da sala.

Flandry desligou o gravador. Podia confiar na secretária confidencial, que faria um relatório formal de seu ditado, pois sabia que ela apagaria a gravação, embora desejasse o contrário.

Inclinou-se na cadeira, pôs os pés sobre a mesa, soltou fumaça pelas narinas e olhou a parede limpa do gabinete. O Centro do Almirantado brilhava, em espiras fantásticas e esguias, cores suaves, estendendo-se na direção do céu primaveril e brilhante da Terra. Não dava para montar guarda sobre 400 anos-luz, sem milhões de espaçonaves; e isso significava milhões de orientadores, cientistas, estrategistas, especialistas em tática, coordenadores, funcionários... e eles tinham famílias, que necessitavam de comida, roupa, alojamento, escolas, divertimentos... de modo que o cerne da Marinha Imperial tornava-se uma cidade por si mesma. Uma cidade comercial dos infernos, pensava Flandry. Ainda assim, quando as bombas finalmente estrugissem, vindas do espaço, quando os bárbaros ululassem em meio aos edifícios derrubados e a fumaça dos livros incendiados escondesse homens em uniformes bonitos e estraçalhados — quando viesse a Noite Longa, como aconteceria dentro de um século ou um

milênio, (que diferença fazia?) algo da beleza e coragem teria deixado o Universo.

Ao diabo com tudo. Que a civilização se agüentasse o bastante para que Dominic Flandry pudesse saborear algumas outras safras de vinho, cavalgar alguns cavalos a mais, beijar muitas pequenas e cantar uma ou outra balada. Isso bastaria. Pelo menos, era tudo que se atrevia a desejar. O intercomunicador.

— O Almirante Fenross quer vê-lo imediatamente, senhor.

— Agora, é a vez dele — resmungou Flandry. — Eu quis vê-lo ontem, quando voltei.

— Mas ele estava ocupado ontem, senhor — disse o robô, tão loquaz que parecia ter mente consciente. — Sua Senhoria, o Conde de Sidrath, está visitando a Terra, e quer ser levado a conhecer o centro de operações.

Flandry levantou-se, acertou a túnica de azul pavão, admirou o vinco das calças brancas e cobriu o cabelo luzidio com o quepe de oficial, ornamentado de jóias.

— Está claro — disse. — O Almirante Fenross não poderia delegar essa incumbência a um ajudante.

— O Conde de Sidrath é parente do Grande Almirante, o Duque da Ásia — fez-lhe lembrar o robô.

Flandry cantou baixinho, "Morena é a cor do nariz do meu verdadeiro amor", e passou pela porta. Depois de uma série de corredores e poços de gravidade, alcançou o gabinete de Fenross.

O Almirante meneou a cabeça, cabelo cortado à escovinha, na direção da mesa.

— Lá está — seu tom de voz dava a entender que Flandry parará, a caminho, para tomar uma cerveja. — Sente-se. Seu relatório verbal preliminar da missão joviana foi comunicado a mim. Só mesmo isso você pode descobrir?

Flandry sorriu.

— Foi ordem sua, arranjar uma indicação, confirmando ou não, a atitude Ymirita, senhor — disse, quase ronronando. — Foi o que arranjei. Uma indicação, confirmando ou não. Fenross mordeu o lábio.

— Está bem, está bem, eu devia ter sabido. O seu forte nunca foi trabalhar com uma organização, e vamos precisar de um projeto especial, um projeto muito grande, para descobrir a verdade sobre Ymir.

Flandry empertigou-se na cadeira.

— Não faça isso — disse, com aspereza.

— Não faça, o quê?

— Não gaste homens desse modo. — Basta a aritmética para derrotá-los.

Júpiter, sozinho, tem a superfície de mais de cem Terras. A população deve ser mais ou menos proporcional. Como vão os nossos homens circular por ali, confinados a duas ou três espaçonaves que Thua tem à disposição deles? E isso na suposição de que Thua não venha simplesmente a recusar a entrada de qualquer outro aborrecimento que respire oxigênio. Como vão eles indagar, subornar, ouvir escondido, obter qualquer fragmento de informação? É um axioma que o trabalho típico de Informações consiste em reunir um milhão de fatos pequeninos e sem importância, ajustando-os em um só grande fato. Temos poucos agentes, espalhados de modo terrível. Não vamos empatá-los com uma tarefa impossível. Que continuem trabalhando em Merséia, onde têm a possibilidade de realizar alguma coisa!

— E se Ymir se voltar contra nós, de repente? — retorquiu Fenross.

— Nesse caso, entramos com a bordoadá firme, ou morremos — Flandry deu de ombros e encolheu-se; os músculos ainda estavam doendo, da surra que haviam tomado. — Mas o senhor ainda não pensou que todo esse negócio pode ser uma manobra Merseiana... para distrair nossa atenção deles, no momento exato da crise? É exatamente o tipo de arapuca que Aycharach gosta de armar.

— Pode ser — reconheceu Fenross. — Mas Merséia está além de Syrax; Júpiter, logo ao lado. Foi-me dado a entender que Sua Majestade Imperial está alarmada o bastante para desejar... — ele deu de ombros também, fazendo aquele gesto imemorial de subordinado perplexo.

— O que deixou aparecer essa indicação? — rosnou Flandry. — Com certeza não foi o Duque de Syrax, a quem o senhor esteve mostrando o lugar ontem, enquanto chegavam as notícias de que Raposa havia caído?

— Cale a boca! — era quase um grito. Uma pontada de dor perpassou o semblante de Fenross. Ele estendeu a mão para apanhar uma pílula. — Se eu não tratasse bem a nobreza — explicou, com a voz espessa —, estaria pedindo pão no Subterrâneo, e neste gabinete haveria alguém que jamais diria não a eles.

Flandry fez uma pausa. Acendeu outro cigarro, dando aos gestos concentração desnecessária. Acho que estou sendo injusto com ele, pensou. Pobre diabo. Não pode haver divertimento em ser Fenross.

Ainda assim, estava pensando, Aycharach partira do Sistema Solar com tanta facilidade que a emboscada no espaço nem conseguira perceber sua nave. Cerca de vinte horas antes, um batedor exibindo sinais de batalha, chegara com dificuldades, a fim de informar ao Imperium que Raposa rendera-se aos sitiados sem nome, que haviam pousado em massa, depois de aplastarem as defesas. O último despacho de Syrax descrevia encontros que haviam custado aos Terrenos mais naves do que aos Merseianos. Júpiter era um mistério resplandescente, no céu do anoitecer. Boatos afirmavam que, após os convidados humanos terem partido, Ruethen e auxiliares haviam posto para fora enormes barris de cerveja amarga, pondo-se a brincar como duendes por muitas horas; deviam ter algum motivo para tanta alegria.

Não se podia culpar Fenross. Mas iria toda a prolongada ascensão do homem, da selva até as estrelas, recair na destruição — sem que uma só pessoa merecesse castigo por isso?

— Que diz dos reforços que estavam sendo mandados a Raposa? — perguntou Flandry.

— Ainda estão a caminho de lá — e Fenross engoliu a pílula, acalmou-se um pouco. — A informação de que temos, acerca da força inimiga, e assim por diante, indica que outro empate vai-se formar. Os alienígenas não terão força bastante para expulsar nossa força do sistema...

— Não, enquanto Tom Walton estiver no comando. Ouço dizer que é ele, agora — e pouquíssimo calor veio à alma de Flandry, enquanto o dizia.

— Sim. Ao mesmo tempo, agora que o inimigo se acha instalado em Raposa, não existe meio óbvio de tirá-lo de lá sem a barragem total... o que esterilizaria o planeta. Está claro que Walton pode tentar cortar-lhes as linhas de abastecimento e fazê-los sair, por fome; mas uma vez que tenham organizado a ocupação, a própria Raposa servirá para abastecê-los. Ou ele poderá tentar descobrir de onde eles vêm, e contra-atacar-lhes o planeta-lar. Ou talvez ele possa negociar alguma coisa. Não sei. O próprio Imperador deu ao Almirante Walton o que corresponde a uma *carte blanche* (carta branca).

— Deve ter sido um dos dias de sorte de Sua Majestade, pensava Flandry. Chegar a ponto de fazer o que é certo.

— Nossa grande desvantagem é que os oponentes sabem tudo a nosso respeito e nós não sabemos quase nada sobre eles — prosseguiu Fenross. — Receio que o esforço principal de nossas Informações tenha que ser levado para Júpiter, por enquanto. Mas alguém precisa recolher informações em Raposa, também quanto aos alienígenas — e sua voz estacou, de súbito.

Flandry encheu os pulmões de fumaça, reteve-a por instantes e a soltou, em turbilhão lento.

— Uai — disse, sem qualquer entusiasmo.

— Sim. É a sua próxima missão.

— Mas... eu, sozinho, em Raposa? A força de Walton, com certeza, levou bom número de nossos agentes.

— Está claro. Eles farão o que for possível. Mas as operações paralelas são um meio padrão de espionagem, como até você deve saber. Ademais, os Raposinos fizeram o gesto dramático, em vez de fazerem o gesto lógico. Depois de haver capitulado o planeta, eles mandaram uma nave para fora, tendo uma pessoa a bordo. A nave não tentou alcançar qualquer unidade Terrestre dentro do sistema. Isso foi bem feito, porque a força minúscula que Aldebaran mandara já tinha sido posta em batalha e foi reduzida a incursões fugidias. Mas a nave Raposina não chegou a Aldebaran. Não, veio diretamente para cá, e o piloto contava com uma audiência com o Imperador.

— E não consegui — predisse Flandry. — Sua Majestade está sempre ocupado demais, na jardinagem, para gastar tempo com um simples plebeu, que representa um simples planeta.

— Jardinagem? — e Fenross piscou os olhos.

— Estou informado de que Sua Majestade cultiva florezinhas das mais belas — concluiu Flandry.

— Fenross engoliu em seco e disse, com grande pressa:

— Bem, não, claro que não. Quero dizer, eu próprio conversei com o piloto e li o relatório que trouxe. Não havia muita informação, embora fosse de valor. Mas embora Walton tenha alguns refugiados Raposinos, para servirem de guias e conselheiros, esse piloto foi o único que pode ver os alienígenas de perto, no chão, cavando e disparando tiros contra os humanos; e passou por diversos dias de ocupação, antes de fugir. Cópias do relatório podem ser mudadas para Walton. Mas este conhecimento de primeira mão, a respeito do comportamento do inimigo, os regulamentos dele, e todos esses detalhes imprevisíveis... também isso pode ser essencial.

— Sim — confirmou Flandry. — Se um espião puder ser enfiado de volta na superfície de Raposa, ou seja, eu.

Fenross permitiu-se um sorriso comportado e comedido.

— Foi o que eu pensei.

Flandry assentiu, sem qualquer surpresa. Fenross jamais desistiria da idéia de matá-lo. Embora fosse verdade que Dominic Flandry, sem dúvida, tinha mais possibilidade de sair-se bem de tal façanha, e voltar, sem furos no corpo, em confronto com qualquer outro.

Ele disse, sem se perturbar:

— A decisão de dirigir-se diretamente ao Sol não foi ilógica. Se o piloto tivesse ido para Aldebaran, nesse caso Aldebaran teria nos enviado um correio, com relatório sobre a matéria e pedindo ordens. Seria uma trajetória em círculos. Desse modo, recebemos a notícia com dias de antecedência. Não, esse Raposino tem uma cabeça lúcida, sobre os ombros dele.

— Dela — corrigiu Fenross.

— Hem? — e Flandry sentou-se, empertigado.

— Ela explicará todos os detalhes — disse Fenross. — Vou providenciar uma requisição aberta para você; retire todo equipamento que achar necessário. E se conseguir sobreviver, lembre-se, vou querer que me explique todos os gastos, até o último vintém furado. Agora, vá dando o fora, e trate de trabalhar! Eu tenho o que fazer.

O Desordeiro partiu furtivamente do céu da Terra, correu por algum tempo em impulso primário, em aceleração que forçava o campo gravitacional interno a compensá-la e, tendo alcançado distância segura do Sol, partiu para o secundário. Logo as telas visuais enlouqueceram, com o efeito Doppler e aberração. Em seguida os circuitos adaptaram-se às faixas em que a espaçonave pulsava, entrando e saindo dos níveis normais de espaço-tempo-energia; anularam a ótica da pseudo-velocidade e Flandry voltou a olhar a noite fria e de tantas estrelas, como se estivessem em repouso.

Deixou Chives na torre, para fazer os ajustes finais do rumo e caminhou até o salão.

— Tudo certo — e ele sorriu. — Tempo calculado até Raposa, treze dias-padrão.

— O quê? — a moça, Catherine Kittredge, quase se levantou do banco luxuosamente acolchoado. — Mas precisei de um mês, do outro jeito, e estava com a mais rápida nave de nosso planeta!

— Andei envenenando o motor deste aqui — explicou Flandry. — Ou melhor, achei técnicos para envenenarem.

Sentou-se ao lado dela, cruzando as pernas compridas e apoiando o cotovelo na mesa de mogno, que o banco quase circundava.

— É só me dar uma chave de parafusos e eu faço qualquer arma de fogo no universo sentar-se e falar — aduziu. — Mas os impulsos espaciais têm uma anatomia que só dá para chamar de caprichosa.

Estava tentando deixá-la à vontade. Pobre menina, tivera o lar assaltado, a pouca distância de lugares onde as legiões Imperiais deviam agüentar todas as guerras; vira amigos e parentes, derrubados em batalha por desconhecidos não-humanos e ouvira as botas do inimigo que ocupava sua terra, batendo nas ruas antes conhecidas; fugira para a Terra como uma criança vai à mãe, e fora friamente entrevistada em gabinete, levada em seguida para aquela espaçonave, em companhia de um alienígena de cauda e um amável desconhecido. Sem dúvida algum funcionário contara a ela que era corajosa, e que lhe cabia agora o dever de regressar, como espia e, na maior das probabilidades, ser morta na empreitada. Enquanto isso, rododendros floriam como fogo de carvão nos jardins da Terra e a juventude risonha da aristocracia terrestre voava, a caminho de algum outro local recém-aberto, destinado a prazeres.

Não era de admirar que os olhos de Catherine Kittredge estivessem arregalados e com expressão de perplexidade.

Eram, além disso, seu melhor traço fisionômico, ao que achou Flandry; grandes, bem distantes um do outro, cor de avelã salpicada de ouro por baixo de cílios compridos e sobranceiras grossas e escuras. O cabelo também teria sido bonito, um capacete louro, se ela não o houvesse cortado logo abaixo das orelhas.

De outra forma, não era grande coisa para se ver — o semblante largo, nariz arrebitado, levemente marcado por sardas, a boca generosa, o queixo bonito. Até onde dava para ver, em meio ao macacão cinzento sem formas, tinha estatura média e era mais inclinada para o lado atarracado. Ela falava ânglico com sotaque regional suave, que parecia bom, em sua voz baixa; mas todos os maneirismos e modos eram provincianos, cinqüenta anos atrasados. Flandry, com um pouco de desespero, ficou pensando sobre o que haveria de falar. Pois bem, havia bastante. Ele apertou botões pedindo o serviço automático.

— O que vai beber? — perguntou. — Temos tudo que é razoável, e algumas coisas não-razoáveis, a bordo.

Ela corou.

— Nada, obrigada — murmurou.

— Nada, mesmo? Ora, vamos. Um daiquiri? Vinho? Cerveja? Você quer leite, pelo amor de Deus?

— Hem? — e ela ergueu o olhar em relance. Flandry descobriu que Raposa não tinha indústria de laticínios, o gado não sobrevivia por lá, e discou sorvete para ela. A si próprio, serviu um grande gim com bitter. Ia precisar de álcool — duas semanas sozinho, no espaço, com a Pequenina Senhorita Örfã!

Ela ficou bastante satisfeita em descobrir o sorvete, pondo-se um pouco mais à vontade. Flandry ofereceu um cigarro, o mesmo foi rejeitado, e acendeu um para si.

— Você vai ter muito tempo para me pôr a par,, enquanto estamos viajando — explicou —, de modo que não se sinta obrigada a responder perguntas agora, se isso a perturbar.

Catherine Kittredge olhou além dele, para a tela visual, vendo a extensão regelada de Andrômeda. Seus lábios tremeram um pouquinho para baixo, mas ela respondeu, com firmeza que agradou a Flandry:

— Por que não? Não me aborrece mais do que ficar sentada e pensar.

— Ai temos uma boa menina. Diga uma coisa. Como foi que coube a você trazer a mensagem?

— Meu irmão era nosso correio oficial. O senhor sabe como a coisa é, em planetas como o nosso, sem muita população ou dinheiro. Quem tiver a melhor espaçonave recebe um subsídio e transporta qualquer despacho especial. Eu o ajudava. Costumávamos ir passear por dias seguidos a cada vez... Não — ela se interrompeu. Os punhos se cerraram. — Não vou chorar. Os alienígenas forçaram o pouso. Hank partiu com nossas forças terrestres. Não voltou. Alguns dias depois da rendição, quando as coisas começaram a acalmar-se um pouco, recebi a notícia de que ele fora morto em luta. Alguns de nós resolvemos que o Imperium deveria receber as informações que pudéssemos dar. Como era eu quem melhor conhecia a espaçonave de Hank, disseram-me para seguir na missão.

— Compreendi — e Flandry estava decidido a manter a questão o mais secamente possível, pelo bem da moça. — Tenho uma cópia do relatório que seu povo preparou, naturalmente, mas você contou com todo o caminho até o Sol para examiná-lo, de modo que deve saber mais a respeito dele do que qualquer outra pessoa fora da Raposa. Só para me dar uma idéia preliminar geral, estou sabendo que alguns dos invasores sabiam inglês e que houve certa extensão de conversações de longo alcance. De que eles se chamavam?

— Isso importa? — retorquiu ela, inquieta.

— De modo nenhum, na etapa atual das coisas, só que é uma coisa muito batida e cansativa, falar de Planeta X.

Ela sorriu, só um pouquinho.

— Eles se chamam de Ardazirho, e nós achamos que o *ho* era uma terminação coletiva. Por isso, calculamos que o planeta deles se chama Ardazir. Embora não dê para pronunciar esse nome corretamente.

Flandry extraiu um estereótipo do bolso da camisa iridescente. Fora feita por alguém escondido, durante a batalha no chão. Contra o pano de fundo de casas humanas arruinadas, acocorava-se um soldado inimigo. Guerreiro? Ajudante? Unidade? Armado, pelo menos, e assassino de homens.

Os preconceitos sempre se metiam nas coisas. O primeiro pensamento sobressaltado de Flandry fora o de Lobo! Agora compreendia que o Ardazirho não era lupino, nem mesmo parecia marcadamente um lobo. Ainda assim, a impressão permanecia. Não foi surpresa para ele, quando Catherine Kittredge disse que os alienígenas tinham entrado em batalha soltando uivos.

Eram descritos como bípedes do porte de um homem, porém digitigrados, o que quase conferia a seus pés a aparência da marcha de um cachorro sobre as patas traseiras. Os ombros e braços eram muito humanóides, a não ser os polegares, que se encontravam no lado oposto das mãos, em confronto com a humanidade. A cabeça, mantida arrogantemente sobre o pescoço forte, era comprida e estreita para um animal inteligente, a testa baixa, a maior parte do espaço do cérebro por trás das orelhas pontudas. O focinho de ponta negra, não tão fino quanto o de um lobo, e, ainda assim parecido com ele, projetava-se do rosto. Os lábios estavam puxados em careta, mostrando presas agudas, que davam a impressão de um comedor de carne transformado em onívoro. Os olhos eram ovais, próximos um do outro e cinzentos. Pelo curto e espesso cobria todo o corpo, transformando-se em um rufo na garganta; era de cor vermelha.

— Isso é um uniforme? — perguntou Flandry.

A menina inclinou-se para ver. O Ardazirho ali representado usava uma espécie de saiote, em quadrados de jogo de damas, apresentando diversas tonalidades. A Flandry desagradaram algumas das combinações: o rosa ao lado do escarlate, o carmesim brilhante ofensivamente entre dois amarelos delicados.

— Bárbaros, sem dúvida — murmurou. — Espero que Chives agüente o



choque.

De outra forma, o ser achava-se vestido em botas de couro flexível e um arnez, do qual pendiam diversos bolsos e equipamento. Estava armado com o que era, de modo evidente, uma carabina magnetrônica, e tinha uma faca de aspecto desagradável no cinturão.

— Não tenho certeza — disse a moça. — Ou eles não usam uniformes, em absoluto, ou têm tal variedade que não pudemos entender. Alguns podiam estar vestidos mais ou menos como esse, outro com uma espécie de túnica e albornoz, outros com peitorais e capacetes enfeitados com penas.

— Este — insistiu Flandry. — São todos do sexo masculino, então?

— Sim, senhor, parece que são. A luta no chão durou bastante para que nossos biólogos pudessem dissecar e analisar alguns dos mortos. De acordo com o relatório, são mamíferos placentários. É claro que vieram de um planeta mais ou menos terrestre, provavelmente com gravidade um pouco mais forte. A estrutura do olho indica que o sol deles é brilhante, do tipo A5, ou por aí. Isso significa que devem sentir-se bastante à vontade em nossos desertos — e Catherine Kittredge deu de ombros, tomada de tristeza. — Acho que foi por isso que eles nos escolheram para começar.

— Podem ter estado em conquistas por algum tempo — adiantou Flandry. — Uma estrela quente, como uma A5, não adianta aos seres humanos; e imagino que o tipo-F, como a sua, está mais ou menos na temperatura que interessa a eles. Podem ter construído um reino pequeno e limitrofe, uma série de sóis B, A e F em seu quadrante, onde nem mesmo temos um mapeamento astronômico completo... e muito menos qualquer exploração feita... Hm. Vocês não tiveram oportunidade de interrogar alguns prisioneiros vivos?

— Sim. Não adiantou muito. Durante a luta, um de nossos regimentos cercou uma unidade deles e a liquidou, usando raios de aturdimiento. Quando dois deles acordaram e viram que estavam capturados, morreram.

— Pré-condicionamento — assentiu Flandry. — Prossiga.

— O resto não falava inglês algum, a não ser um, que tinha aprendido algumas palavras. Eles o interrogaram.

Ela teve um gesto de medo, e prosseguiu:

— Não acho que tenha sido muito bonito. O relatório diz, na parte final, que o coração parou de bater e o reviveram, mas afinal ele morreu de uma vez... Seja lá como for, parece que estava dizendo a verdade. Não sabia onde ficava sua estrela natal. Podia entender nosso sistema de coordenadas e traduzi-lo para o sistema que eles usavam. Mas esse fora marcado de modo arbitrário em S. Doradus, e ele não fazia idéia alguma sobre as coordenadas de Ardazir.

— Apagamento de memória — Flandry fez careta. — Provavelmente executado em todos os subordinados. Os oficiais que precisam reter as informações são condicionados a morrer, se forem capturados. Que monarca

bondoso eles têm..."

Retorceu o bigode, com os dedos nervosos, prosseguiu:

— Mas isso dá a entender que o lar deles é vulnerável. Talvez devêssemos concentrar-nos em descobrir onde fica.

A moça abaixou o olhar, faltou-lhe um pouco da cor.

— Acha que podemos, meu senhor? — murmurou. — Ou vamos, apenas, morrer também?

— Se nossa missão tem a ver com processos legais ou imortais, não vou encontrar dificuldades — affiançou Flandry, sorrindo para ela. — Você pode executar todo o trabalho honroso que for necessário. E com essa nossa equipe, ora essa, que Deus ajude Ardazir. E, diga-se de passagem, eu não tenho título.

— Mas eles o chamavam de Sir Dominic.

— Um grau de cavalheiro não é patente de nobreza. Receio que minha relação com a nobreza lenha a ver com uma avó torta. A questão é que, um dia, meu pai entrou em determinado lugar, e...

Flandry prosseguiu falando, deixando de lado o que era apimentado, até ouvi-la rir. Foi quando ele riu também, dizendo:

— Boa pequena! Como é que a chamam em casa? Kit, aposto. Muito bem, nós partimos para as guerras, você, a Kit, e eu, o Quietos. Agora, vamos berrar para que Chives prepare nosso caviar e queijos. Depois disso, vou mostrar-lhe seu quarto.

O rosto dela tornou-se rubro, Flandry aduziu:

— Tem fechadura por dentro.

— Obrigada — disse ela, em voz tão baixa que quase não deu para ouvir. Os cílios negros movimentavam-se. — Quando me ordenaram para vir... em sua companhia... quer dizer, eu não sabia...

— Minha cara menina — atalhou Flandry —, acredite que tenho inteligência e experiência bastante para saber identificar uma arma no coldre, entre as curvas mais atraentes por baixo do seu macacão.

Sempre existiu algo irreal, na viagem prolongada pelo espaço. Aqui, por algum tempo, ficava-se sozinho no universo. Nenhum rádio conseguiu alcançar quem viajasse, para ser recebido, ainda que distâncias inimagináveis não houvessem mergulhado sua transmissão, levando-a ao silêncio. Não existia qualquer outro sinal, a não ser outra espaçonave, e como poderia encontrá-lo, a menos que suas fracas pulsações de impulso fossem, por pura sorte, percebidas? Toda uma frota poderia viajar muitos parsecs, até que alguma base naval percebesse sua esteira, usando instrumentos; e a poeira que era uma nave espacial podia alcançar as extremidades da criação, sem ser ouvida. Nada havia a ser visto, nenhuma paisagem, nem condições climáticas, apenas a infinidade enorme, o desfile das constelações que se modificavam, de vez em quando um brilho nebular frio entre sóis que passavam em disparada, o prateado enrugado da Via-Láctea e as estrelas amontoadas perto de Sagitário. No entanto, naquela casca de astronave, estava-se aquecido, seco, respirando ar doce, recuperado; em nave de luxo como o Desordeiro, podiam-se ouvir sinos lysarcianos gravados, bebericar maoth namoriano e saborear uvas da Terra.

Flandry trabalhava mais pesadamente do que dava, a Chives e Kit, o que fazer. Era o trabalho duro e monótono, que tinha que sustentar todas as esperanças por eles alimentadas; estudar, ensaiar, analisar dados, planejar, descartar planos e voltar a fazê-los, até que o cérebro nada mais pudesse fazer, o pensamento chegasse a estacar. Mas logo o divertimento se tornava pura necessidade — e eles eram dois seres humanos, com um servidor discreto, viajando em meio às estrelas.

Flandry descobriu que Kit sabia dar-lhe trabalho, quando jogaram handball no porão. E o jogo de xadrez que ela sabia sustentar, obstinada, veio derrotar-lhe a tática de espadachim muitas vezes. Era dotada de travesso bom-humor quando não se lembrava do planeta natal. Flandry não esqueceria com facilidade a impressão rápida que ela formara sobre o Vice-Almirante Fenrossi: "Ele tem uma mente que é como ratoeira, só que devia deixar fugir alguns dos pobres ratinhos". Ela sabia tocar o *lirr*, os dedos dançando nas doze cordas primárias com aquele toque que faz surgir toda a ressonância das cordas secundárias; parecia conhecer todas as baladas, vindas dos antigos dias dos homens corajosos, quando estavam instalando os primeiros lares na terra selvagem de Raposa, e eram baladas agradáveis ao ouvido.

Flandry começou vagarosamente a aperceber-se de que ela não tinha mau aspecto, em absoluto. Apenas não fora cirurgicamente dotada da aparência aristocrática monótona das damas de alto nascimento na Terra. O rosto, um tanto juvenil, era o rosto próprio dela, o corpo cheio de flexível onde devia sê-lo. Notando isso, praguejou com desânimo para si mesmo e prosseguiu com um programa de ginástica mais rigoroso.

Devagar as estrelas formavam novas configurações. Chegou a ocasião em que Aldebaran se apresentava como chama vermelha, o objeto mais brilhante

em todo o céu. E logo uma ponta de agulha, do sol de Raposa, e estrela chamada Cerulia, brilhando azul e com vigor à frente. E Flandry voltou-se da tela visual, dizendo tranquilamente:

— Temos ainda dois dias. Acho que vamos fazer um jantar especial, esta noite.

— Muito bem, senhor — disse Chives. — Tomei a liberdade de trazer alguma lagosta viva do Maine. E acredito que o Liebfraumilch de 1951 seja satisfatório.

— Aí está a vantagem de ter um shalmuano como auxiliar — observou Flandry, falando com Kit. — A raça deles tem paladar mais sensível do que o nosso. Eles não erram nas safras de vinho.

Ela sorriu, mas tinha no olhar uma expressão de perturbação.

Flandry retirou-se para a cabine e lá travou uma discussão. Queria usar uma túnica cor de pêssego, com as calças brancas; Chives insistia em que usasse a túnica azul escuro, com faixa dourada, achando-a mais adequada. Chives venceu a discussão, naturalmente. O homem foi para o salão, já preparado para a festa, serviu-se de aperitivo. A música vinha do gravador, como um murmúrio e suspiro, e era doce aos ouvidos.

Passadas leves fizeram-se ouvir atrás dele. Flandry voltou-se e quase deixou cair o copo. Kit entrava, em vestido de jantar, inteiramente negro; um véu, na cor de fogo, tremelicava na cintura. Uma tiara de filigranas coroava-lhe os cabelos reluzentes e um bracelete de antiga prata marciana ornamentava-lhe o pulso.

— Elétrons em disparada! — arquejou Flandry. — Não faça essas coisas sem avisar! De onde veio tanta beleza assim?

Kit deu uma risadinha, fez pirueta.

— Foi o Chives — explicou. — Quem mais podia ser? Ele é uma tetéia. Trouxe as jóias, e esteve fazendo o vestido, nos momentos de folga, por toda essa viagem.

Flandry sacudiu a cabeça, estalou a língua.

— Se o Chives aceitasse a alforria que lhe ofereci, podia formar um negócio próprio, preparando as mulheres espãs para seduzirem pobres oficiais como eu. Em questão de dez anos, ele seria dono de toda a galáxia.

Kit corou e disse, apressada:

— Foi ele quem escolheu a fita, também? Sempre adorei o Concerto de Violino de Mendelssohn.

— Oh, é isso, então? Boa música, para um momento sentimental, tenho que reconhecer. O meu departamento está mais na preparação de bebidas. Eu determino o seguinte, antes do jantar: áurea ansana. Trata-se de um vermute leve e seco, pelo menos desta vez um solo não-terrestre melhorou o sabor de

uma planta de nosso planeta.

Ela hesitou.

— Eu não... eu nunca...

— Bem, é hora de começar — e ele não olhou para a tela visual, onde Cerulia brilhava como aço, embora ambos soubessem que talvez não lhes restasse muitas horas para saborear a existência. Ela tomou o copo, bebericou e suspirou.

— Obrigada, Dominic. Andei perdendo muita coisa.

Sentaram-se.

— Vamos ter que compensar isso, depois de terminar este caso — propôs Flandry. — Uma sombra passou por ele, só o bastante para fazê-lo aduzir: — No entanto, desconfio que de um modo geral você se saiu melhor do que eu, na vida.

— O que quer dizer? — e os olhos dela, por cima do copo, refletiam a tonalidade do vinho, tornavam-se quase dourados.

— Oh... é difícil explicar — e ele retorceu a boca, lastimoso. — Não tenho qualquer ilusão romântica acerca da fronteira. Já vi demais como é aquilo. Eu preferiria muitas vezes ficar na cama, tomando meu chocolate de manhã, do que entrar no mato, antes do amanhecer, para plantar o groco ou podar os titimbos, ou qualquer dessas coisas horrorosas que os pioneiros fazem. Mas não tenho qualquer ilusão sobre minha classe, também, ou meu modo de viver. Vocês, gente da fronteira, são as criaturas sadias. Vão estar por aí... a maioria de vocês... muito depois de o Império ser uma lenda, contada perto da lareira nas casas. Tenho inveja disso.

Ele se interrompeu.

— Desculpe-me — pediu. — Acho que a icterícia espiritual é uma doença profissional, em meu caso.

— E eu ainda não tenho a certeza de que seja... Oh, deixe para lá — e Kit teve uma risadinha. — O álcool age tão depressa assim? Mas, Dominic, francamente, gostaria que você falasse um pouco sobre seu trabalho. Tudo quanto disse é que está nas Informações Navais. Gostaria de saber o que faz.

— Por quê? — perguntou ele. Ela corou, gaguejou:

— Para conhecê-lo melhor.

Flandry percebeu-lhe a confusão, tratou de escondê-la de ambos.

— Não há muito que contar. Sou um agente, e isso quer dizer que saio, olho pelas janelas, em vez de ficar sentado no gabinete, lendo os relatórios feitos pelos que olham pelas janelas. Graças à circunstância de que meu superior não gosta de mim, passo a maior parte do tempo de trabalho longe da Terra, no que vem a ser uma comissão itinerante. O meu bom chefe, o Fenross... se fosse substituído por algum tipo paternal e bondoso, que fosse justo com todos os subordinados, eu haveria de secar e explodir.

— Eu acho revoltante — e a raiva relanceou na voz dela.

— O quê? A discriminação? Mas, minha cara mocinha, o que é qualquer civilização, senão uma estrutura complicada de privilégios especiais? Eu gostaria de aprender a contorná-las. Ora bolas, você acha que eu quero um emprego seguro e bonitinho, sentado num gabinete, com a aposentadoria assegurada?

— Mas, ainda assim, Dominic... um homem como você, arriscando a vida não sei quantas vezes, mandado quase sozinho contra toda Ardazir... porque alguém não gosta de você! — e ela estava com o rosto vermelho de raiva, havia brilho de lágrimas nos olhos cor de avelã.

— É difícil imaginar como isso acontece — aceitou Flandry, calculadamente delambido e aduziu, em tom leve e quase automático: — Mas, afinal de contas, pense no privilégio especial afrontoso que apresenta a sua herança pessoal, tanta beleza, tanto encanto e inteligência dados a uma mocinha só.

Ela emudeceu, mas estremeceu de leve. Com gesto convulsivo, sorveu todo o conteúdo do copo.

Calma, rapaz, pensava Flandry. Uma vivacidade que não era desagradável apoderava-se dele. As cenas emotivas são o que menos desejamos aqui.

— E isto traz você à baila — provocou, em seu tom mais favorável ao bate-papo. — É assunto que vale a pena examinar, enquanto tomamos a sopa de flor de ovos, que vejo e Chives trazendo... ou qualquer outro prato, aliás. Vejamos; para ganhar a vida, você era assistente de um engenheiro meteorológico, fato? Parece coisa divertida, a seu modo.

E pode vir a ser útil, aduzia aquela parte de Flandry que nunca entrava em férias.

Ela assentiu, tão aflita quanto ele por escapar ao que tinham começado. Sentiram grande prazer na refeição, falaram sobre muitas coisas. Flandry confirmou a impressão de que Kit não era uma camponesa atrasada. Não tinha conhecimento dos mexericos mais recentes sobre quem com quem, ou aquele ator ou atriz, mas integrara-se a par de seu estranho e violento planeta; sabia montar uma máquina, da qual dependesse a vida de alguém, caçara e fizera esporte, vira o nascimento e a morte; as fofocas de sua cidadezinha eram tão sutis quanto aquelas em volta do Trono Imperial. Além disso, era dotada de inocência da maioria dos desbravadores — ou devíamos chamar de otimismo, ou honra, ou coragem — de qualquer forma, não começara a desesperar da raça humana.

Mas por se achar em boa companhia, e aquela era ocasião especial, Flandry manteve os copos cheios. Após algum tempo, perdeu a conta de quantas vezes os servira.

Quando Chives tirou a mesa e preparou o café com licor, Kit, pressurosa, estendeu a mão para a xícara.

— Preciso disto — disse, e a voz não era muito clara. — Acho que bebi

demais.

— O projeto era esse — explicou Flandry, e aceitou um charuto oferecido por Chives. O shalmuano retirou-se sem fazer qualquer ruído. Flandry olhou para a moça. Kit lá estava, de costas para a tela visual ampla, de modo que as estrelas pareciam-se a jóias em volta de sua tiara.

— Não acredito — disse ela, após momentos.

— E deve ter razão — corroborou Flandry — Em que não acredita?

— No que você estava dizendo... acerca do Império estar condenado.

— É melhor não acreditar — disse ele, com gentileza.

— Não é por causa da Terra — explicou Kit, inclinando-se para a frente. A luz brilhava com suavidade nos ombros jovens e à mostra. — O pouquinho que vi, foi um golpe duro. Mas, Dominic, enquanto o Império tiver homens como, como você... nós tomaremos todo o universo, e ganharemos.

— Com meus cumprimentos — disse Flandry, apressado.

— Não — e os olhos dela estavam um pouquinho turvos, mas fitavam os seus com firmeza. Ela sorriu, mais com ternura do que hilaridade. — Você não sai com facilidade, usando uma piada, desta vez, Dominic. Você me deu muita bebida, entendeu, e... estou falando sério. Um planeta que conte com você ainda tem muita esperança.

Flandry bebericou o licor. O álcool, de repente, alcançou-lhe o cérebro com seus fogos pálidos, e ele pensou: Por que não ser sincero com ela? Ela agüenta. Talvez até mereça.

— Não, Kit — disse, então. — Conheço minha classe, de dentro para fora e de fora para dentro, porque é a minha classe, e talvez não escolhesse outra, ainda que algum milagre o permitisse. Mas nós somos vazios, ocios, corruptos, e a morte já nos marcou. Ao fim, embora disfarçemos, por mais que sejam arriscados e exigentes e elevados os nossos divertimentos, o motivo único que encontramos para viver é nos divertirmos. E receio que isso não seja motivo suficiente.

— Mas é! — gritou ela.

— Você acha que sim, porque tem sorte bastante de pertencer a uma sociedade com tarefas importantes por completar. Mas nós, aristocratas da Terra, desfrutamos a vida, em vez de desfrutarmos o que estamos fazendo... e há todo um universo de diferença.

Ele fez uma pausa, prosseguindo então:

— A medida de nossa condenação é que cada um de nós com alguma inteligência... e existem alguns... todos vêm a Noite Longa chegando. Tornamo-nos sábios demais; estudamos um pouco de psicodinâmica, ou talvez tenhamos lido muita história, e dá para ver que o Império de Manuel não foi um

ressurgimento dos mais gloriosos. Não passou mais do que o veranico da civilização Terrena. (Mas você nunca viu o veranico, ao que suponho. Uma pena, porque nenhum planeta tem coisa mais bonita e cheia de antigas mágicas.) Nem mesmo aquela estação curta já passou. O outono ficou para trás; as noites são frias e as folhas caíram, e as últimas aves em fuga clamam por um céu que perdeu toda a cor. Ainda assim, nós que vemos o inverno chegando podemos, também, ver que não estará aqui, senão depois de nos encontrarmos mortos... Por isso, trememos um pouquinho de frio, praguejamos um pouco, voltamos a brincar com algumas poucas folhas mortas.

Ele se deteve. O silêncio formou-se no aposento e então, pelo intercomunicador, a música recomeçou, uma peça orquestral baixa, que falava a lugares profundos na percepção deles.

— Desculpe-me — pediu Flandry. — Eu não devia ter pespegado o meu otimismo azedo em você.

O sorriso dela, desta vez, tinha uma sombra de piedade.

— E, está claro, não seria afável que demonstrasse os seus sentimentos verdadeiros, ou procurasse encontrar palavras para exprimi-lo.

— *Touché!* — e ele inclinou a cabeça para o lado. — Acha que podemos dançar com essa música?

— A música? Dificilmente. A Liebestod é pano de fundo para outra coisa. Será que o Chives sabia?

— Hem? — e Flandry fitou a moça, tomado de surpresa.

— Eu não me importo, em absoluto — cochichou ela. — O Chives é um queridinho.

Ele, de repente, compreendeu.

Mas as estrelas estavam frias, por trás dela. Flandry pensou em armas, fortalezas sombrias que os aguardavam, aos dois. Pensou em honra de cavaleiros, que não tirariam vantagens da indefensabilidade própria da juventude — e então, com um pouco de tristeza, achou que as considerações de ordem prática eram o que realmente contavam.

Levou o charuto à boca e disse baixinho:

— É melhor tomar o seu café, antes que esfrie, mocinha.

Com isso, aquele momento havia passado, sem prejuízos. Ele julgou observar gratidão desapontada, no olhar apressado de Kit, mas não teve certeza. Ela voltou-se para outro lado, fitando as estrelas apenas para evitar encará-lo aqueles segundos.

Kit suspirou, sentou-se, olhando Cerulia por todo um minuto. Depois fitou a própria mão e disse, com a voz sem expressão:

— Talvez você tenha razão a respeito do Império. Mas o que vai acontecer a



Raposa?

— Nós a libertaremos, e arrancaremos uma boa indenização de Ardazir — disse Flandry, como se não tivesse dúvida alguma.

— Ah, sim — e Kit sacudiu a cabeça. A amargura começou a transparecer em sua voz. — Não, se não for conveniente. A sua Marinha pode resolver travar a guerra onde Raposa está. E, então, todo o meu planeta, minha gente, a menininha que mora ao lado e a gatinha dela, as árvores, as flores e os pássaros, ora, tudo ficará radioativo, tudo cinzas soprando por cima de montanhas horríveis, de tão mortas. Ou talvez o Imperium resolva transigir e deixar que Ardazir fique com Raposa. Por que não? O que é um planeta para o Império? Uma troca, uma barganha, como você diz, e que serve para comprar a paz para eles, enquanto estão vivos. Alguns milhões de seres humanos, isso não é nada, é só riscar com tinta vermelha.

Ela sacudiu novamente a cabeça, parecendo aturdida.

— Por que nós vamos lá, você e eu? — indagou. — Para que estamos trabalhando? Qualquer coisa que façamos pode dar em nada, riscada por uma caneta, na mão de algum burocrata entediado, não é?

— Sim — confirmou Flandry.

Cerulia, estrela de seqüência principal, não precisava de muito mais massa do que o Sol para brilhar com mais intensidade. Raposa, o quarto planeta, em ordem de órbitas, seguia pela mesma em um e meio ano-padrão, em órbita que recebia, em média, mais ou menos a mesma radiação recebida pela Terra.

— A coisa está na palavra "média" — murmurou Flandry.

Ele fluuava na torre com Chives, as mãos no painel de controle e o corpo sem peso, em um casulo de arnez de piloto. A bombordo, as telas visuais estavam atenuadas, para que o sol azul forte não lhe queimasse os olhos. Tirando isso, as constelações contorcidas esparramavam-se friamente sobre a noite. Flandry escolheu o planeta de tipo Júpiter, chamado "Papão" pelos seres humanos de Raposa: um brilho amarelo forte, as luas maiores visíveis como se fossem faíscas. E em que estavam pensando seus colonos Ymiritas?

— Papão já causou dificuldades bastante a Raposa, por conta própria — queixou-se Flandry. — Seus colonizadores deviam contentar-se com isso, e não entrarem em conluio com Ardazir. Se é que entraram — disse, e voltou-se para Chives. — Como é que a Kit está se saindo neste mergulho de queda livre?

— Lamento dizer que a Srta. Kittredge não parecia muito à vontade, senhor — respondeu a shalmuano. — Mas disse que estava.

Flandry estalou a língua. Desde o advento do controle da gravidade, houvera pouca necessidade de que qualquer civil passasse pela imponderabilidade; daí que Kit, susceptível a isso, não tinha o preparo que a teria ajudado em tal ocasião. Pois bem, ficaria muito mais enjoada se um míssil Ardazirho acertasse no Desordeiro. Ninguém, jamais, morreria de enjôo de espaço; ninguém tivera tanta sorte!

Ardazir, sem dúvida, teria montado guarda severa sobre Raposa, que conquistara. Os detectores de Flandry confirmavam o fato. O espaço em volta do planeta palpitava com vibrações de força primária, belonaves em patrulha, e devia haver uma rede de controladores automáticos orbitais em funcionamento, uma aproximação pelo processo comum seria observada, sem sombra de dúvida. Havia, entretanto, outro modo de pousar, para quem fosse piloto o bastante e contasse com a sorte. Flandry resolvera tocar em frente, em vez de entrar em contato com a força-tarefa de Walton. Não podia fazer grande coisa por lá, a não ser apresentar-se... e depois seguir para Raposa, de qualquer maneira, com probabilidade ainda maior de ser percebido e destruído.

Motores desligados, o Desordeiro caía em velocidade meteórica máxima, na direção da meta. Qualquer autômato poderia registrá-lo com um siderita, desprezando-o. Apenas a observação visual descobriria o disfarce; e o espaço é tão amplo que até mesmo no bloqueio mais cerrado eram poucas as possibilidades de passar tão perto de um inimigo desavisado. Fugir da superfície seria mais difícil, porém a manobra de então era garantida. Até alcançar a atmosfera!

Flandry observava Raposa, que crescia nas telas visuais dianteiras. A um dos lados, Cerulia ardia, grande a ponto de parecer pressaga. O lado diurno e setentrional do planeta era uma faixa de incandescência; telescópios polarizadores mostravam montanhas nuas, desertos pedregosos, rios que haviam transbordado com a neve derretida. No hemisfério meridional os continentes ainda eram verdes e marrons, os oceanos profundamente azuis, parecendo-se a cobalto brunido. Mas as nuvens cobriam essa metade do mundo, as tempestades estrugiam sobre centenas de quilômetros, os relâmpagos estralejavam em meio da chuva. O equador achava-se oculto sob uma faixa quase sólida de nuvens e temporal. A aurora setentrional era um fogo frio; o pólo sul, menos brilhante, ainda agitava grandes bandeiras de luz para o céu. Uma lua pequenina e isolada, a 100 mil quilômetros da superfície, parecia pálida contra toda essa luminosidade.

A espaçonave apresentava silêncio sepulcral quando Flandry voltou a dedicar-lhe atenção. Ele disse, só para desfazer o silêncio:

— E isto passa por ser um planeta terrestre, habitável por seres humanos. Que grandes agentes imobiliários devem ter agido aqui, nos dias dos pioneiros!

— Estou informado de que Cerulia IV meridional não é insalubre durante a maior parte do ano, senhor — explicou Chives. — Somente agora, na verdade, é que a parte setentrional se torna mortífera.

Flandry assentiu. Raposa era a vítima expiatória; Papão, planeta enorme, tinha período exatamente quatro vezes maior e assim, ao correr de milhões de anos, a ressonância multiplicara as perturbações e levava a excentricidade da órbita de Raposa para a aproximação de metade. A inclinação axial do planeta era 24.º, e o veranico setentrional caía quase no periastro.

Assim, a cada dezoito meses, Cerulia calcinava aquele hemisfério, com quatro vezes mais radiação do que a Terra recebia do Sol. Esta parte da órbita era completada apressadamente e a maior parte do ano de Raposa era passada em regiões mais frescas.

— Mas acredito que os Ardazirho tenham calculado o momento de invasão para agora — disse Flandry. — Se eles são de uma estrela de tipo A, o tempo setentrional não deve ser muito difícil de agüentar.

Apagou o último cigarro. O planeta enchia toda a tela da proa. Mecanismos automáticos podiam fazer muito, mas agora precisava haver uma pilotagem por ser vivo... ou mais um risco no céu de Raposa, e uma cratera aberta em alguma rocha.

Com a velocidade do Desordeiro, deu para atravessar as camadas aéreas tênues e superiores, alcançando a estratosfera em questão de segundos. Era como um punho de gigante. O arnez de Flandry gemia, enquanto o corpo se lançava à frente. Não havia qualquer ruído externo ainda, mas a nave gemia, em dores metálicas. As telas tornavam-se fogo vivo, o ar se aquecia à incandescência.

O braço de Flandry tremia com o peso. Ele o atirou nas chaves de impulso. A forma esguia de Chives não conseguia mover-se sob tais pressões, mas a cauda verde lançou-se do botão do mostrador para o vernier. Motores berraram, enquanto lutavam para desfazer a velocidade. A nave incandescia, mas o metal fora cristalizado para suportar calor superior ao de uma fornalha. O trovão esmurrava-a, dentro dela. Flandry sentia que as costelas iam na direção dos pulmões, quando a direção mudou. Ainda assim, dava para ver apenas fogo lá fora. Mas os olhos cobertos de véu viam os instrumentos. Ele sabia que a nave nivelara o vôo, alcançara a atmosfera mais densa, batia como uma pedra e estava agora rodeando o planeta, em saltos estremeceadores, monstruosos.

Só então teve tempo de reativar os compensadores internos. Veio a pressão normal, trazendo sua benção por todo o corpo. Ele respirou sem firmeza com o peito dolorido.

— E eles nos pagam para isso? — murmurou. Enquanto Chives tomava conta dos controles e o termostato levava a torre a uma temperatura próxima ao tolerável, Flandry se desfidelava e descia para a sala de Kit. Ela estava sem se mexer no arnez, um filete de sangue saindo no nariz arrebocado. Injetou-lhe estimulou e ela abriu os olhos, piscando. Parecia tão jovem e indefesa que Flandry teve que desviar o olhar.

— Desculpe ter que trazer você de volta desta forma — suplicou. — É falta de prática. Mas estamos precisando de um guia.

— Está claro — e ela foi à sua frente para a torre. Flandry sentou-se e ela inclinou-se sobre seu ombro, olhando para as telas visuais. O Desordeiro perfurava a atmosfera, com inclinação acentuada. O rugido do ar fendido reverberava pelo casco. Montanhas se apresentavam escarpadas no horizonte noturno.

— Ali está a Crista — disse Kit. — Siga em frente, por cima do Passe da Pedra Lunar.

Do outro lado, um vale em sombras brilhava com seus rios, sob a luz das estrelas e vestígios da aurora boreal.

— Aquele é o Bosque, e aquele o Caminho do Rei. Pouse ali perto. Não é provável que encontrem a nave.

O Bosque não correspondia ao nome que lhe tinham dado, era uma floresta virgem, 40 mil quilômetros quadrados de árvores altas. Flandry pousou a nave com tanta suavidade que nem um só ramo foi partido, desligou os motores e inclinou-se no assento.

— Até aqui — disse, em arquejo valoroso —, tudo foi bem, guria!

— Senhor — disse Chives. — Posso mais uma vez tomar a liberdade de observar que se pretende ir sozinho com a moça, sem minha companhia, está precisando de um psiquiatra?

— E eu posso dizer-lhe mais uma vez onde deve enfiar sua cabeça? —

respondeu Flandry. — Já vou encontrar dificuldades suficientes, tentando passar por Raposino, sem sua presença. Você fica na nave, pronto para lutar. Ou, o que é mais provável, para dar o fora daqui o mais depressa possível.

Dito isso, pôs-se em pé e aduziu:

— É melhor começarmos agora, Kit. Aquela droga não vai agüentar você em pé por muitas horas.

Os dois humanos já estavam vestidos nas roupas verdes e macias que Chives preparara, de acordo com a descrição que Kit fizera de caçadores profissionais. Serviriam também para explicar o pequeno transceptor de rádio levado por Flandry, bem como o punhal e carabina; o sotaque dele poderia passar pelo de um homem que se mudara das Ilhas. Avianas. Era um disfarce ralo... mas os Ardazirhos não saberiam observar pequenos detalhes. O principal era alcançar a cidade natal de Kit, chamada Garth, sem serem percebidos. Uma vez chegados, Flandry poderia avaliar a situação e começar a criar problemas.

Chives retorcia as mãos, mas fez mesura obediente ao senhor, quando passavam pela comporta. Era veranico, porém periastro; apenas noites compridas e chuvas freqüentes assinalavam a estação naquele hemisfério. O chão da floresta era espesso e macio. Pouca luz passava pelas folhas, mas aqui e acolá, nos troncos altos, brilhavam fungos amarelos fosforescentes, o suficiente para que enxergassem. O ar era quente, cheio de odores verdes e estranhos. Na escuridão ouviam-se assobios, chamamentos, coaxes, batidas, e uma vez um grito, que terminou em gargarejo; eram os sons da mata desconhecida.

Foram duas horas de caminhada até o Caminho do Rei. Flandry e Kit acostumaram-se ao ritmo da coisa, falavam pouco. Mas quando finalmente chegaram à faixa larga e iluminada pelas estrelas, que era a estrada, ela tomou-lhe a mão.

— Vamos caminhar por ali? — perguntou.

— Não, se Garth estiver a cinqüenta quilômetros de distância — retorquiu Flandry, sentando-se à beira da estrada. Ela se deixou baixar na curva do braço de Flandry.

— Está com frio? ! — perguntou ele, sentindo-a estremecer.

— Com medo — foi a confissão.

Os lábios dele roçaram os de Kit. Ela correspondeu timidamente, sem prática. Era melhor do que pedir carona. Era, mesmo? Nunca apreciei hors d'oeuvres e mais nada como refeição, pensava Flandry, chamando-a a si.

A luz brilhou, lá na estrada. Um ruído distante avizinhava-se. Kit soltou-se dos braços de Flandry.

— A salvação na hora H — murmurou Flandry —, mas não fique imaginando qual de nós dois foi salvo.

Ela riu, em som baixo e trêmulo, por baixo daquelas constelações diferentes.

Flandry levantou-se, estendeu o braço. O veículo parou e o motorista do imenso caminhão inclinou a cabeça para fora.

— Vai p'ra Garth? — gritou de lá.

— Isso mesmo — e Flandry ajudou Kit a entrar na cabine, acompanhando-a. O caminhão retomou a marcha, enquanto o trem imenso de reboques estendia-se, trovejante, duzentos metros para trás.

— Vai entregar a arma, não é? — perguntou o motorista, homem de rosto azedo, o corpo truncado, e um dos braços mostrava sinais de recente ferimento por desintegrador.

— Acho que sim — respondeu Kit. — Meu marido e eu andamos pela Crista nos últimos três meses. Ouvimos falar da invasão e começamos a voltar, mas a enchente não deixou... muita chuva, sabe?... E o nosso rádio também deu algum problema. Por isso a gente não tem certeza do que está acontecendo.

— Muita coisa — e o motorista cuspiu pela janela aberta, fitando-os com aspezeza. — Mas que diabo alguém ia fazer nas montanha, nessa época do ano?

Kit começou a gaguejar, mas Flandry explicou, com facilidade:

— Faça o favor de guardar segredo, mas é quando o gato selvagem com rabo de peles sai da toca. Eu sei que é perigoso, mas a gente encheu seis bolsas de ratatuia.

— Bem... quer dizer... sim. É claro. Bem, quando vocês chegar, a Garth, é melhor não levar a arma pessoalmente para o quartel dos lobos. Era mais certo eles atirar primeiro e perguntar depois quais era suas intenção. É melhor deixar em algum lugar e pedir a um deles p'ra ter a bondade de apanhar e tirar ela de você.

— Mas eu não queria ficar sem a arma — disse Flandry.

O motorista deu de ombros.

— Pois fica com ela, se quiser correr o risco. Mas não por perto de mim. Eu lutei no Morro Queimado, e fiz de morto a noite toda, enquanto esses diabo uivava e caçava o resto da nossa tropa. Depois fui p'ra casa de algum jeito, e p'ra mim chegou. Tenho mulher e filho p'ra criar.

Com o polegar, indicou a carga.

— Tá cheio de minério de terra rara, desta vez — explicou. — Os lobo quer isso, e a usina de Hobden vai transformar em elementos de controle de fogo p'ra eles, e eles vão usar isso contra as unidade do Império. Tá certo, pode me chamar de quisling... e depois espera só, p'ra ver seus amigos berrando, correndo pelas rua, com um punhado de cobra-com-morcego batendo asa e mordendo eles, e os lobo por trás, soltando gargalhada. Veja se você quer passar por isso, em favor de um Império que já desertou a gente.

— Desertou? — perguntou Flandry. — Eu ouvi uma notícia dizendo que havia

reforços a caminho.

— Claro, já estão aqui. Um de meus colega tinha um rádio bem bonzinho, e mais ou menos acompanhou a batalha no espaço, quando chegou a força de Walton, e ele foi pegando os despacho que podia. Mas o negócio acabou logo. O que pode o Walton fazer, a menos que ataque esse planeta, onde os lobo agora estão com base, onde eles já estão fazendo as munição e abastecimento de que precisa? E se ele fizer isso... — os reflexos dos faróis faziam ver o suor no rosto do motorista. — Raposa acaba. Vira tudo cinza. Pode pedir a Deus, meu camaradinho, para que os Terrenos não queira tirar Ardazir de Raposa.

— O que está acontecendo no espaço, então? — perguntou Flandry.

Não contava com resposta coerente. Aos olhos do civil, bem como o lutador comum, aquilo era tudo um caos imenso e sem sentido. Foi pura sorte, quando o motorista respondeu:

— Meu camarada pegou as notícia pelo rádio que a frota da Terra mandava. Os lobos quiseram atrapalhar, é claro, mas eu ouvi e acho que é quase tudo verdade. Porque é ruim de doar! Muita besteira, falando p'ra gente continuar com a coragem, fazer sabotagem no inimigo, e...

Saiu-se com um vasto palavrão, mas logo se desculpava:

— Desculpa, madama. Mas espera, até vocês ver como as coisa está em volta de Garth, e então vai entender o que eu acho dessa idéia deles. O Almirante Walton diz que a frota dele apanhou alguma base asteróide e os lobo não tá querendo tirar eles de lá. Xeque-mate, entendeu? Até que os lobo tenha ficado com força bastante. E eles estão ficando, pode acreditar. O motivo p'ro Almirante não poder usar tudo que tem contra os lobo no espaço é que ele também tem que vigiar Papão. Parece que tem motivo p'ra desconfiar que Ymir pode estar de combinação com Ardazir. Os Ymiritas não tão falando. Vocês sabe como eles são.

Flandry assentiu.

— Sim. "Se não aceitarem nossa palavra de que somos neutros, não existe meio de que se convençam, porque todo o Império Terreno não pode investigar uma só fração do território da Dispersão. Por isso mesmo, não vamos gastar nosso tempo discutindo o caso".

— Isso mesmo, meu camarada. Você sabe falar direitinho. É claro que eles pode estar dizendo a verdade. Ou podem tá esperando o momento em que Walton afrouxe a mão, p'ra pular em cima dele.

Flandry olhou para fora. As estrelas brilhavam de modo impessoal, a elas não importava que minúsculos fragmentos de carne viessem a considerá-las suas províncias, durante alguns séculos. Ele viu aquela parte do céu desse planeta, que não tinha estrelas, um buraco na eternidade. Kit lhe dissera que aquilo era chamado de Portinhola, mas não passava de uma nebulosa escura próxima, e não era muito grande. A centelha branca e clara de Rigel era mais sinistra,

reluzindo no cerne do reino de Merséia. E que dizer de Papão, fulvo acima das árvores?

— O que acha que vai acontecer? — a voz de Kit quase não podia ser ouvida, em meio ao ronco do motor.

— Nem tenho coragem de calcular — respondeu o motorista. — Talvez o Walton venha negociar alguma coisa... pode deixar a gente aqui, p'ra virar gado dos lobo, ou pode fazer uma evacuação, e a gente se torna mendigo na Terra. Ou pode lutar no espaço... mas mesmo se não atacar as fortaleza deles, aqui em Raposa, a gente vai ser refém de Ardazir, não é? Ou os Ymiritas pode atacar... Não, madama, eu só quero dirigir meu caminhão, ganhar meu dinheiro e sustentar a família. As ração fica cada vez menor, ao que parece. Acho que não tem mais nada que ninguém pode fazer. Acha que tem?

Kit começou a chorar, em soluços baixos e desesperados, no ombro de Flandry. Ele passou o braço por seu corpo e assim permaneceram, sentados, até chegarem a Garth.



Anoitecera outra vez, após um dia curto e quente de inverno, cheio de temporais. Flandry e Emil Bryce achavam-se no negrume completo de um beco, observando uma rua quase invisível. A chuva deslizava por suas capas. Uma dobra do capuz de Flandry deixava a água entrar, a túnica se encharcara, mas ele não se atrevia a fazer movimento algum. A qualquer momento os Ardazirho passariam por ali.

A chuva desabava, vagarosa e pesada, por cima dos telhados de picos altos em Garth, passando por ruas mergulhadas na escuridão e gargarejando nos esgotos. Todo o vento cessara, mas de vez em quando um relâmpago brilhava. Houve a visão branca e rápida de calçadas que luziam encharcadas, casas semifeitas de madeira, com venezianas de lado a lado, uma torre transmissora parecida com esqueleto, destinada às estações meteorológicas automáticas, espalhadas pelo planeta. A noite caíra, e os trovões explodiam por espaços vazios e imensos. Emil Bryce não se movera, por meia hora, mas era realmente um caçador, pensava Flandry. Já o Terreno sentia rancor insensato pela atividade de Bryce. Aquilo não estava certo, como caçadores eles aprendiam a espreitar a presa desde meninos — e ele começava do nada.

Passadas soaram na calçada. Não tinham cadência humana, não batiam primeiramente no chão com o calcanhar de bota, mas com dedos guarnecidos de metal. Uma lanterna oscilou, cortando a escuridão com luz azul demais e forte demais para olhos humanos. Reflexos de água tocaram no rosto largo e vermelho de Bryce. Só sua boca movimentou-se, e Flandry percebeu o medo nela. Lobos!

A arma de Bryce, entretanto, deslizou sob a capa. Flandry ajeitou a soqueira de aço na mão. Com a outra, fez gesto para que Bryce recuasse. Ele, Flandry, tinha que ir primeiro, escolher com precisão o inimigo que queria — na escuridão, debaixo de chuva, e com aqueles rostos não-humanos. Tampouco os uniformes ajudariam, porque os Ardazirho usavam ampla variedade de vestimenta.

Mas... Flandry estava preparado. Levava a carabina, para ter a desculpa de entrar no quartel dos invasores. A guarnição deles em Garth não era grande: algumas centenas, para uma cidade com um quarto de milhão de almas. Mas as armas pesadas modernas compensavam isso, robotanques, canhões de repetição, a declaração de que qualquer cidade onde uma rebelião humana tivesse êxito seria alvo de mísseis. (A cratera vidrada, que fora a cidade de Marsburg, vinha prová-lo.) A guarnição de Garth estava lá principalmente para ocupar os postos de observação e as defesas anti-espaçonaves nas vizinhanças; mas recolhiam também as armas de fogo, dirigiam as fábricas, produzindo para seu exército, rondavam à procura de quaisquer cidadãos que ainda tivessem espírito de luta. Assim sendo, Flandry disse a si próprio que o oficial mais graduado devia ter boa extensão de conhecimentos — e esse oficial falava inglês; Flandry pudera observá-lo bem, enquanto entregava a carabina, e estava treinado para estudar as fisionomias, até mesmo as não-humanas.

E agora o Mestre de Clã Temulak, como chamara a si próprio, deixava o serviço, indo do quartel para o acampamento. Bryce e os demais tinham observado os Ardazirho por semanas seguidas. Haviam contado a Flandry que os invasores andavam a pé, em pequenos grupos armados, sempre que possível. Ninguém sabia com exatidão o motivo. Talvez preferissem a proximidade de odores e ruídos que os veículos tornavam impossível; era sabido que tinham feroz melhor do que o homem. Ou talvez gostassem do perigo; mais de uma vez, seres humanos haviam atacado grupos assim, tinham sido batidos, perseguidos e esfaqueados. Os elementos civis não contavam com qualquer possibilidade contra as armaduras corporais, desintegradores e reflexos treinados para a luta.

Mas eu não sou um civil, Flandry dizia a si próprio, e Bryce tem algumas habilidades bem especiais.

A presa passou por eles. A luz espalhada delineava as cabeças peludas, dotadas de focinho, contra a escuridão. Eram cinco. Flandry identificou Temulak, que usava capacete e corselete, perto do meio. Deslizou do beco, atrás deles.

Os Ardazirho estacaram, voltaram-se. A que ponto ia a acuidade de suas orelhas? Flandry continuou em marcha. Um alienígena de pelo vermelho baixou a mão para o desintegrador no coldre. Flandry esmurrou a cara de Temulak, com a soqueira de aço. O inimigo balançou a cabeça, a soqueira arrancou o capacete. E metal leve protegia-lhe o ventre, nenhum golpe podia causar efeito ali. O desintegrador saiu. Flandry cortou com a palma da mão esquerda, de lado, com precisão selvagem. Julgou ter quebrado os ossos do pulso com o golpe. A arma de Temulak caiu com estrépito ao chão. O Ardazirho recuou a cabeça e uivou, ululando debaixo da chuva. E o Quartel estava a meio quilômetro, apenas, o acampamento não ficava mais longe do que isso, na direção oposta...

Flandry lançou um pontapé de karatê ao queixo. O oficial cambaleou para trás, mas foi rápido, retorcendo-se para agarrar o tornozelo do homem, antes que ele o retirasse. Eles caíram juntos. A mão direita de Temulak continuava inútil, mas com a esquerda ele agarrou a garganta de Flandry. O Terreno entreviu unhas reforçadas com plectra de aço cortante. Ergueu o braço para impedir que a laringe fosse cortada. Temulak uivou novamente. Flandry golpeou o pescoço peludo. O Ardazirho abaixou-se e enfiou os dentes no pulso de Flandry. A dor foi como um fogo ardendo pelos nervos, mas Temulak estava agora acorçado à frente. Flandry utilizou um soco de coelho. Temulak desabou, Flandry se pôs de costas e o agarrou pelo pescoço.

Arquejando, olhando para cima, o homem viu sombras saltarem e gritarem no brilho da lanterna que caíra. Não tinha podido usar a agulha com Temulak, pois queria-o vivo, e não sabia quais anestésicos podiam ser mortais para o Ardazirho. Mas Bryce teria apenas que matar os guardas, tão silenciosamente quanto possível. Sua arma cuspiu dardos de cianeto, morte certa para qualquer respirador de oxigênio. E a mira certa mandara esses dardos aos pontos de carne exposta, sem perdê-los nas armaduras, onde partiriam. Dois corpos estendiam-se na rua. Outro, de algum modo, saltara à garganta de Bryce. O caçador levantou

uma das botas, que bateu no peitoral, mas a simples força mandou o alienígena cambaleando para trás. Bryce acertou-o, então. A essa altura, o último empunhava o desintegrador. Ele estrugiu, e brilhou em meio da chuva. Bryce já se abaixara. O jato de ions fervilhava, onde ele estivera. Bryce disparou, errou, escapou de outro jato, voltou a atirar e errar. Agora os uivos podiam ser ouvidos na rua, quando uma turma de invasores vinha em socorro.

Flandry estendeu a mão pelo corpo ossudo de Temulaḱ, apanhou a arma do Mestre de Clã e esperou. Estava quase cego, naquela noite. A arma do outro Ardazirho voltou a chamejar. Flandry disparou onde a luz aparecera. O alienígena berrou uma vez, e caiu ao chão. Pelos e carne queimada emitiam cheiro enjoativo, no ar úmido.

— Fora daqui! — arquejou Bryce, pondo-se em pé. — Eles já vêm! E vão pegar-nos pelo faro...

— Eu vim preparado para isso — explicou Flandry.

Um sorriso curto e duro exibiu-lhe os dentes. Deixou que Bryce apanhasse Temulaḱ, enquanto ele retirava um plastifrasco da túnica. Apertou a ponta de pressão e borrifou um litro de gasolina em volta do lugar.

— Se o faro deles ainda prestar por alguns minutos, depois disso, desisto. Vamos.

Bryce seguiu adiante, tomando o beco para a rua ao lado, percorrendo o quarteirão de calçamento horrivelmente aberto, e depois, palmo a palmo, um muro de jardim. Nenhum veículo humano particular podia sair após a chegada da noite, sem que recebesse tiros do ar, mas não estavam longe do esconderijo subterrâneo. Na verdade, achavam-se próximos demais — pensou Flandry. Mas, afinal, quem em Raposa tivera qualquer experiência em tal tipo de operações? Kit procurara os amigos em Garth que a tinham mandado à Terra, e eles haviam levado Flandry diretamente à sua pequenina e amargurada organização. Assim, as coisas andavam mais depressa dessa feita, mas o que aconteceria, se os Ardazirho houvessem conseguido um espião? E... era apenas questão de tempo, para que começassem a interrogar os humanos detalhadamente, usando drogas e tortura. Seriam, então, necessárias células, senhas e contra-senhas, esconderijos amplamente espalhados, ou a luta subterrânea estaria acabada.

Flandry cambaleou, passando por canteiros encharcados. Ajudou Bryce a carregar Temulaḱ, descendo para o porão contra furacões; era uma peça de que todas as casas em Garth se achavam dotadas. Havia cavado um túnel, naquele, e a porta, pelo menos, estava bem escondida. Flandry e Bryce foram Tateando por diversas centenas de metros, até a outra extremidade. Saíram por baixo de uma casa cujo endereço não deviam ter tido licença de saber.

Judith Hurst voltou-se com um gritinho, quando a porta do porão se abriu. A luz fraca delineou o corpanzil de Bryce e Temulaḱ continuava flácido, nos braços do caçador. Flandry veio atrás, largando a capa, com um assobio de alívio.

— Oh — arquejou Judith. — Vocês o pegaram!

Os olhos de Bryce examinaram o círculo ali formado. Era uma dúzia de homens, os rostos tismados e retesados, a luz uma simples fluorescente pequenina. As sombras projetavam-se, monstruosas, nos cantos da casa e por cima das persianas. Facas e armas proibidas brilhavam nos cinturões. Kit era a única pessoa sentada, ainda derreada, na tristeza da reação do estímulo.

— Quase não pegamos — resmungou Bryce. — Não podia ter pego, sem o capitão. Sir Dominic, peça desculpas por algumas coisas que andei pensando ultimamente sobre a Terra.

— E eu também — afiançou Judith Hurst adiantando-se e tomando nas suas as mãos do homem da Marinha. Estava entre as poucas mulheres na luta subterrânea e Flandry achava um crime arriscar mulher de tanta beleza. Era alta, o cabelo comprido e castanho, a pele parecendo-se ao creme; os olhos eram castanhos, no rosto bem feito e zangado. O corpo transparecia nos shorts e bolero.

— Achei que nunca mais os veria — disse ela. — Mas vocês voltaram, com a primeira vitória que tivemos nesta guerra.

— Dois goles não esvaziam o barril — advertiu Flandry, e dedicou-lhe a mesura mais requintada. — Por falar nisso, eu poderia beber alguma coisa, e seria difícil recebê-la de mãos mais formosas. Antes, porém, vamos tratar de nosso amigo Temulak. Por aqui, não é?

Ao passar por Kit, os olhos exaustos dela voltaram-se para ele. Lágrimas vagaras desciam-lhe pelo rosto.

— Oh, Dominic, você está vivo — cochichou. — Isso faz tudo o mais parecer sem valor.

Ela se levantou, com as pernas fracas. Flandry dedicou-lhe um sorriso preocupado e continuou, o cérebro cheio de detalhes técnicos a serem cuidados.

Se dispusesse de laboratório biopsíquico adequado, podia aprender como arrancar a verdade de Temulak, usando drogas e eletrônica. Mas não tinha dado algum sobre aquela espécie. Teria que contar com certas regras psicológicas de ampla aplicação, se bem que não fossem universais.

Por ordem sua, uma sala lateral do porão fora dotada de leito cômodo. Ele despiu Temulake e o amarrou com firmeza, mas usando cordas macias, que não o esfolariam. O prisioneiro começava a mover-se. A essa altura Flandry terminara e Temulak estava imóvel, os olhos cinzentos e alienígenas achavam-se abertos e o focinho enrugava-se, pondo à mostra as presas brancas. Um grunhido rugia na garganta.

— Sente-se melhor? — perguntou o homem, em tom melífluo.

— Não estou tão bem quanto estarei quando nós o pegarmos na rua — respondeu Temulak, cujo ânglico tinha sotaque forte mas era fluente, e ostentava altivez de aço.

— Estremeço em pensar — explicou Flandry, acendendo o cigarro. — Muito

bem, meu camarada, se quiser responder algumas perguntas agora, poupará muitas dificuldades a todos. Prevejo, come você está vivo, que lhe foram apagadas as coordenadas de seu sol natal. Mas você ficou com pistas.

Ato contínuo, soprou um anel de fumaça, com ar pensativo, prosseguindo:

— E existem, com certeza, as coisas que você tem que saber, por causa de sua patente. Oh, todos os tipos de coisas, meu caro, e estou ardendo de curiosidade por descobrir.

Deu uma risadinha, concluiu:

— Não estou falando literalmente. Se alguém tiver que morrer, será obra sua.

Temulak enrijeceu o corpo.

— Se pensa que eu continuaria vivo, ao preço de trair o orbekh...

— Não precisa tanto.

O pelo vermelho eriçou-se, mas Temulak rousnou:

— Nem a dor, em qualquer grau, servirá para obrigar-me. E não acredito que você compreenda a psicofisiologia de minha raça o bastante para empreender o reconhecimento total.

— Não — reconheceu Flandry —, ainda não. No entanto, falta tempo para recondicionar, e a tortura é coisa que dá tanto trabalho... além disso, não oferece qualquer garantia de que, quando você falar, vai evitar a mentira. Não, não, meu amigo, você vai querer contar a coisa toda, não tarda muito. Quando achar que chega, é só chamar, e eu virei ouvir.

Fez, então, um sinal ao Dr. Reineke. O médico arrastou o equipamento que tirara do Hospital Geral de Garth, a pedido de Flandry. Um capuz encobriu os olhos de Temulak, deixando-o cego, cera que o punha surdo encheu-lhe as orelhas, tampou-lhe o nariz, uma máquina o abastecia com alimento intravenoso e outra retirava os detritos do corpo. Deixaram-no imóvel e, a não ser pela pressão constante e suave das amarras e da cama, fechado em escuridão igual à morte. Nenhuma impressão sensorial o alcançava, vinda de fora. Era indolor, não causava prejuízo permanente, mas o espírito não foi feito para tal isolamento. Quando nada existe pelo que se possa orientar, ele perde rapidamente todo conhecimento do tempo; uma hora parece-se a um dia, e mais tarde a uma semana ou ano. O espaço e a realidade material desaparecem. Vêm as alucinações e a vontade começa a entrar em derrocada. De modo especial isso acontece quando a vítima se encontra entre inimigos, retesada, pronta a sentir o punhal ou o chicote, que sua própria cultura feroz usaria, sem dúvida alguma.

Flandry fechou a porta.

— Mantenham guarda — disse. — Quando ele começar a berrar, avisem-me.

Dito isso, despiu a túnica e pediu:

— De quem posso pedir alguma coisa seca para usar?

Judith dedicou a seu torso um olhar prolongado.

— Achei que todos os terrenos fossem flácidos, Sir Dominic — disse, e a voz parecia o ronronar de uma gata. — Também estava enganada a esse respeito.

Ele a devorou com os olhos.

— E você, minha cara, torna abundantemente claro que as raposinas são tudo, menos flácidas — zombou.

Ela o apanhou pelo braço.

— O que pretende fazer em seguida?

— Andar por aí. Observar. Colocar essa organização de resistentes em condições de eficiência. Existem muitas coisas para ensinar a vocês. Falando de uma, por exemplo, sempre que quiserem divertir-se, podem fazer parar o trabalho em uma fábrica por meio dia, bastando um tele-chamado anônimo, advertindo que uma bomba foi posta ali e que é melhor o pessoal dar o fora. E existe o resto do planeta a organizar. Não sei de quantos dias dispomos, mas há trabalho bastante para encher todo um ano.

Flandry espreguiçou-se gostosamente.

— Mas, neste instante, quero aquela bebida de que falei — anunciou.

— Aqui tem, senhor — disse Bryce, estendendo um frasco.

Judith fez careta para o caçador.

— É essa porcaria o que você tem para oferecer ao capitão? — gritou, os cabelos brilhando nas costas, quando se voltou sorridente para Flandry. — Sei que vai me achar avançadíssima, mas tenho duas garrafas de Bourgogne verdadeiro em minha casa. Fica a poucos quarteirões daqui, e conheço um caminho seguro até lá.

Oh-ho! Flandry lá lambia, mentalmente, aquele prato de delícias.

— Formidável — declarou.

— Eu gostaria de convidar vocês também — disse Judith, na voz mais doce —, mas não dá para todos e Sir Dominic é quem mais merece. Nada seria bom demais para ele, em minha opinião. Nada, em absoluto.

— Concorde — afirmou Flandry; despediu-se dos outros e saiu em sua companhia.

Kit ficou a fitá-los, por momentos. Quando Flandry fechou a porta, ouviu que ela prorrompia em choro.

Três dos períodos de rotação de Raposa, de 22 horas cada, passaram, e parte de um quarto, até chegar a mensagem de que Temulak cedera. Flandry assobiou.

— Já era tempo! Se são duros a esse ponto... Judith achegou-se a ele.

— Você tem que ir agora mesmo, querido? — murmurou. — Andou tanto por aí... andou rondando, espionando, e com as ruas cheias de matilhas de lobos, procurando quem atacou aquele grupo... estou apavorada, por sua causa.

O olhar era mais convidativo do que aflito. Flandry beijou-a, distraidamente.

— Nós somos patriotas, e aquela bobagem toda — disse. — Eu não poderia amá-la tanto, minha cara. Agora, faça o favor de me soltar.

Já tinha saído pela porta, antes que ela pudesse falar.

O caminho entre a casa e o esconderijo subterrâneo passava principalmente de um jardim a outro, mas havia uma faixa de rua pública. Flandry enfiou as mãos nos bolsos e seguiu devagar, sob palmeiras farfalhantes, como se não tivesse preocupações ou pressa. Os outros seres humanos em volta, a pé ou em veículos, estavam abatidos, a fome e o pauperismo transpareciam neles. Em certo momento um grupo de Ardazirho passou, em unicyclos motorizados; os focinhos vermelhos e pontiagudos fendiam o ar como se fossem de embarcações, e deixavam atrás de si uma esteira de silêncio amedrontado. O sol hibernal ardia bem baixo no noroeste, grande e estontantemente branco no céu pálido, em meio a nuvens carregadas, que seguiam com pressa.

Quando Flandry desceu ao porão, apenas Emil Bryce e Kit Kittredge ali se achavam. O caçador permanecia em guarda. Pela porta fechada, atrás deles, vinham uivos e soluços.

— Ele disse que vai falar — anunciou Bryce. — Mas podemos confiar no que ele diz?

— O interrogatório também é uma ciência — respondeu Flandry. — Se Temulak se parece bastante a um ser humano para ceder no isolamento, não poderá inventar mentiras coerentes com rapidez suficiente, quando eu começar a fazer perguntas. Arranjou aquele gravador que eu queria?

— Aqui está — e Kit o apanhou. Parecia muito pequenina e abandonada, nas sombras. A insônia lhe avermelhara os olhos. Ela trouxe a máquina a Flandry, que veio encontrá-la a vários metros de distância de Bryce. Ela se inclinou para ele, na ponta dos pés, e cochichou, com a voz trêmula:

— O que você vai fazer agora?

Flandry a examinou. Passara a conhecê-la bem, na viagem até aqui, estava pensando. Mas aquilo fora sob um conjunto de circunstâncias — e a que ponto o ser humano chega a conhecer outro, a despeito de toda a pretensão da psicologia? Desde a captura do Ardazirho, ele só a vira em uma visita única e rápida no

porão. Haviam passado alguns momentos a sós, mas nada de caráter pessoal fora dito. Não houve tempo para tanto. Ele via como Kit tremia.

— Vou interrogar nosso irmão Temulak — explicou. — Mais tarde, dá para jantar e tomar alguma coisa forte.

— Com Judith Hurst? — e ele ficou sobressaltado, pelo tom de ferocidade com que ela cuspira aquelas palavras.

— Depende — disse ele, com cuidado.

— Dominic... — e Kit abraçou a si própria, desesperada, querendo parar de tremer. Seu olhar esmaeceu-se, procurando o dele. — Não faça isso. Por favor, não me obrigue a... fazer o que não quero...

— Veremos — e ele partiu em direção da porta. Kit, a essa altura, começou a chorar desesperadamente.

Bryce levantou-se.

— Ora essa, o que se passa? — perguntou.

— Ela está cansada — e Flandry abriu a porta.

— Pior do que isso — e o caçador olhou para Flandry, depois para Kit, e voltou a fitar o Terreno. O rancor transparecia em seu resmungo: — Talvez não seja de minha conta...

— E não é — atalhou Flandry, passando pela porta e fechando-a.

Temulak estava trêmulo e arquejante. Flandry preparou o gravador, destampou as orelhas do Ardazirho.

— Você quer falar comigo? — perguntou, com imensa suavidade.

— Solte-me! — berrou Temulak — Solte-me, estou dizendo! Zamara shanmish ni ulan! — e abriu a boca, uivando. Parecia-se tanto a um animal que um arrepiou percorreu a espinha de Flandry.

— Veremos, depois de você colaborar — disse ele, sentando-se.

— Nunca pensei... vocês, gente cinzenta... corações cinzentos... — Temulak choramingava, babava entre as presas.

— Boa-noite, então — disse Flandry. — Tenha belos sonhos.

— Não! Não, deixe-me ver! Deixe-me farejar! Eu vou... Zamara, zamara...

Flandry começou a interrogá-lo.

Levou tempo. O essencial era fazer a pergunta, arrancar a resposta, fazer a pergunta seguinte, não deixar passar as menores discrepâncias, perguntar sempre, sem parar, sem dar um segundo de folga para que a vítima pensasse. Não dispondo de companheiro para o interrogatório, Flandry logo se cansou. Continuou, à base de cigarro e sistema nervoso; após a primeira hora, perdeu a noção de tempo.



Ao final, a fita inteiramente gravada, descansou por momentos. O ar estava quase sólido de fumaça. O suor era pegajoso, por baixo das roupas. Ele puxou tragadas de outro cigarro e notou, de modo impessoal, que a mão tremia. Mas Temulak contorcia-se, gemia, estava bem perto de perder a mente, devido a puro esgotamento psíquico.

Até então o quadro era apenas o esboço, pensava Flandry, de modo um tanto distante. Quanto podia ser contado, em uma noite, acerca de todo um mundo, sua grandeza e ampla variedade, seus inúmeros povos e as histórias deles? Quanto, até o dia de hoje, sabemos realmente acerca da Terra? Mas a fita continha informações que valiam espaçonaves completas.

Em algum lugar existia um sol, mais brilhante até do que Cerulia, e um planeta, chamado Ardazir pela nação principal. ("Nação" era a palavra em inglês; Flandry tinha a impressão de que "aliança de clãs" ou "agregado de matilhas" serviria melhor para traduzir orbekh.) A viagem interplanetária fora conseguida de maneira independente por esse país. E então, cerca de quinze anos-padrão antes, a ciência da gravidade, as pseudo-velocidades acima da luz, toda a aparelhagem da galáxia moderna, eclodiram em Ardazir. Os chefes guerreiros (chefes, oradores, cabeças da matilha?) de Urdahu, o orbekh dominante, foram rápidos na utilização, para completar a subjugação de seu próprio mundo. Em seguida haviam-se voltado para fora. Seus caçadores percorreram uma dúzia de sistemas atrasados, saqueando e escravizando; os engenheiros vinham atrás, organizando os planetas conquistados, para promoverem outras guerras.

E agora o ataque começara ao império humano. Os senhores de Urdahu asseguravam aos seguidores que Ardazir tinha aliados, cidadãos poderosos, de mundos tão alienígenas que jamais poderia existir qualquer medo de ataque da parte deles... embora tais alienígenas houvessem sido desde muito aborrecidos pela humanidade, tendo encontrado em Ardazir o instrumento para destruir e substituir o Império Terreno... Temulak não fizera indagações mais profundas, não pensara muito sobre o caso. Os Ardazirho pareciam, por sua natureza, um tanto mais intemeratos e fatalistas do que os homens e um tanto menos curiosos. Se as circunstâncias haviam proporcionado a possibilidade de aventura, glória e fortuna, bastava. A cautela podia ser deixada aos cuidados das mulheres velhas e sábias do orbekh.

Flandry fumava, em meio ao silêncio espesso. Se Ymir, na verdade, estivesse dando apoio a Ardazir — seria natural que Ymir cooperasse temporariamente com Merséia, derrotando a Terra entre as crises de Syrax e Raposa. Talvez Merséia estivesse em segundo lugar, na vista de Ymir. Dali em diante, Ardazir não daria trabalho para ser destruída.

Mas que motivos teria Ymir para agir contra os que respiravam oxigênio, ou mesmo contra a Terra, tomada sozinha? Havia ocorrido algum atrito pequeno, sim, o que era inevitável — mas nada de sério, com certeza os monstros se atritavam mais do que... — E, no entanto, Horx fez o que pôde para me matar.

Por quê? Com que teria sido comprado? Que coisa material, de um planeta terrestre, não entraria em colapso, nas mãos dele, em Júpiter? Que motivo, teria ele, a não ser ordens de seu próprio governador, que estava levando a efeito uma determinação concebida no próprio Ymir...?

Flandry cerrou o punho. Havia uma resposta a essa pergunta, mas ele não se atrevia a contar com ela, sem maiores provas. Devotou a mente a detalhes práticos. A maior parte da fita continha esses detalhes: o número de espaçonaves Ardazirho e soldados naquele sistema, sinais de reconhecimento, dispositivos militares em Raposa, o esquema dos fortes e, de modo especial, do grande quartel-general; a população total de Ardazir, recursos, industriais, exército e marinha — Temulak não estava a par de muitos segredos de estado, mas recebera indicações suficientes para pôr a pele de Flandry arrepiada. Dois milhões de guerreiros, mais ou menos, ocupavam Raposa; cem milhões continuavam no planeta natal, ou nos já conquistados, onde material de guerra estava sendo rapidamente acumulado; os oficiais tinham sido todos informados de que havia grande número de outras estações Imperiais vulneráveis, colônias humanas ou os mundos natais de espécies aliadas aos Terrenos... Sim, Ardazir estava com certeza planejando atacar outros lugares dentro do Império, e atacar logo. Outro golpe desses, ou dois deles, e a Marinha Imperial teria que render Syrax a Merséia, voltar-se para dentro e defender o planeta natal. E, nessa altura...

Não é verdade que um exército marcha sobre o estômago, pensava Flandry. Ele precisa mais de informações do que de alimento. Ele marcha é sobre a cabeça. É esse, sem dúvida, o motivo pelo qual o Alto Comando Imperial tem tantas cabeças chatas.

Deu uma risadinha. Por ruim que fosse, a piada serviu para fortalecê-lo. E ele ia precisar de força.

— Você me deixa ver? — perguntou Temulak, em voz fraca e embargada.

— Não o privarei mais de minha beleza — asseverou Flandry e tirou o capuz da cabeça peluda, retirou os tampões de cera do focinho. Temulak piscou, aturdido, olhando a fumaça e uma lâmpada fraca. Flandry desligou as máquinas que o tinham mantido vivo.

— Você continua sendo nosso hóspede, é claro — adiantou. — Se verificarmos que você prevaricou, volta para o canto escuro.

Temulak eriçou-se, os dentes fecharam-se, e por um centímetro deixaram de pegar o braço do homem.

— Mauzinho! — disse Flandry, recuando. — Por ter feito isso, pode ficar amarrado algum tempo.

Temulak rosnava, no catre.

— Seu verme de pele cinzenta e pelado, se pensa que seus truques de valkuza vão salvá-lo do Povo Negro... eu mesmo lhe arranco a garganta e o estrangulo

com suas próprias tripas!

— E assim, líquida minha hipoteca — completou Flandry, retirando-se e fechando a porta ao sair.

Bryce e Kit tiveram um sobressalto. Haviam adormecido nas cadeiras. O caçador esfregou os olhos.

— Deus da Galáxia, foi um bocado de tempo que levou! — exclamou.

— Tome — e Flandry atirou-lhe a fita gravada.

— É preciso que isso chegue à frota do Almirante Walton. É necessário, embora não o suficiente para que vocês sejam libertados. Dá para fazer?

— O inimigo recolheu uma transmissão pelo rádio

— disse Bryce, em dúvida. — Ainda temos algumas espaçonaves escondidas, mas a de Kit era a mais rápida. E desde que chegou, a guarda de espaço dos lobos anda apertando tanto que não há jeito.

Flandry suspirou.

— Eu receava isso — e escreveu em uma folha de papel. — Aqui vocês têm um mapa para mostrar onde está minha espaçonave pessoal. Você conhece essa melodia? — e ele assobiava. — Não conhece? Prova que tem o espírito limpo. Pois bem, trate de aprender.

Ensaiou o raposino, até se dar por satisfeito, dizendo:

— Muito bem. Aproxime-se de minha nave assobiando isso e o Chives não atirará sem investigar antes. Dê-lhe esse bilhete. Aí diz que ele deve levar a fita ao Walton. Se alguma coisa pode furar esse bloqueio sem que lhe acertem um míssil, é o Desordeiro pilotado pelo Chives.

Kit reprimiu o arquejo de espanto.

— Mas, nesse caso, você, Dominic... não tem fuga...

Flandry deu de ombros.

— Estou cansado demais para pensar em outra coisa senão uma cama macia.

Bryce, enfiando o carretel de fita dentro da túnica, sorriu.

— Cama de quem?

Kit parecia ter levado um choque. Flandry assentiu de leve para ela.

— A coisa é assim — e consultou o cronômetro. — Perto de meia-noite. Vá dando o fora, Bryce, rapazinho. Mas passe pelo Dr. Reineke e diga a ele para mudar o aparelho e o prisioneiro, levando-o para outro lugar. Sempre é melhor manter as coisas em movimento, quando estão procurando por nós. E ninguém, a não ser aquele rapazinho das pilulas e os que o ajudam, deve saber onde eles vão guardar Temulak em seguida. Tudo claro?

— Dominic... e Kit cerrou os punhos, até que os nós dos dedos ficassem

brancos. Ela olhava fixamente para o chão, Flandry só lhe conseguia ver os cabelos curtos e brilhantes.

Ele disse, com suavidade:

— Eu tenho que dormir, ou desmaio, mocinha. Vamos nos encontrar ao meio-dia, na Fonte do Foguete. Acho que temos algumas coisas particulares para examinar.

Ela fez meia volta e saiu correndo, subindo a escada.

Flandry também se afastou. O céu noturno tremelicava com a aurora; ele achou que dava para ouvir o seu chiado iônico, no silêncio às escuras da cidade. Em certo momento ele subiu a um telhado e esperou que passasse uma patrulha Ardazirho. Uma luz azul fraca rebrilhava no metal e nos dentes deles.

Judith o acolheu.

— Andei tão preocupada, querido...

Ele a examinou por algum tempo. O cansaço o puxava com força, mas ela preparara uma ceia àquela hora, com vinho e uma ave abatida por caçador, como sabia que ele apreciava; e seus cabelos pareciam vermelhos, reluziam à luz da vela. Que se danasse o sono, resolveu Flandry. No dia seguinte ele talvez dormisse de modo permanente.

Dormitou durante algumas horas do amanhecer e saiu antes do meio-dia. A Praça dos Exploradores já fora lugar alegre, onde as pessoas sentavam-se calmamente nos jardins, bebericando café e ouvindo as árvores que tocavam harpa ao vento, observavam a vida que por ali transcorria. Estava agora vazia. A própria fonte de metal, na forma de um antigo foguete espacial, ainda lançava muitos fogos sem calor e multicores, pela cauda, mas pareciam pálidos, por aquele céu escuro de inverno.

Flandry tirou um cigarro, sentou-se à beira da fonte e aguardou. Algumas gotas preliminares de chuva vieram beijar-lhe o rosto, que ele soerguera um pouco.

Um caminhão militar, em disparada, veio de uma rua deserta, estacando. Três Ardazirho saltaram da cabine. Kit estava em companhia deles. Apontou para Flandry. O relâmpago riscou o céu logo em seguida, e o trovão repentino encobriu-lhe as palavras, mas o tom de voz era vingativo.

— Pare, humano!

Devia ser a única frase em inglês que qualquer dos três invasores sabia. Eles voltaram a dizê-la repetidamente, enquanto Flandry corria para a praça. Ele se abaixou e começou a correr, em ziguezagues.

Nenhum disparo foi feito. Um Ardazirho gritou com alegria e abriu a carroceria do caminhão. Asas de couro bateram. Flandry lançou um olhar para trás. Uma série de corpos serpentinados, com um metro de comprimento, subia ao ar, saindo do caminhão. Eles o viram, assobiavam e se abaixavam. Flandry

corria. O coração começou a disparar, tomado pelo desespero do terror irracional e incontrolável. Os cobras-morcegos o alcançaram. Ouvia que os dentes estalavam, atrás de sua nuca. Um corpo esguio enrolou-se em seu braço direito, Ele sacolejou o braço, frenético. As asas resistiam. Dentes mordiam-lhe a carne. O resto da revoada rodopiava, açoitava-o com as caudas.

Recomeçou a correr. Os três Ardazirho seguiam, em passos longos que os levavam pelo chão mais depressa do que um homem poderia correr. Gritavam de alegria, gargalhavam em meio aos uivos. A rua estava vazia, as botas ressoavam. As janelas fechadas olhavam, sem ver. As portas estavam trancadas.

Flandry estacou. Girou; o braço direito estava ainda embaraçado. O esquerdo foi enfiado na túnica. Sua arma saiu, ele mirou o mais próximo dos demônios vermelhos. Um cobra-morcego atirou-se na mão que empunhava a arma, mordeu-a com precisão adestrada, bem nos dedos. Flandry deixou a arma cair. Tentou agarrar o animal — queria apenas torcer um daqueles pescoços infernais! — pensou.

O animal soltou-se. Seus maxilares pareciam sorrir-lhe. Foi quando os Ardazirho chegaram.

Durante a maior parte do ano, a metade setentrional de Raposa era simples deserto, pântano ou planície, onde surgia vida vegetativa rápida e os animais que haviam estivado saíam das tocas. O ártico conhecia a neve, quando a noite prolongada do inverno caía. No verão, entretanto, as neves derretiam-se, transformavam-se em rios escachoantes, os rios transbordavam, tornavam-se lagos, os lagos secavam-se. As tempestades estrugiam pelo equador e iam ao hemisfério meridional, quando a água voltava a precipitar-se nas partes mais frias. A não ser por pequenos mares, melancólicos entre planícies salgadas, o norte se apresentava árido e empolado. Incêndios irrompiam, os pampas tornavam-se novamente estéreis, em questão de poucos dias avermelhados. Sob tais condições erosivas, essa terra não apresentava montanhas. A maior parte era plana, onde a poeira e cinza turbilhonavam em vento de fornalha. Em alguns lugares erguiam-se elevações contorcidas, morros sem vida, penhascos retorcidos, arroios cavados pela inundação rápida em grande cicatrizes de terra.

Os Ardazirho haviam instalado seu quartel-general nessa região, pouco abaixo do ártico. Milhares de quilômetros mortíferos tornavam-no seguro contra ataque humano pelo chão, o terreno irregular servia de camuflagem e proteção contra espaçonaves. Não que houvessem tentado, em absoluto, esconder a fortaleza. Tal seria impossível. Mas ela se afundava na profundidade das elevações e oferecia poucos alvos determinados.

Aqui e acolá Flandry via uma nave de guerra, pousada de modo insolente em campo aberto, uma localização de míssis, estação detectora, torre de vigia, negra e fina contra o céu ofuscante. As paredes externas, retorcidas sobre barrancos e elevações nuas; sentinelas Ardazirho andavam por ali, sem se perturbarem com o calor cruel, o brilho infernal entre branco e azul, que derramava radiação ultravioleta. Em sua maior parte, todavia, a fortaleza entrava nos morros, túneis compridos onde as botas faziam ruídos e vozes ecoavam de um aposento a outro. A construção seguira métodos padronizados de escavação: uso pródigo de energia atômica para derreter a rocha viva, dando-lhe a forma desejada e, depois, a instalação robótica rápida dos mecanismos necessários. Mas o desenho geral era mais simples, mais tortuoso e menos retirado do que qualquer homem ou Merseiano gostaria. Os ancestrais dos Ardazirhos haviam habitado em covis, caçando em matilhas.

Flandry foi levado a um pequeno aposento equipado como laboratório. Dois guerreiros o puseram no lugar, fixando-o. Um técnico grisalho começou a preparar instrumentos.

Foi freqüente, naquele dia ou no seguinte, Flandry gritar. Não podia evitá-lo. O aprendizado eletrônico não devia ser feito com tanta rapidez. Mas, afinal, enjoado e trêmulo, pôde grunhir a língua Urdahu. Na verdade, pensava ele, os Ardazirho tinham sido inteiramente preparados. Compreendiam o sistema nervoso tão bem que podiam imprimir uma nova configuração lingüística no homem, em questão de horas, sem fazê-lo enlouquecer.

Não de todo.

Flandry foi levado por salas enormes e sem fim. A fluorescência azulada das mesmas magoava-lhe os olhos, forçando-o a fechá-los. Mesmo assim, observava o que se passava. Podia ser o caminhão cheio de munições, levado em velocidade alucinada por um guerreiro que gritava maldições aos pedestres. Ou podia ser a sala cheia de formas nuas, de pelo vermelho; espalhados em camaradagem em meio a rosnados e brigas; jogando, com dados tetraédricos, disputando paradados que correspondiam a todo um ano de escravidão; assistindo a uma luta onde se empregavam dentes e unhas; pondo à prova a coragem, colocando-se cada qual a seu turno contra a parede, enquanto os outros jogavam machados. Ou podia ser uma espécie de capela, onde um só lutador, cheio de cicatrizes, deitara em meio a folhas cáusticas, à frente de uma grande roda incendiada. Podia, também, ser o refeitório, e o soldado deitado em tapetes de pele, comendo carne crua e uivando em coro com outro, que dançava sobre uma imensa pele de tambor.

O homem chegou finalmente a um gabinete. Também ele fora cavado em caverna artificial, com palha grossa no chão, escuridão nos cantos, pequena torrente de água vinda de um sulco na parede. Um grande Ardazirho lá estava, sentado em cadeira peluda, apoiando-se nos cotovelos em uma mesa inclinada. Usava apenas uma saia de faixas de couro, punhal curvo e desintegrador muito moderno. Mas a tela visual e o comunicador à frente eram novidades também, e os guardas de Flandry levaram a mão aos focinhos negros, diante dele.

— Saiam — disse ele, em Urdahu. — Esperem lá fora.

Os guardas obedeceram, ele acenou para Flandry.

— Sente-se, se quiser.

O homem abaixou-se no assento. Ainda estava fraco pelo que passara, sujo, mal nutrido e esfarrapado.

De modo automático, alisou os cabelos e deu graças à preguiça humana, pela invenção de enzima que retardava o crescimento da barba. Precisava de fatores favoráveis ao moral.

Os músculos doloridos retesaram-se. Recomeçava a luta.

— Eu sou Svantozik do Janneer Ya — disse a voz áspera. — Estou informado de que você é o Capitão Dominic Flandry, das Informações Navais Terrenas. Pode considerar minha posição aproximadamente a mesma.

— De um colega para outro — disse Flandry —, pode dar-me o que beber?

— Naturalmente — e Svantozik fez um gesto para a fonte artesiana.

Flandry dedicou-lhe um olhar de repreensão, mas precisava de outras coisas, e precisava muito, para reclamar.

— Seria um ato de bondade, que merecia minha gratidão, se me

proporcionasse agora mesmo lentes escuras e cigarros.

A última palavra talvez fosse em inglês. Ele conseguiu sair-se com um sorriso, aduzindo:

— Mais tarde eu lhe direi quais outras cortesias devem ser costumeiras.

Svantozik prorrompeu em gargalhada.

— Eu contava que seus olhos iam sofrer — declarou. — Tome.

Estendeu a mão na mesa, atirando então um par de óculos verdes polarite, que certamente haviam sido extraídos de alguma baixa raposina. Flandry colocou-os nos olhos, assobiou com alívio.

— E o fumo é proibido — aduziu Svantozik. — Só uma espécie com órgãos olfatórios semilíquidos agüentaria o fedor.

— Oh, bem. Não faz mal a gente pedir — e Flandry abraçou-se aos joelhos, encostou-se na parede da caverna.

— Tem razão. Agora, desejo dar-lhe parabéns por suas grandes façanhas.

O sorriso de Svantozik era alarmante, mas parecia amistoso.

— Procuramos sua nave, mas deve ter escapado do planeta — anunciou.

— Obrigado — disse Flandry, em toda sinceridade. — Receei que vocês houvessem chegado lá a tempo de liquidá-la.

Inclinou a cabeça.

— Em troca — prosseguiu — veja aqui, meu amigo (literalmente: "aquele que se agacha em minha janela"). Quando estiver lidando com minha espécie, é geralmente melhor desencorajar a criatura. Você devia afirmar que tinha apanhado minha nave, antes que ela fugisse, e até preparado provas falsas, se fosse preciso, para me convencer. Isso me tornaria muito mais inclinado a submeter minha vontade à sua.

— Oh, é mesmo? — e Svantozik erguia as orelhas. — Pois veja, com o Povo Negro, o efeito seria exatamente oposto. As boas notícias tendem a nos descansar, tornar-nos agradecidos e acessíveis a quem as traz. As más notícias fazem subir o quociente de desafio.

— Bem, naturalmente a coisa não é tão simples — disse Flandry. — Para romper a resistência de um homem, a técnica mais comum é acozá-lo por bastante tempo, e depois deter o processo, falar-lhe de modo bondoso... de preferência, fazer com que outrem cuide disso.

— Ah — e Svantozik abaixou as pálpebras sobre os olhos frios. — Você não está sendo imprudente, em me contar isso... se for verdade?

— É a verdade dos manuais — retorquiu Flandry — como tenho a certeza de que será confirmado pela raça que instruiu vocês quanto aos fatos a respeito do Império da Terra, qualquer que seja ela. Não estou revelando segredo algum.



Mas como você deve saber, os manuais têm pouco valor em questões práticas. Existe sempre a sutileza do indivíduo, que escapa a tudo, exceto à intuição direta, baseada em experiência ampla e íntima. E você, sendo não-humano, não pode ter tal experiência sobre os homens.

— Fato — e a cabeça comprida assentiu. — Na verdade, lembro-me agora de ter lido algo sobre o traço humano que você mencionou... mas havia tanta outra coisa a aprender, antes da Grande Caçada em que estamos agora, que escapou à recordação. Assim é que você me tenta com um fato que eu podia usar... se estivesse a seu lado!

Uma risada repentina e gostosa estrugiu na garganta rufada de pelos.

— Gosto de você, Capitão, que me devore a Caverna do Céu, se não gosto — asseverou.

Flandry retribuiu o sorriso.

— Podíamos divertir-nos. Mas quais são as suas intenções, no que me diz respeito, agora?

— Aprender o que puder. Por exemplo, se você esteve ou não envolvido no assassinato de quatro guerreiros em Garth, e raptos de um quinto, não faz muito tempo. A informante que nos levou a você, usou o histerismo... verdadeiro ou simulado... para fugir a um interrogatório detalhado, até agora. Como o Ardazirho capturado era um Mestre de Clã e, portanto, possuía informações valiosas, desconfio de que você participou no caso.

— Juro, pelo Asno Dourado de Apuleio, que não.

— O que é isso?

— Um de nossos livros mais reverenciados.

— "As Forças caçam apenas durante a noite" — citou Svantozik — Em outras palavras, os juramentos são coisa sem valor. Eu, pessoalmente, não desejo machucá-lo sem necessidade, pois não acredito no valor da tortura. E sei que oficiais como você estão imunizados aos chamados soros da verdade. Assim sendo, o condicionamento seria necessário, mas é processo prolongado e tedioso, as respostas tardias, quando finalmente quiser dá-las, e você pouco mais valerá para nós, ou para si próprio.

Dito isso, deu de ombros e prosseguiu:

— Mas eu vou voltar para Ardazir, e não tarda, a fim de apresentar-me e aguardar novo posto. Conheço aquele que vai tomar aqui o meu lugar, é um oficial bastante desejoso de praticar algumas das técnicas que, ao que estamos informados, são eficazes no caso de Terrenos. Recomendo que você colabore comigo, portanto.

Esse deve ser um dos melhores agentes deles, pensava Flandry, esfriando. Ele fez o trabalho básico de Informações em Raposa. Agora, tendo Raposa nas mãos, será mandado fazer o mesmo, quando for atacado o próprio planeta Terreno. E

não vai tardar!

Flandry derreou o corpo.

— Muito bem — disse, sem entusiasmo na voz. — Eu capturei Temulak

— Ah! — e Svantozik acocorou-se de quatro no tablado. O pelo eriçou-se na espinha, os olhos cor de ferro ardiam.

— Onde está ele, agora?

— Não sei. Como medida de precaução, mandei que fosse levado a outro lugar, e não indaguei onde.

— Medida acertada — disse Svantozik, acalmando-se. — O que obteve dele?

— Nada. Ele não cedeu. Svantozik fixou Flandry com o olhar.

— Duvido — declarou. — Não que eu desdenhe de Temulak... é corajoso... mas você é um espécime extraordinário de civilização mais antiga e mais erudita que a minha. Seria estranho, se não conseguisse...

Flandry sentou-se ereto. Sua gargalhada foi áspera e alta.

— Extraordinário? — ele gritou, tomado de amargura. — Devo ser, mesmo... do modo como me deixei apanhar, como se fosse um bobo!

— "Nenhum chão está livre de buracos" — murmurou Svantozik, e ficou pensativo por algum tempo. E logo: — Por que a mulher traiu você? — Ela foi a nosso quartel, declarou que você era agente Terreno e levou nossos guerreiros a seu ponto de encontro. O que ela tinha a ganhar?

— Não sei — gemeu Flandry. — E que diferença faz? Ela é toda sua, agora, como sabe. O próprio fato de tê-los ajudado uma vez dá, a vocês, o poder de levá-la a repetir a façanha... a não ser que vocês a denunciem ao próprio povo dela.

Svantozik assentia, sorridente.

— O que importa a motivação dela?

O homem afrouxou o corpo no assento e começou a tirar fiapos da palha.

— Estou interessado — disse Svantozik — Talvez o mesmo processo possa voltar a funcionar, em outros seres humanos.

— Não — Flandry sacudiu a cabeça, parecendo aturdido. — Foi uma coisa pessoal. Acho que ela julgou que eu a tinha traído, antes... por que estou dizendo isso?

— Fui informado de que vocês, Terrenos, com freqüência têm sentimentos fortes a respeito de indivíduos do sexo oposto — observou Svantozik — Fui informado de que isso, às vezes, os leva a atos desesperados e destituídos do sentido.

Flandry passou a mão cansada pelas sobrancelhas.

— Esqueça — resmungou. — Basta ser bondoso com ela. Você pode fazer isso, não pode?

— A bem da verdade... — e Svantozik interrompeu a frase, permaneceu sentado por momentos, olhando o espaço vazio.

— Grandes planetas por nascer! — murmurou ele.

— O quê? — e Flandry nem ergueu o olhar.

— Não importa — disse Svantozik, mais do que depressa. — Ah, estou certo em supor que havia uma afeição recíproca, de sua parte?

— Não é da sua conta! — e Flandry sentou-se, berrou a resposta. — Para mim, chega! Diga o que quiser, mas não meta o seu focinho sujo em minha vida!

— Então — e Svantozik falava baixinho. — Sim--sim-m-m... Muito bem, então, vamos falar de outras coisas.

Ele interrogou Flandry por algum tempo, mas não utilizou a mesma impiedade que o humano empregara com Temulak. Chegou, mesmo, a revelar uma espécie de cavalheirismo; havia respeito, solidariedade para com o colega, até um agrado acre por ele, naquele homem cuja alma perseguiu. Uma ou duas vezes Flandry conseguiu desviar a conversa — falaram rapidamente sobre bebidas alcoólicas e montar em animais; trocaram algumas piadas pesadas, semelhantes em ambas as culturas.

Ainda assim, Svantozik caçava. Foram algumas horas difíceis.

Flandry finalmente foi levado dali. Estava cansado demais para observar grande coisa, mas o caminho pareceu-lhe cheio de voltas. Afinal, empurraram-no a um aposento, que não era muito diverso do gabinete de Svantozik, a não ser pelo fato de que tinha móveis e iluminação do tipo humano. O porta fechou-se, após ter entrado.

Lá estava Kit, à sua espera.

Por momentos ele achou que ela ia gritar. E depois, com rapidez, Kit fechou os olhos. Voltou a abri-los. Permaneceram fechados. Voltou a abri-los. Continuavam secos, como se todas as lágrimas houvessem sido gastas. Ela deu um passo em sua direção.

— Oh, Deus, Kit — disse ele, em gemido.

Os braços dela passaram por seu pescoço. Ele a chamou a si. Seu próprio olhar examinou o aposento, até ver uma pequena caixa de fabricação humana, com alguns controles que reconheceu. Assentiu para si mesmo, muito de leve, e sentiu algum alívio. Mas continuava na incerteza.

— Dominic, querido... — e a boca de Kit procurava a sua.

Ele cambaleou até o catre, sentou-se e cobriu o rosto com as mãos.

— Não — cochichou. — Eu não agüento muito mais.

A pequena sentou-se a seu lado, pôs a cabeça em seu ombro. Flandry sentia-lhe os estremecimentos. Mas as palavras vieram em um anticlímax dos mais formidáveis, referindo-se à caixa de equipamento que ele notara na entrada:

— Aquela unidade de isolamento sonoro está funcionando muito bem, Dominic. O que dissermos aqui não será ouvido por eles.

Ele teve vontade de inclinar-se para trás e gritar, tomado de alegria estrondosa e repentina. Teve vontade de dar pontapés, fazer sinais de desafio, sair-se com cabriolas pela cela. Mas soube controlar-se, deixando apenas que a gargalhada saísse dos lábios que escondera no rosto dela.

Esperara, quase com certeza, que Svantozik instalasse um misturador de sons. Apenas dotado do conhecimento certo de que quaisquer dispositivos de escuta estavam sendo eliminados por interferência eletrônica e de onda sonora, é que até mesmo um cadete do setor de informações ficaria à vontade e falaria livremente. Desconfiava, todavia, que uma lente oculta servia para captar-se a imagem silenciosa. Podiam falar, mas ambos tinham de continuar a fazer aquela pantomima.

— Como foi a coisa, Kit? — perguntou. — Dura? Ela assentiu, e não estava fingindo o sofrimento, em absoluto. — Mas não teve que dar nomes — e engoliu em seco. — Ainda não.

— Vamos esperar que não seja preciso — disse Flandry.

Naquele porão contra furacões, no esconderijo do subterrâneo, ele a instruíra sobre o que fazer — há quantos séculos ocorrerá? — "Isto é coisa de brincadeira. Não estou fazendo o que qualquer agente competente poderia ter feito; o que uma série de agentes de Walton estará tentando, assim que possam ser postos aqui. Estou pensando em uma coisa mais avançada. É quase certo que servirá para acabar conosco, mas pode ser um golpe valendo frotas inteiras de

belonaves. Você topa, menina? Significa arriscar-se à morte, tortura, ou escravidão perpétua em um planeta estranho. O que você vai achar pior, entretanto, é o risco de ter de vender os seus próprios camaradas, dar o nome deles ao inimigo, de modo que o inimigo tenha confiança em você. Tem coragem bastante para sacrificar vinte vidas, em troca de um mundo? Acredito que tem... mas é a coisa mais cruel que eu poderia pedir a qualquer criatura viva".

— Eles me trouxeram diretamente para cá — disse Kit, segurando-o. — Acho que não sabem o que fazer de mim. Alguns minutos atrás, um deles veio de passos leves aqui, com o misturador e ordens para que eu tratasse você... — e um leve rubor passou-lhe pelo rosto—bondosamente. Obter informações de você, se pudesse, por qualquer meio possível.

Flandry brandiu o punho, em desespero melodramático, enquanto, de seu rosto contorcido, a voz vinha sem alterações:

— Eu contava com uma coisa assim. Levei Svantozik, que é o fofoqueiro chefe local, a pensar que o tratamento gentil, vindo de alguém de minha própria espécie, depois de uma entrevista dura com ele, poderia servir para derrubar-me. Ainda mais se fosse você. Svantozik não é estúpido, em absoluto, mas está lidando com uma raça alienígena, que somos nós, cuja psicologia ele conhece principalmente com base em relatos de segunda mão. Eu tenho uma vantagem: os Ardazirho são novidade para mim, mas passei toda a vida lidando com todas as formas e tipos de outras espécies. Já vejo o que os Ardazirho têm em comum com diversos povos a quem tapeei no passado.

A jovem mordida o lábio, para mantê-lo firme. Olhou em volta, no aposento de paredes de pedra, e Flandry sabia que ela pensava em quilômetros de túneis, rampas e armas, caçadores e o deserto, onde os homens não conseguiriam viver. Suas palavras estavam fracas e cheias de susto:

— O que vamos fazer agora, Dominic? Você nunca me disse o que planejou.

— Porque eu mesmo não sabia— foi a resposta. — Uma vez aqui, teria de tocar de ouvido. Por sorte, minha própria confiança em minha própria capacidade de cair em pé aproxima-se da soberba mais pura, ou seria assim, se eu tivesse algum defeito. Não estamos saindo mal, Kit. Aprendi a língua principal deles, e você conseguiu infiltrar-se nas fileiras dos invasores.

— Eles ainda não confiam em mim.

— Não. Não contei que confiassem... muito... Mas vamos continuar com nosso desempenho visual. Eu não passaria para o lado inimigo só porque você está aqui, Kit, mas estou muito abalado, perco a descrição e o cuidado comum. Svantozik aceitará isso.

Puxou-a de volta a si, e ela correspondeu, sôfrega. Flandry sentia-se tão recuperado, depois dos apuros por que passara, que o cérebro começou a cintilar, criando planos e examinando-os, descartando-os e criando outros,, como uma exibição pirotécnica, como um inferno alegre.

Finalmente falou, enquanto ela estremecia em seu peito:

— Acho que tenho uma idéia. Vamos tocar as coisas como estão, e combinar alguns sinais, mas eis o que vamos procurar — e sentiu que ela enrijava em seu abraço. — Ora, o que se passa?

Ela perguntou, em voz baixa e amarga:

— Você esteve pensando no trabalho todo o tempo... nestes momentos?

— Só neles, não — e ele permitiu a si próprio o mais curto dos sorrisos. — Ou melhor, gostei imensamente do trabalho.

— Ainda assim... oh, deixe para lá. Prossiga — e ela amoleceu o corpo.

Flandry fez careta. Mas não se atrevia a parar, para cuidar de questões secundárias. Ordenou, então:

— Diga a Zvantozik, ou a quem lidar com você, que você demonstrou remorsos em minha presença mas, na verdade, odeia-me por completo, por fora e por dentro, por causa... bem...

— Por causa da Judith — disse ela: desabridamente.

Flandry teve de corar.

— Acho que é um motivo tão plausível quanto outro, ao menos para os olhos dos Ardazirho.

— Ou olhos humanos. Se você soubesse como estive perto de... Não. Prossiga.

— Bem, diga ao inimigo que você me contou que me traiu, levada por ciúme, e que agora lamenta. E eu, estando loucamente apaixonado por você... o que também é altamente aceitável...

Kit não deu qualquer resposta a esse galanteio previsível, e ele prosseguiu:

— Eu contei a você que existe uma fuga possível, em seu caso. Eu disse o seguinte: os Ardazirho estão sob a impressão de que Ymir os apóia. Na verdade, Ymir inclina-se para a Terra, porquanto somos criaturas mais afeitas à paz e, por esse motivo, criamos menos encrencas. Os Ymiritas estão prontos a nos ajudar em coisas pequenas; nós guardamos este fato em segredo porque, de vez em quando, ele nos salva, em emergências. Se eu pudesse preparar o sinal de uma espaçonave para certa configuração de reconhecimento, você poderia tentar roubar essa espaçonave. Os Ardazirho suporiam que você vai em direção à frota de Walton, e iriam em seu encalço, nessa direção. Assim, você poderia dar-lhes a direção, alcançar Papão, transmitir o padrão de sinal e solicitar transporte em uma nave de bolha de força, até onde estiver segura.

Os olhos dela arregalavam-se de pavor.

— Mas, se o Svantozik souber que... e não é verdade...

— Ele não vai saber que é falso, até haver experimentado, não acha? — respondeu Flandry, cheio de animação. — Se eu menti, não foi sua culpa. Na

verdade, como você se apressou a denunciar, até mesmo sobre o que se parece a um meio de fuga em seu caso, servirá para convencê-lo de que você é uma colaboracionista das mais firmes.

— Mas... não, Dominic. É... eu não tenho coragem...

— Não venha com essa, Kit. Você é uma pequena em dez em cada dez, e não existe o que não faça.

Após Kit ter sido levada, Flandry passou momentos muito piores, esperando. Só podia calcular como o inimigo reagiria; um ser humano experiente provavelmente não se deixaria enganar e a ignorância de Svantozik quanto à psicologia humana poderia não ser tão profunda quanto contava. Flandry praguejou, procurou descansar. O cansaço dos dias anteriores pesava muito em suas costas.

Quando a porta da cela foi aberta, saltou com tal presteza que pode observar como tinha os nervos carregados.

Svantozik lá estava, tendo quatro guardas atrás. O oficial dos Ardazirho exibiu os dentes em um sorriso.

— Boa caçada, capitão — cumprimentou. — Sua toca está cômoda?

— Serve — disse Flandry —, até que eu possa arranjar outra, com uma caixa de charutos, uma garrafa de whisky e uma mulher.

— A mulher, pelo menos, tentei proporcionar-lhe — contrapôs Svantozik

Flandry aduziu, no tom de voz mais suave:

— Oh, sim, eu também gostaria de um tapete de pele de Ardazirho.

Um dos guardas rosou. Svantozik deu uma risada.

— Eu também tenho um favor a pedir, Capitão — anunciou. — Meus irmãos na divisão de engenharia estão interessados em modificar algumas espaçonaves, a fim de torná-las mais prontamente utilizáveis por seres humanos. Você compreende que diferenças tais como a localização do polegar, ou aquela conformação lombar que torna mais confortável, a nós, ficarmos inclinados nos cotovelos do que sentar, influenciaram o desenho de nossos painéis de controle. Um homem encontraria dificuldades para dirigir uma nave Ardazirho. Ainda assim, ao correr do tempo, se a Grande Caçada der certo e nós adquirirmos súditos humanos... encontraremos a oportunidade de pôr alguns deles a pilotar nossos veículos. Essa mulher Kittredge, por exemplo, poderia ter uma nave própria, já que contamos com a utilidade dela, servindo de intermediária entre nós e os colonos humanos daqui. Se você a ajudasse... simplesmente examinando uma de nossas naves, e fazendo sugestões...

Flandry enrijeceu o corpo.

— E por que eu haveria de ajudar vocês? — disse, entredentes.

Svantozik deu de ombros.

— É uma ajuda de pequena monta, acredite. Nós mesmos poderíamos fazê-lo. Mas serviria para você passar o tempo.

Acrescentou, então, em tom perverso:

— Não tenho certeza completa de que o bom tratamento, em vez de tortura, seja o melhor meio de fazer um homem ceder. Da mesma forma, Capitão, se você precisa de uma racionalização, pense no seguinte: aqui tem a oportunidade de examinar de perto uma de nossas naves. Se, mais tarde, de algum jeito, conseguir fugir, o seu departamento estará interessado no que houver visto.

Flandry permaneceu ali em pé, por momentos, inteiramente calado. O pensamento o perpassou: A Kit contou. O Svantozik, naturalmente, prefere que eu não saiba o que ela contou. Por isso, inventa essa estória — oferece o que ele conta que eu tome como a oportunidade dada por Deus para providenciar a fuga de Kit...

Ele disse, então, em tom educado:

— Você é muito bondoso, meu amigo de Janneer. Mas a Sra. Kittredge e eu não ficaríamos à vontade com guardas feitos como os seus, olhando por cima de nossos ombros.

Isso acarretou rosidos de dois guardas, dessa feita. Svantozikos fez calar.

— É fácil de conseguir — declarou. — Os guardas podem ficar fora da torre de controle.

— Excelente. Nesse caso, se você tiver algumas ferramentas feitas por seres humanos...

Eles seguiram por corredores compridos, passaram por embasamentos onde a artilharia parecia dormir como dinossauros no ninho, seguiram pelo dia ártico furioso até uma espaçonave próxima das obras externas. Por meio de óculos, o homem examinou aquela forma luzidia. Era mais ou menos equivalente à classe dos Cometas Terrenos. Rápido, de armamento leve, uma tripulação normal de quinze, mais ou menos, mas era possível controlá-la, se houvesse necessidade.

Os morros sem vegetação, além, oscilavam no calor. Quando havia passado pela comporta, sentiu-se estonteado pela exposição àquele sol.

Svantozik estacou no caminho para a torre.

— Prossiga — convidou, em tom cordial. — Meus guerreiros esperarão aqui, até que você deseje regressar...e nessa ocasião, você e a mulher virão jantar comigo, e eu terei pratos terranos para oferecer.

Seus olhos riam, e ele aduziu:

— Está claro que os motores foram temporariamente desligados.

— Está claro — disse Flandry, com uma mesura.

Kit veio ter com ele, quando fechou a porta da torre. Os dedos dela cravaram-se, frios, no braço de Flandry.



— O que fazemos agora? — arquejou.

— Calma, mocinha — e ele a soltou de si. — Não vejo um misturador de sons por aqui.

Lembre-se, Svantozik acha que você ainda é fiel a mim. Porte-se assim, Kit, não esqueça, ou estamos ambos liquidados.

— Há quatro guardas de cara feia, acorados aí embaixo — disse Flandry. — Não creia que o Svantozik vá gastar seu valioso tempo na companhia deles. Uma ligação direta para o gabinete de alguém que sabe inglês é coisa mais eficiente. Pense em mim, fazendo gestos para você, grande platéia invisível. Mas você acha que existe mais alguém a bordo?

— N-não... — ela o indagava com o olhar, em meio ao medo: Você esqueceu? Você está revelando a eles seu plano?

Flandry seguiu, passando pela mesa de navegação até o transceptor principal de rádio.

— Não quero arriscar-me a que alguém se torne intrometido — murmurou. — A coisa é que eu gostaria, em primeiro lugar, de dar uma espiada no sistema de comunicação deles. É a coisa mais fácil de modificar, se alguma alteração for necessária. E ficaria com aspecto ruim, platéia invisível, se fôssemos surpreendidos no que é, na verdade, uma inspeção inofensiva.

Espero, pensava, com diabólica gargalhada interna, que eles não saibam que eu sei que sabem que devo, realmente, instalar um circuito-senha para a Kit.

Era o tipo de emaranhado que ele adorava, mas lembrou-se, com esfriamento dos nervos, que uma bala constituía ainda a simplicidade suprema, encerrando todos os emaranhados.

Tirou a tampa e começou a sondagem. Não podia simplesmente dar a Kit as frequências e formas de onda em um sinal de reconhecimento, porquanto o equipamento Ardazirho não seria construído exatamente como o Terreno, nem calibrado em unidades métricas. Devia examinar um conjunto verdadeiro, desmontar partes, testá-las com o osciloscópio e medidores estáticos — e, modificá-lo de modo que o circuito necessário seria emitido quando um circuito escondido e isolado fosse fechado.

Kit o observava, como deveria fazer, se contasse que ele acreditava ser esse o meio de fuga para ela. E, sem dúvida, o espião Ardazirho também observava, por uma tela oculta. Quando Flandry havia efetuado o trabalho, seria Svantozik quem levaria essa nave a Papão, gerando o sinal para ver o que acontecia.

Isso, porque a questão de saber em que lado a Dispersão Ymirita realmente se achava sobrepunha-se a tudo o mais. Se Flandry houvesse dito a verdade a Kit, os senhores de Urdahu deviam ser informados no mesmo instante.

O homem prosseguiu, fazendo uma configuração como se Ymir realmente estivesse a favor da terra. Meia hora depois, voltou a fechar a unidade. Passou,

então, outra hora, passeando de modo ostensivo por toda a torre, examinando-lhes os controles.

— Bem — disse, afinal —, é melhor irmos para casa, Kit.

Viu que toda a cor desaparecia no rosto dela. Kit sabia o que essa frase significava. Mas ele assentiu.

— Vamos — cochichou ela.

Flandry fez mesura para que ela passasse pela porta. Quando Kit chegou à passarela, os guardas ali presentes puseram-se em pé. Suas armas miravam além dela, cobrindo Flandry, que marchava com os passos de um tigre.

Kit passou pela linha de guardas. Flandry, ainda na passarela, enfiou a mão no bolso. As quatro armas focalizaram-se nele. Ele riu e ergueu as mãos vazias.

— Só queria acabar com uma coceira na mão — disse, à distância.

Kit retirou o punhal do arnês de um guarda e o apunhalou nas costelas.

Flandry atirou-se ao ar. Um disparo passou por ele, queimando-lhe a túnica. Ele alcançou o tombadilho com os joelhos dobrados e saltou assim. Kit já arrebatara a carabina do guerreiro que apunhalara, e que estava gritando. A arma tropejou em sua mão, à queima-roupa. Outro Ardazirho caiu. Flandry desviou para o lado a arma do terceiro. O quarto inimigo dera uma volta, enfrentando Kit. Estava de costas para Flandry. O homem ergueu a lâmina da mão e a fez descer, batendo com força na base do crânio. Ouvia que os ossos do pescoço se partiam. O terceiro guarda pulou para trás, procurando espaço a fim de disparar. Kit o abriu com um tiro. O primeiro, apunhalado, de joelhos, estendeu a mão para apanhar a carabina caída. Flandry desferiu-lhe um pontapé na laringe.

— O salva-vidas de estibordo! — disse ele, arquejante.

Seguiu apressadamente para a torre. Se o observador Ardazirho houvesse deixado a tela invisível, naquele momento, dispunha de alguns minutos. De outra forma, um projétil nuclear provavelmente viria escrever-lhe seu dia final. Ele apanhou o manual de navegador, e saltou novamente. Kit já estava no salva-vidas. O pequeno motor entrou em funcionamento, aquecendo-se. Flandry mergulhou pela porta, fechou-a atrás de si.

— Eu piloto — disse, arquejante. — Estou mais acostumado aos painéis não-terrenos. Veja se pode encontrar algum equipamento para pular fora. Vamos precisar dele.

Onde, com seiscentos demônios, estava a chave de ligação? O observador invisível, de modo evidente, saíra a tempo, mas a qualquer instante começaria a imaginar o motivo pelo qual Flandry e o grupo ainda não haviam deixado a espaçonave...

Pronto! Ele empurrou a alavanca. Abriu-se um painel no casco. A luz áspera do sol entrou pela tela visual da nave. Flandry relanceou o olhar pelos controles.

Era essencialmente como aqueles que acabara de estudar. Tocou o botão de Saída. O motor berrou, o salva-vidas saiu da espaçonave maior, subindo para o céu.

Flandry rumou para o sul. Via a fortaleza rodopiar estonteantemente, enquanto se afastava, cair além do horizonte. E, ainda assim, não havia perseguição, nem mesmo um míssil que se aproximasse. Deviam estar confusos demais. Aquilo não ia durar, naturalmente... Ele ergueu mais a cabeça e prorrompeu na gargalhada até então reprimida, gargalhada que se desdobrava, preenchendo a cabine e ecoava por sobre o grito da atmosfera fendida.

— O que está fazendo? — a voz de Kit vinha, fraca e frenética. — Não podemos escapar deste modo. Rume para o espaço, antes que eles nos apanhem!

Flandry enxugou os olhos.

— Desculpe-me — pediu. — Eu estava rindo, enquanto podia.

E então, com seriedade:

— Com o bloqueio, e uma nave que não foi feita para direção humana, não chegaríamos a 10 mil quilômetros até que nos pegassem. O que vamos fazer é dar o fora daqui e deixar que o salva-vidas continue, com o piloto automático. Se tivermos sorte, eles o perseguirão por tal distância, até pegarem, que não terão meio de nos encontrar, depois. Com um pouco mais de sorte, eles farão o salva-vidas explodir e vão supor que fomos destruídos também.

— Saltar? — e Kit olhava para o solo feito de pedras e cinzas em movimento. Por cima, o céu se parecia a aço derretido. — Saltar nisso aí? — cochichou.

— Se eles perceberem que saltamos — disse Flandry —, acredito que vão dar-nos por mortos no deserto. É uma conclusão natural, tenho a certeza, já que nossas pernas não se acham articuladas de modo que possamos utilizar roupas espaciais dos Ardazirhos.

Sua expressão era a mais sombria que Kit pudera observar, até então.

— Tive de improvisar por toda esta coisa — explicou Flandry. — É muito provável que eu haja cometido erros, Kit, erros que nos custarão uma morte dolorosa. Mas, se for assim, conto que não morramos em vão.

Mesmo usando um repulsor de gravidade na descida, Flandry sentiu como o ar o assaltava com calor. Tendo chegado ao chão encrespado, sentiu que lhe queimava a pele.

Pôs-se em pé, e já estava doente. Pelos óculos viu que Kit se levantava. A poeira a cobria, soprada por vento saído de fornalha. O deserto se estendia em chão enrugado, rochas por alguns quilômetros além dela, e depois a onda de calor absorvia qualquer visão. O horizonte setentrional parecia incandescente, coisa impossível de fitar-se.

O trovão explodiu na esteira do salva-vidas abandonado. Flandry cambaleou na direção da moça, ela se apoiou nele.

— Sinto muito — disse Kit. — Acho que torci o tornozelo.

— E queimou, também, dá para ver. Venha, mocinha, não estamos longe, agora.

Eles seguiram Tateando, por cima de pedras cinzentas espalhadas pelo chão. A torre de controle meteorológico se apresentava diante de seus olhos, como um esqueleto visto através da água. O vento zunia e soprava com violência. Flandry sentiu que a pele formigava com o ultravioleta; tornava-se seca, enquanto caminhavam. O calor começou a penetrar pelas solas das botas.

Estavam quase na estação, quando um assobio rompeu o ar. Flandry ergueu os olhos doloridos. Quatro formas de torpedo zuniam por cima, cortando um horizonte a outro em questão de segundos. Os Ardazirho, estavam perseguindo o salva-vidas vazio. Se tivessem visto os seres humanos lá embaixo. — Não. Já se tinham ido. Flandry tentou sorrir, mas isso fazia doer-lhe os lábios.

O equipamento da estação, se amontoava no compartimento de concreto, por baixo da torre do rádio transmissor. A sombra, quando haviam passado cambaleantes pela porta, era como uma bênção do céu. Flandry abriu uma garrafa de água. Era tudo quanto se atrevera a levar, nos suprimentos do salva-vidas; o alimento alienígena poderia ter proteínas incompatíveis. A garganta estava demasiadamente parecida à de uma múmia para que pudesse falar, mas ofereceu o frasco a Kit, e ela bebeu, sofregamente. Depois de ter bebido também, Flandry sentia-se um pouco melhor.

— Vá agir, mulher — ordenou. — Não é uma sorte que você trabalhe para o departamento de engenharia meteorológica de Raposa, de modo que sabia onde encontrar uma estação, e o que fazer, quando chegassem os aqui?

— Prossiga — disse ela, tentando rir. Mas os dentes castanholaram. — Você formou o plano em cima desse fato. Vejamos, agora, eles guardam ferramentas em um armário, em todas as unidades...

Ela parou no que dizia. A sombra naquele abrigo era tão profunda, contra a fúria vista por pequenina janela, que se tornara quase invisível a ele.

— Eu posso mexer no emissor, com facilidade — anunciou Kit. Lentamente, o terror surgiu em sua voz. — É claro, posso fazer com que irradie sua mensagem, em vez de telemetrar os dados meteorológicos. Mas... estive pensando agora mesmo... e se um Ardazirho ler a mensagem? Ou se ninguém ler a mensagem? Eu não sei se meu serviço meteorológico está funcionando nestes dias. Podíamos esperar aqui, e esperar e...

— Calma — e Flandry veio por trás dela, e pôs as mãos em seus ombros, apertou. — Tudo é possível. Mas eu acho que as possibilidades estão a nosso favor. Os Ardazirhos dificilmente podem dispor de pessoal para alguma coisa tão rotineira e, para eles, sem importância, como o controle meteorológico. Ao mesmo tempo, os engenheiros humanos, na maior probabilidade, devem continuar trabalhando. A humanidade sempre continua tanto quanto podem com os padrões anteriores, as pessoas se apresentam ao trabalho de costume, o inferno pode desabar, mas a cidade continuará a aparar toda a grama nos jardins... Nossa possibilidade verdadeira é que alguém note nossa chamada e tenha inteligência, coragem e fidelidade de agir.

Por momentos Kit se apoiou nele.

— E você acha que existe um meio de sairmos daqui, bem debaixo do nariz do inimigo?

Uma dor obscura veio castigar a alma de Flandry.

— Sei que não é justo, Kit — disse. — Eu sou um pecador empedernido, este é meu trabalho, e coisa assim, mas não está certo arriscar todo o divertimento e amor e realização, esperando por você. Precisa ser feito, no entanto. Minha maior esperança sempre foi a de roubar o manual de navegação. Você não compreende, ele nos diz onde fica Ardazir!

— Eu sei — e o suspiro dela era um som pequeno, quase perdido em meio ao rugir do vento quente e seco, além da porta. — É melhor começarmos a trabalhar.

Enquanto ela abria o transmissor a cortava os circuitos medidores, Flandry gravava uma mensagem, um apelo simples para que entrassem em contato com Emil Bryce e providenciassem auxílio para dois seres humanos na Estação 938, seres que dispunham de material de importância vital para o Almirante Walton. Como tal seria feito, ele mesmo não tinha idéia clara. Uma aeronave Raposina teria poucas possibilidades de chegar até aquele extremo do norte, sem ser percebida e destruída. Uma mensagem pelo rádio — não, seria interceptada com facilidade demasiada, a menos que se dispusesse de aparelhagem muito especial — um correio até a frota — e se ele se perdesse, outra, e 'mais outra... Quando Kit havia terminado, estendeu a mão para a segunda garrafa de água.

— É melhor não beber — disse Flandry. — Temos muito a esperar.

— Estou desidratada — disse ela.

— Eu também. Mas não temos sal; a insolação é ameaça séria. Beber o

mínimo que pudermos estenderá nosso tempo de sobrevivência. Por que diabo estes lugares não têm ar-condicionado e não estão cheios de alimentos?

— Não existe necessidade. Eles recebem apenas inspeção rotineira... no meio do inverno, nessas regiões.

Kit sentou-se no banquinho. Flandry foi ter com ela, que se ajeitou em sua curva do braço; uma lufada selvagem fez estremecer as paredes do casebre, a janela ficou por momentos enegrecida, coberta de sujeira levantada pelo vento.

— Ardazir é assim? — perguntou Kit. — Se for, é um verdadeiro inferno o lugar de onde vieram esses demônios.

— Oh, não — respondeu Flandry. — Temulak disse que o planeta deles tem órbita sadia. Com certeza é mais quente do que a Terra, em média, mas poderíamos agüentar a temperatura na maior parte das regiões climáticas, tenho a certeza. Uma estrela quente, emitindo com força na UV, faria romper as moléculas de água e libertaria o hidrogênio no espaço, antes que pudesse voltar a combinar. A camada de ozônio daria alguma proteção à hidrosfera, mas não o suficiente. Por isso, Ardazir deve ser bem mais seca do que a Terra, com mares, em vez de oceanos. Ao mesmo tempo, avaliando com base na força muscular dos nativos, bem como o fato de que eles não se importam com a pressão do ar de Raposa, Ardazir deve ser um pouco maior. A gravidade superficial deve ser de um vírgula cinco, o que manteria, a atmosfera semelhante à nossa, a despeito do Sol. Fez uma pausa, prosseguiu depois:

— Eles não são inimigos, Kit. São lutadores e caçadores. Talvez tenham um pouco menos de bondade intrínseca do que nossa espécie, mas não tenho certeza nem mesmo a esse respeito. Também nós fomos criaturas bem bravias, faz alguns séculos. Podemos voltar a sê-lo, quando a Noite Longa houver chegado e for questão de lutar ou morrer. A bem do fato, os Ardazirho nem mesmo são um povo. São todos um planeta de raças e culturas. Os Urdahu conquistaram os demais, faz poucos anos. Aí está o motivo pelo qual você vê essas roupas diferentes neles... uma concessão ao paroquialismo, como um antigo regimento escocês. E eu aposto que a despeito de todos os seus êxitos, os Urdahus não são muito apreciados, no planeta natal. O império deles é muito novo, imposto por força esmagadora; pode dividir-se mais uma vez, se usarmos os instrumentos certos. Quase sinto pena deles, Kit. São os fantoches de alguém... e, meu Deus, que alguém é esse! Que gênio!

Deteve-se, porque o calor incessante e a falta de água haviam-lhe secado a goela. A moça falou, em voz baixa e cheia de amargura:

— Prossiga. Continue simpatizando com Ardazir, admirando a arte desse X que promoveu tudo. Você também é um profissional nessas coisas. Mas o meu tipo de gente é que teve que entrar com a vida.

— Sinto muito — e ele lhe afagou os cabelos.

— Você ainda não explicou se acha que vamos sei salvos com vida.

— Não sei — ele se retesou, até poder aduzir: — Duvido. Acho que vai levar dias, e só podemos nos agüentar algumas horas. Mas se a nave vier... não, com os diabos, quando a nave vier!... aquele livro de pilotagens estará conosco.

— Obrigada por ser sincero, Dominic — disse ela. — Obrigada por tudo.

Ele a beijou, com gentileza enorme.

Depois disso, esperaram.

O sol se pôs. Veio a noite curta. Trouxe pouco alívio, o vento continuava a ser um azorrague e o céu setentrional prosseguia em chamas. Kit se revirava, em aturimento febril, ao lado de Flandry. Ele próprio já não conseguia pensar com muita clareza. Tinha recordações nebulosas de outra noite branca, no verão em latitude elevada — mas fora na Terra, em um prado fresco e alto da Noruega, e tinha havido outra loura ao lado, com os lábios que se pareciam à rosa...

O assobio que descia pelo céu, a batida que fez estremecer o chão, causada por um pouso temerariamente rápido, pés que corriam por cima de rochas quentes e mãos que batiam à porta, quase não passavam pela escuridão calcinada na mente de Flandry. Mas quando a porta foi derrubada e o vento entrou, ele conseguiu erguer-se, em meio a ondas de dor. E o rosto fino de Chives ali estava, à sua espera.

— Por aqui, senhor. Sente-se. Se eu puder tomar a liberdade...

— Seu cachorro dos infernos — gemeu Flandry, falando em pesadelo. — Eu ordenei que você...

— Sim, senhor. Entreguei sua fita. Mas depois disso, pareceu aconselhável voltar e ficar em contato com o Sr. Bryce. Com calma, senhor, por favor. Podemos romper o bloqueio, com pouca dificuldade. Francamente, senhor, achou que os nativos poderiam barrar a sua própria espaçonave pessoal? Eu prepararei medicamentos para a jovem, e o chá está pronto em sua sala.

O Almirante de Esquadra Sir Thomas Walton era um homenzarrão de cabelos cinzentos e olhos claros. Raramente usava qualquer condecoração e visitava a Terra somente quando a serviço. Não passara por qualquer cirurgia plástica, mas os genes e a guerra, as lágrimas que não deixara correr, ao observar subordinados morrerem, e depois ver o Imperium desperdiçar o que haviam ganho, tinham-lhe trabalhado o rosto. A Kit, pareceu o mais bem apessoado homem que conhecera até então. Em sua presença, todavia, o Almirante manteve a língua presa, com a timidez do velho solteirão. Chamou-a de Srta. Kittredge, destinou-lhe uma cabine particular em seu capitânea e encontrou desculpas para não ir ao refeitório dos oficiais, onde ela comia.

A Kit não deram trabalho algum, a não ser o de não atrapalhar. Jovens tenentes que se sentiam sozinhos zumbiam em torno dela, fazendo o possível para encantá-la e diverti-la. Mas Flandry raramente ia a bordo do encouraçado.

A frota orbitava na escuridão, em meio de estrelas sardânicas e vivas. Pouco podia ser feito. Papão tinha que ser vigiado, onde o planeta gigantesco apresentava um enigma. A força Ardazirho não procurava batalha, mas permanecia perto de Raposa, onde o apoio do solo era disponível, e onde as fábricas de robôs capturadas cresciam diariamente em força. De vez em quando os terrenos faziam investidas, mas Walton não se lançava a uma prova decisiva. Podia ainda vencer — se utilizasse toda a força, e se Papão permanecesse neutro. Más Raposa, que era o prêmio disputado, seria um túmulo. Inquietos e insatisfeitos, os subordinados de Walton resmungavam, em suas naves.

Após três semanas, o Capitão Flandry foi chamado pelo Almirante. Assobiou de alívio.

— Nosso batedor deve ter voltado — disse ao ajudante. — Agora, eles talvez me tirem deste trabalho infernal de lixeiro.

A dificuldade era que somente ele pudera falar Urdahu. Havia algumas centenas de prisioneiros Ardazirho, tirados de naves avariadas por grupos de abordagem. Mas os oficiais haviam destruído todas as pistas de navegação e morrido, com a coragem fantástica do pré-condicionamento. Nenhum dos praças sobreviventes sabia Inglês, nem cooperava com os lingüistas terrenos. Flandry passara adiante seu conhecimento da língua principal deles, por meio eletrônico; mas não desejando arriscar novamente a saúde, ele o fizera no ritmo calmo e padrão. O resto de cada dia fora gasto em interrogatório — certa porcentagem de prisioneiros era vulnerável ao interrogatório em sua própria língua. Agora, dois outros seres humanos sabiam Urdahu; e isso bastava, como sementeira. Até que o primeiro espião enviado a Ardazir regressasse, todavia, Flandry ficara no trabalho de interrogatório. Coisa sensata, mas esgotante e muitíssimo monótona.

Ele pulou, lépido, para a motoneta de gravidade e seguiu da nave de informações para o encouraçado. Este era da classe Nova, o casco curvava-se



por cima dele, monstruoso como uma montanha, as armas visando a Via-Láctea. A não ser por isso, via apenas estrelas, o sol distante de Cerulia, a nebulosa negra. Era difícil crer que centenas de astronaves, com o átomo desencadeado nos piáóis, rondassem por cerca de um milhão de quilômetros em volta dali.

Entrou pela comporta N.º 7 e seguiu com passos rápidos na direção do gabinete do comando. Uma capa escarlate esvoaçava, pendente dos ombros; a túnica era azul-pavão, as calças brancas como neve, enfiadas em meias-botas de couro autêntico de Cordovan. A inclinação com que pusera o quepe na cabeça constituía uma afronta a toda a dignidade oficial. Sentia-se como um menino finalmente livre da escola.

— Dominic! Flandry estacou.

— Kit — e ele deu um berro de alegria.

Ela veio correndo a seu encontro, uma figurinha solitária, em vestido Terreno resumido. Os cabelos continuavam a formar-lhe um capacete dourado, mas Flandry notou que Kit emagrecera. Pôs as mãos nos ombros dela, segurou-a à distância para poder vê-la melhor.

— Que beleza ver você assim — disse, com uma risada, e logo, em tom sério: — Firme?

— Muito sozinha — queixou-se ela. — Vazia. Sem ter o que fazer, só preocupar-se.

Dito isso, afastou-se dele e se corrigiu:

— Não, droga, detesto as pessoas que sentem pena de si mesmas. Estou muito bem, Dominic — disse, fitando o convés e fechando um olho.

— Ora, vamos! — insistiu ele.

— Hem? Dominic, onde você vai? Eu não podia... quer dizer...

Flandry deu-lhe uma palmada no lugar mais adequado e a empurrou pelo corredor.

— Você vai sentar-se nisso! Assim, terá uma esperança a alimentar. Ande!

O guarda, diante da porta do gabinete de Walton, Pareceu chocado.

— Tenho ordens de dar entrada apenas ao senhor.

— Para o lado, rapazinho — e Flandry segurou o fuzileiro pelo cinturão da arma, voltou a pô-lo no chão a um metro de distância. — A jovem é minha perita acompanhante em hipersquidgerônica. Além disso, é bonita — e fechou a porta na cara do fuzileiro.

O Almirante Walton teve um sobressalto, sentado à escrivaninha.

— O que é isso, Capitão?

— Achei que ela podia servir a cerveja para nós dois — explicou Flandry, em palavras praticamente ininteligíveis.

— Eu não... — Kit começou a dizer, desarvorada. — Eu não queria...

— Sente-se — e Flandry a empurrou para uma cadeira ao canto. — Afinal de contas, senhor, talvez precisemos de informações de primeira mão acerca de Raposa — e seu olhar colidiu com o de Walton. — Acho que ela conquistou o direito de sentar-se por perto — aduziu.

Por momentos, o Almirante permaneceu imóvel. E depois sua boca moveu-se.

— Você é incorrigível — proclamou. — E não me venha com aquela resposta conhecida "Não, eu sou Flandry". Muito bem, Srta. Kittredge. Está sabendo que o assunto é de sigilo absoluto. Capitão Flandry, conhece o Comandante Sugimoto?

Flandry apertou a mão do outro Terreno, que estivera encarregado da primeira expedição furtiva a Ardazir. Sentaram-se, Flandry acendeu o cigarro.

— Encontrou o lugar? — perguntou.

— Sem dificuldades — declarou Sugimoto. — Depois de você me ter dado a correlação entre as tabelas astronômicas deles e as nossas, e ter explicado o sistema de números, foi elementar. A estrela deles não se acha em nossos catálogos, porque fica do outro lado da nebulosa escura e jamais houve qualquer exploração por ali. Assim sendo, você nos poupou, talvez, todo um ano de procura. Por falar nisso, quando a guerra terminar, os cientistas estarão interessados na nebulosa. Vista do outro lado, é levemente luminosa; um protossol. Ninguém jamais desconfiou de que a População Um fosse tão jovem, bem na vizinhança galáctica do próprio Sol! Deve ser uma excentricidade, entretanto. Flandry enrijeceu o corpo.

— O que se passa? — interpelou Walton.

— Nada, senhor. Ou talvez seja alguma coisa. Não sei. Prossiga, Comandante.

— Não há necessidade de repetir em detalhes — interveio Walton. — Você verá o relatório completo. O quadro das condições gerais de Ardazir, feito com base em seu interrogatório, mostrou-se preciso. O sol é uma anã A4... não se acha a mais de doze parsecs daqui. O planeta é terrestreíde, grande, bastante seco, muito montanhoso, três satélites. A partir de todas as indicações... você conhece as técnicas, como pousos furtivos, espionagem telescópica de longe, câmeras ocultas, amostras aleatórias... a hegemonia Urdahu é recente, e não se mostra muito estável.

— Um de nossos xenólogos notou o que garantiu ser uma rebelião característica — explicou Sugimoto. — Para mim, os filmes dele não passam de um monte de criaturas de pelo vermelho, em um tipo de roupa, disparando com armas de pólvora contra uma fortaleza de aspecto moderno, onde usam roupas diferentes. A pista sonora não faz sentido algum, até que nossos rapazes traduzam. Mas o xenólogo afirma que existem outros sinais provando que se trata

do levante de uma tribo atrasada contra os conquistadores mais civilizados.

— Oportunidade, portanto, para jogar uns contra os outros — assentiu Flandry. — Está claro que antes de podermos fazê-lo, as informações precisam reunir muito maior soma de dados.

— Tem alguma coisa para anunciar, Capitão? — indagou Walton. — Alguma coisa que tenha descoberto, desde seu último relatório?

— Não, senhor — disse Flandry. — Tudo se coordena bastante bem. Com exceção, naturalmente, da questão principal. Os Urdahu não poderiam ter inventado todas as coisas modernas que lhes possibilitam o controle de Ardazir. Não poderiam, com tal rapidez. Ainda estavam no começo da idade nuclear, há vinte anos. Alguém forneceu tudo a eles, ensinou-lhes e os despachou em guerra de conquista. Quem foi?

— Ymir — respondeu Walton, enfaticamente. — Nosso problema é saber se os Ymiritas estão trabalhando independentemente ou como aliados de Merséia.

— Ou se estão — murmurou Flandry.

— Céus e trovões! — esbravejou o almirante — As naves Ardazirho e equipamento pesado têm linhas Ymiritas. O governador de Papão empata metade de nossa força, pelo expediente simples de recusar-se a falar. Um colono joviano tentou matar você, quando se achava em missão oficial, não foi?

— As naves podiam ser feitas assim propositalmente, para nos enganar — observou Flandry. — O senhor sabe que os Ymiritas não são raça dotada de cortesia; ainda que fossem, que diferença causaria, já que não podemos investigá-los em detalhes? Quanto à minha pequena refrega com Horx...

Ele parou no que estava dizendo.

Comandante — voltou, devagar —, fiquei sabendo que existem planetas jovóides no sistema de Ardazir. Algum deles foi colonizado?

— Não até onde deu para ver — respondeu Sugimoto. — Está claro que com aquele sol quente... quer dizer, nós não colonizaríamos Ardazir, de modo que Ymir...

— O sol não faz grande diferença quando a atmosfera é tão espessa quanto aquela — obtemperou Flandry.

—O interrogatório que tenho feito levou-me a acreditar

que não existem colônias Ymiritas em qualquer parte da região controlada por Ardazir. Não acha que se eles tivessem interesses por lá, quaisquer que fosse, viveriam lá, também?

— Não obrigatoriamente — e Walton esmurrou a escrivainha, — Tudo está na base do "não obrigatoriamente" — resmungou, como um leão enfurecido. — Estamos lutando em meio a uma neblina. Se desferíssemos um ataque completo a qualquer lugar, iríamos expor-nos à possível ação Ymirita. Esta frota é mais

forte do que a força Ardazirho em volta de Raposa... porém mais fraca do que toda a frota de todo o reino Ardazirho... Se chamássemos os reforços de Syrax, Merséia engoliria o Enxame! Mas não podemos ficar por aqui todo o tempo, esperando que alguém se mexa!

Olhava para as mãos grandes e cheias de protuberâncias.

— Vamos mandar mais espíões a Ardazir — resmoneou. — Está claro que alguns serão pegos, e então Ardazir ficará sabendo que sabemos, e fará esforço real contra nós... Por Deus, talvez o certo seja esmagá-los ali em Raposa, imediatamente, e depois seguir para Ardazir e contar que nossas naves sobrevivam o bastante para esterilizar todo aquele planeta infernal!

Kit se pôs em pé com um salto.

— Não! — gritou.

Flandry obrigou-a a sentar-se. Walton a fitava, os olhos cheios de angústia.

— Sinto muito — murmurou. — Sei que seria o fim de Raposa. Não quero ser um assassino em Ardazir, também... todos aqueles filhotes, que nunca ouviram falar de guerra... Mas, o que posso fazer?

— Espere — disse Flandry. — Tenho um palpite. Fez-se silêncio, camada por camada, até que a cabine se tornasse espessa com ele. Finalmente Walton perguntou, em sua voz mais baixa:

— O que é Capitão?

Flandry fitava um ponto além de todos eles.

— Talvez nada — disse. — Talvez muita coisa. Uma expressão que alguns Ardazirho usam: A Caverna do Céu. É uma espécie de buraco negro. Algumas de suas religiões fazem daquilo a entrada do inferno. Poderia ser... Lembro-me de meu amigo, Svantozik, também. Eu o surpreendi' e ele emitiu uma expressão que não era comum. Grandes planetas por nascer. Svantozik tem posição elevada, sabe mais do que qualquer outro Ardazirho que já vimos. Não há muito com que continuar, mas... pode dar-me uma frotilha, Almirante?

— Provavelmente não — respondeu Walton. — E ela não poderia sair sem ser vista. Uma nave de cada vez, sim, podemos enviar em sigilo. Mas diversas... O inimigo registraria a esteira delas, notaria em que direção seguiam, ficaria pensando. Ou não teria importância, no caso?

— Receio que sim — e Flandry fez uma pausa. — Bem, senhor, pode dar-me alguns homens? Irei em minha própria nave. Se não voltar logo, faça o que lhe parecer melhor.

Ele não queria ir. Parecia demasiadamente provável que o mito estivesse certo e a Caverna do Céu conduzisse ao inferno. Mas Walton ali estava, sentado, a observá-lo, Walton, que era um dos últimos homens corajosos e inteiramente honrados, em todo o Império da Terra. E também Kit o observava.

Ele teria partido imediatamente, mas um golpe de sorte — já era tempo, pensava, cheio de ingratidão — levou-o a decidir esperar dois dias. Passou-os no Desordeiro, sem dizer a Kit que continuava na frota. Se Kit soubesse, ele não teria descanso, jamais poderia dormir tanto quanto necessitava.

O fato era que os Ardazirho continuavam ignorantes do fato de que algum ser humano conhecesse sua língua, com exceção de alguns prisioneiros e Dominic Flandry. Por esse motivo, enviavam todas as mensagens sem código. A essa altura, Walton tinha agentes em Raposa, trabalhando com a resistência subterrânea, e equipados para se comunicarem com a frota, sem interferência. As transmissões inimigas estavam sendo ouvidas com atenção crescente. Flandry recordou-se de que Svantozik estivera por deixar Raposa, e solicitou vigilância especial sobre qualquer informação nessa particular. Um esquadrinhador foi ajustado para localizar o nome em uma fita gravada. Foi o que aconteceu, o teor da fita imediatamente retransmitido para o espaço e Flandry ouviu, com grande interesse, a gravação recebida.

Era uma ordem comum, relacionada a certos preparativos. Svantozik, o caçador de mentes, do Janneer \* a, partia para a terra natal, por ordem recebida. Não ^ arriscaria a ser visto e acompanhado até Ardazir por algum terreno, de modo que empregaria apenas nave menor, ultra-rápida. (Flandry admirava-lhe a coragem. A maioria dos seres humanos teria, ao menos, utilizado uma nave da classe Meteoro.) A hora e data da partida eram dadas, em termos Urdahu.

— Em frente — disse Flandry, e o Desordeiro entrou em ação.

Ele não se aproximou de Raposa. Era essa a parte arriscada da nave de ligação. Podia predizer o modo exato da decolagem de Svantozik só havia um meio lógico. Ele estaria no meio de um esquadrão, que arremeteria em direção ao espaço. No momento certo, Svantozik daria à sua nave menor um impulso poderoso de força primária; e então, orbitando com motores desligados e afastando-se dos demais, deixaria a distância acumular-se. Quando tivesse certeza de que nenhum Terreno o espionara, iria cautelosamente na gravidade, até achar-se a salvo — e, então, passaria para o impulso secundário e superaria a velocidade da luz. Uma nave tão pequena, tão distante das bases de Walton, não seria detectada, ainda mais quando a atenção do inimigo fora distraída pelo esquadrão em manobra.

A menos, é claro, que o inimigo se houvesse plantado naquela região, sabendo com antecipação da meta de Svantozik e tendo sensíveis detectores de pulsação bem ligados.

Quando o alarme soou e as agulhas começaram a oscilar, Flandry não fez por menos, deu um grito de alegria.

— Ai está ele!

Com o dedo, apertou um botão. O Desordeiro entrou em impulso secundário,

com um gemido de conversores torturados. Quando as telas visuais se haviam firmado, Cerulia desaparecia para trás. À frente, esboçada em constelações diamantinas, a nebulosa se estendia em negrume esfarrapado. Flandry consultou os instrumentos.

— Ele não é tão grande quanto nós — observou —, mas viaja como relâmpago arrepiado. Acha que podemos alcançá-lo antes de Ardazir?

— Sim, senhor — disse Chives. — Nesse volume de espaço imediato, que tem mais poeira do que a média, e nestas pseudo-velocidades, o atrito se torna importante. Somos mais aerodinâmicos do que ele. Calculo em vinte horas. Agora, se me dá licença, vou preparar o jantar;

— Está bem — disse Flandry, em tom enfático. — Mesmo que não nos tenha percebido, pode tentar evadir-se, por questão de princípio geral. O piloto automático tem o previsor aleatório para casos assim, mas não tem poesia.

— Senhor? — e Chives ergueu as sobrancelhas que não tinha.

— Não tem sensação... intuição... seja lá como se chama essa coisa. Svantozik é um artista de Informações. Pode, também, ser um artista no painel de pilotagem. E você é outro, meu camaradinho. Você e eu vamos montar guarda e vigiar, aqui mesmo. Dei ordens para que um cabo, camarada grandão e cabeludo, prepare a comida.

— Senhor! — e Chives estava balindo feito ovelha perdida.

Flandry encolheu-se.

— Eu sei. É comida da Marinha. Os sacrifícios que nós, os heróis esquecidos, fazemos pela causa da Terra...!

Seguiu, então, pela nave, a fim de travar conhecimento com a tripulação. Walton escolhera pessoalmente uma dúzia de elementos para a missão: oito seres humanos; um escothaniano, que tinha aspecto quase humano, a não ser pelos chifres e cabelo amarelo; dois grandes Gorzuni, criaturas de quatro braços, pelo cinzento e focinho desgrehado, um gigante entre púrpura e azul, vindo de Donarr, parecendo-se de modo vago a um centauróide com torso de gorila, sobre o corpo de rinoceronte. Todos eles tinham cidadania terrena, era pessoal de carreira, todos haviam lutado com todas as armas, desde o machado ao analisador de operações. Eram tripulação tão boa quanto a melhor que se pudesse formar na galáxia conhecida. E, bem no íntimo, Flandry se entristecia ao ver que nenhum dos seres humanos, com exceção dele, vinha da Terra.

As horas decorreram. Ele comeu, dormiu, usou truques de pilotagem. Com o tempo, aproximara-se da nave Ardazirho e ordenou uniforme de combate a todos. Ele próprio foi para a torre com Chives.

Sua presa era uma forma acachapada e feia, escura contra as nuvens estelares distantes. A tela visual revelava um canhão desintegrador, fino, e um lançador de torpedo mais pesado do que a maioria das naves daquele tamanho

levaria. Os mísseis que disparava tinham poder suficiente para penetrar nas telas potenciais do Desordeiro, fazer contato e vaporizar o alvo em uma só explosão nuclear.

Flandry tocou um controle de disparo. Uma bala traçadora saiu, riscando a linha de fogo pela nave de Svantozik. Ou melhor, pelo espaço onde bala e nave coexistiam, com frequências diferentes. O sinal convencional, ordenando alto, não foi obedecido.

— Aproxime-se — disse Flandry. — Você pode afastar-nos?

— Sim, senhor — e Chives dançou com os dedos esguios e de três juntas pelo painel. O Desordeiro mergulhou como uma águia-marinha, interpenetrou a nave inimiga, de modo que Flandry pôde olhar por momentos através da torre. Reconheceu Svantozik nos controles, pessoalmente, e riu de prazer. O Ardazirho ligou a pseudo-desaceleração. Um piloto menos habilidoso teria passado por ele como uma bala, e achar-se-ia a um milhão de quilômetros de distância, antes de compreender o que acontecera. Flandry e Chives, agindo como um só, souberam equiparar aquela manobra. Por minutos, acompanharam todas as contorções e esquivas. E depois, seriamente, Svantozik prosseguiu em linha reta. O Desordeiro pôs-se de lado, até conseguir um rumo paralelo, a vinte metros de distância.

Chives acionou o ajustador de fase. Houve enjôo instantâneo, enquanto o impulso secundário passava por mais de mil configurações separadas de frequência. Em seguida, sua entrada-saída, entrada, saída no espaço-tempo equiparou-se à do inimigo. Um detector de massas informava o robô, em questão de micro-segundos, e o ajustador parou. Um raio de tração prendeu-se no casco do outro, com solidez repentina. Svantozik tentou um ênfase diferente, mas o Desordeiro o igualou, sem perder uma só batida.

— Vamos ficar ao comprido, senhor? — perguntou Chives.

— É melhor que não — disse Flandry. — Eles podem preferir explodir, levando-nos também. Tubo de abordagem.

Ele se estendeu pela comporta de combate até o outro casco, prendeu-se como um sanguessuga, com sugadores magnetrônicos, cravou-se. O canhão de energia Ardazirho não podia ser levado a mirar naquele ângulo. Um míssil relampejou em seu lançador. Foi desintegrado por um disparo da arma do Desordeiro. O donarriano, criatura imensa em sua armadura, guiou um verme" pelo tubo de abordagem até o casco apostado. O tocinho de energia da máquina começou a morder o metal.

Flandry percebeu, em vez de ver, a ondulação leve que marcava uma transformação para o impulso primário. Apertou sua própria chave. Ambas as naves reverteram simultaneamente à velocidade sublumínica. A diferença de cinquenta quilômetros por segundo quase que os separou, mas o raio trator se manteve, bem como os campos de compensação. Eles rolaram para a frente, lado a lado.

— Está preso! — gritou Flandry.

Ainda assim, a presa podia tentar algum truque. E precisava permanecer com Chives, equiparando todas as manobras, enquanto a tripulação tinha o prazer de abordar a outra nave. Os músculos de Flandry doíam, no desejo de entrar pessoalmente em combate. Pelo intercomunicador, vozes radiofônicas informavam:

— O verme já furou, senhor. Nossa gente vai entrar pela brecha. Quatro inimigos com armadura de luta, apontando armas móveis...

O inferno foi desencadeado. Raios de energia brilhavam contra o aço endurecido. Balas explodiam, faziam os homens cambalear e cair, entravam em fragmentos lancinantes, perfurando as divisões internas. A tripulação Terrena seguia sem misericórdia, entrando naquela barragem, antes que pudesse romper suas armaduras. Lutavam corpo a corpo com os Ardazirho. E a diferença numérica não era muito desigual: seis contra quatro, pois metade da tripulação de Flandry tinha que cuidar das armas, a fim de evitar possíveis disparos inimigos. Os Ardazirho eram, fisicamente, um pouco mais fortes do que os seres humanos, mas isso tinha pouca importância, quando os murros batiam em chapas metálicas. Os enormes Gorzumi, entretanto, o Escothiano de gritos bárbaros, com sua barra destruidora, de liga metálica especial, o donarriano que alegremente se empinava e rugia, desferindo pancadas que aturdiavam a despeito de toda a proteção — encerraram a luta. O navegador inimigo, pré-condicionado, morreu. Os demais foram arrancados das armaduras e atirados no porão do Desordeiro.

Flandry não tinha certeza se também Svantozik se achava canalizado de modo que, ao ser capturado, morresse. Mas duvidava. Os Urdahu provavelmente seriam pródigos com seus melhores oficiais, porque se caíssem prisioneiros poderiam ser trocados por outros, ou obter meios de fuga. Provavelmente Svantozik recebera apenas um bloco mental para não se lembrar das coordenadas do sol natal, quando não tivesse o mapa de pilotagem aberto diante do rosto.

O Terreno suspirou.

— Limpe o salão, Chives — disse, fatigado. — Mande trazer o Svantozik a mim, ponha um guarda lá fora e sirva-nos alguns refrescos.

Ao passar por um dos subordinados que invadira a nave capturada, o homem dedicou-lhe um sorriso e continência exuberante.

— Heróis do inferno — resmungou, Flandry. Sentiu-se um pouco melhor quando Svantozik entrou. O Ardazirho caminhava com altivez, a cabeça vermelha bem alta, e dava para notar que procurara arrumar o saíote. Mas havia uma friagem interna, naqueles olhos lupinos. Quando viu quem estava à mesa, tornou-se rígido. O pelo eriçou-se em todo o seu corpo magro, um rosnado tremeu-lhe na goela.

— Sou eu, apenas — disse o ser humano. — Não voltei da Caverna do Céu, pode crer". Pode sentar-se — <sup>e</sup> fez sinal para o banco diante de sua cadeira.



Devagar, um músculo após o outro, Svantozik abaixou-se ali. Disse, afinal:

— Afirma um provérbio: "O cervo pode correr mais depressa do que se pensa". Cumprimentos a você,

Capitão Flandry.

— Estou satisfeito em ver que meus subordinados não o machucaram. Tinham ordens especiais para apanhá-lo vivo. A coisa toda era essa.

— Eu lhe causei tanto mal, em nossa toca? — perguntou Svantozik, com amargura.

— Ao contrário. Você foi anfitrião mais bondoso do que eu teria sido. Talvez possa retribuir — e Flandry tirou um cigarro para fumar. — Desculpe-me. Liguei a ventilação, mas meu cérebro funciona com nicotina.

— Acho... — e o olhar de Svantozik foi para a tela visual e a noite galáctica — que você sabe qual dessas estrelas é a nossa.

— Sei.

— Será defendida até a última nave. Será preciso mais força do que vocês podem reunir, tirando das fronteiras, para nos vencer.

— Você, então, tem ciência da situação em Syrax — e Flandry deixou que a fumaça saísse em filete pelo nariz. — Diga-me uma coisa, estou na impressão correta, ao achar que você tem alta patente no serviço espacial de Ardazir, e no próprio orbek de Urdahu?

— Mais alto na primeira do que no último — disse Svantozik, sem entusiasmo. — Os chefes de Matilha e as mulheres velhas dão-me ouvidos, mas não tenho autoridade junto a eles:

— Ainda assim... Olhe para lá outra vez. Para a Caverna do Céu. O que vê?

Haviam-se adiantado tanto ao relancearem a parte mais rala da nebulosa, que a luminosidade interna podia penetrar, vinda do lado. A forma negra de cúmulos agigantava-se de modo pressago em meio às constelações; um brilho vermelho enfraquecido em volta da orla tocava massas e firmamento, como se um fogo moribundo ardesse ainda, em alguma grota cheia de teias de aranhas. A não muitos graus dali, o sol de Ardazir brilhava como uma espada azul.

— Vejo a própria Caverna do Céu, naturalmente — disse Svantozik, sem atinar com a questão. — A Grande Escuridão. A Porta dos Mortos, como dizem os que acreditam na religião...

Seu tom de voz, no qual desejava ser sardônico, fraquejou.

— Não vê luz, então? É negro, para você? — e Flandry assentiu devagar. — Eu esperava isso. Sua raça é cega ao vermelho. Você vê mais no violeta do que eu, mas a seus olhos eu sou cinzento e você próprio é negro. Esses quadrados combinados de maneira tão atroz, no seu saio, parecem-lhe todos igualmente escuros.

A palavra em Urdahu, a ser utilizada para "vermelho", na verdade, designava a faixa amarelo-alaranjada; mas Svantozik compreendia.

— Nossos astrônomos desde muito sabem que existe uma radiação invisível da Caverna do Céu, comprimentos de onda de rádio e mais curta ainda — disse ele. — E daí?

— O seguinte, apenas — explicou Flandry. — É que vocês estão recebendo as ordens daquela nebulosa.

Svantozik não movimentou um só músculo, mas Flandry percebeu como o pelo eriçava novamente, de modo involuntário, as orelhas abaixavam.

O homem enrolou o cigarro entre os dedos, fitando-o.

— Você acha que a Dispersão de Ymir está além de sua própria expansão repentina — prosseguiu Flandry. — É suposto que eles tenham dado a vocês as armas, maquinaria de robôs, conhecimentos, tudo de que necessitavam, lançando-os nessa carreira de conquista. O objetivo deles era livrar a galáxia do Império da Terra, tornando vocês os dominadores, em meio aos respiradores de oxigênio. Vocês foram levados a compreender que os seres humanos e os Ymiritas simplesmente não se davam. Os peritos da própria Ardazir, que ajudam vocês a comer, eram Ymiritas?

— Alguns — disse Svantozik — Na maioria, naturalmente, respiradores de oxigênio. Isso era muitíssimo mais conveniente.

— Vocês acharam que eram simples clientes Ymiritas, não foi? — prosseguiu Flandry. — Pense, mesmo assim. Como sabe que algum Ymirita realmente estava em Ardazir? Eles teriam que ficar dentro de uma nave de bolha de força, por todo o tempo. Havia alguma coisa dentro dessa nave, em qualquer instante, a não ser um painel de controle remoto? Tendo, talvez um manequim Ymirita? Não seria difícil enganar vocês, desse modo. Nada existe de misterioso acerca de naves desse tipo, elas não são difíceis de construir, apenas sucede que raças como a nossa, de modo normal, não têm qualquer serventia para aparelhagem adicional tão complicada... campos mega-gravitacionais oferecem tanta proteção contra as partículas materiais, e nada protege contra uma granada nuclear que tenha efetuado contato.

Fez uma pausa, e logo aduzia:

— Ou, mesmo, se alguns Ymiritas tenham visitado Ardazir... como sabe se eram eles que comandavam? Como pode ter certeza de que seus "vassalos" respiradores de oxigênio não eram os verdadeiros senhores?

Svantozik encolheu o lábio e soltou a respiração arquejante, em meio às presas.

— Você se bate com valentia, na rede, Capitão.

Mas uma simples hipótese...

— É claro que eu estou fazendo hipóteses — e Flandry apagou o cigarro. Seu

olhar colidiu com o de Svantozik, com tanta dureza, pederneira cinzenta batendo em aço cinzento, que era como se faíscas esvoaçassem. — Você tem uma cultura científica, sabe que a hipótese mais simples deve ser preferida. Pois bem, posso explicar os fatos com muito mais simplicidade do que mediante essa coisa pesada de Ymir resolver imiscuir-se nas questões dos planetas anões, que de nada valem para ela. Isso, porque Ymir e a Terra jamais tiveram qualquer encrenca mais séria. Não temos interesse algum, um pelo outro! Eles sabem que nenhuma raça terrestróide poderia tornar-se ameaça séria, em seu caso. Dificilmente conseguem perceber alguma diferença entre os Terrenos e Merseianos, quer na aparência externa ou na mentalidade. Por que haveriam de importar-se com quem sai ganhando?

— Não procure imaginar o motivo — retorquiu Svantozik, obstinado. — Meu cérebro não se baseia em compostos de amônio. O fato, entretanto, é que...

— Que alguns poucos Ymiritas individualmente, aqui e acolá, executaram atos hostis — disse Flandry. — Eu fui o alvo de um deles. Por não ser óbvio o motivo pelo qual o fizeram, a não ser como agentes de seu governo, supusemos que tinha sido essa a razão. Por todo o tempo, entretanto, outra razão estava de cara para nós. Eu sabia. É o tipo de coisa que causei eu mesmo, nesta profissão suja que é a nossa, repetidas vezes. Simplesmente faltavam-me provas. Conto obter essas provas sem demora.

— Como você não pode subornar alguém... chantageia!

Svantozik sacudiu-se. Ergueu-se, as narinas tremiam, ele disse, com aspereza:

— Como? Como pode tomar conhecimento de quaisquer segredos sórdidos, na vida particular de um respirador de hidrogênio? Não vou acreditar que você, ao menos, sabe o que essa raça consideraria um crime.

— Não sei — disse Flandry. — Nem importa. Há uma criatura que poderia descobrir. Ele pode ler qualquer mente próxima, sem estudo preliminar, quer o paciente seja ou não naturalmente telepata. Acho que ele deve ter sensibilidade a alguma energia vital básica que nossa ciência ainda não conhece. Inventamos uma tela-mental na Terra, apenas por sua causa. Ele esteve no Sistema Solar, tanto na Terra quanto Júpiter, por semanas seguidas. Por ter sondado os pensamentos mais íntimos do guia Ymirita. Se o próprio Horx não era vulnerável, alguém perto dele pode ter sido. Aycharach, o telepata, é um respirador de oxigênio. Dá-me calafrios imaginar como deve ser, receber pensamentos Ymiritas em um cérebro protoplásmico. Mas ele o fez. Em quantos outros lugares esteve, por quantos anos? De que força dispõe sobre os senhores de Urdahu?

Svantozik continuava imóvel. As estrelas brilhavam às suas costas, aos milhões regelados.

— Estou dizendo — encerrou Flandry — que o seu povo tem sido simples instrumento de Merséia. Isto foi preparado ao correr de um período de quinze anos. Ou mais, ainda. Não sei qual a idade de Aycharach. Vocês foram

desencadeados contra a Terra, em momento escolhido com precisão... quando nos apresentavam a escolha de perder o Enxame de Syrax, que é de importância vital, ou sermos roubados e arruinados em nossa própria esfera. Você, pessoalmente, como caçador sensato, colaboraria com Ymir, por saber que eles jamais ameaçariam Ardazir de modo direto, e seria de presumir que ficariam aliados à sua gente, após a guerra, protegendo-os assim para sempre. Mas você se atreve a colaborar com Merséia? Deve ser claríssimo, a seus olhos, que os Merseianos são muito mais seus rivais do que a Terra poderia ser. Uma vez derrubada a Terra, Merséia acabará com seu império, feito às pressas. Estou lhe dizendo uma coisa, Svantozik, vocês têm sido os fantoches de seus chefes guerreiros e eles, por sua vez, foram instrumentos indefesos e traidores de Aycharach. Penso que eles se afastam pelo espaço, a fim de receberem ordem de uma quadrilha Merseiana... e penso que vou procurá-la, caçá-la!

À medida que as duas naves se aproximavam da nebulosa, Flandry ouviu o Ardazirho aprisionado uivar. O próprio Svantozik, que estivera ali antes e afirmava seu agnosticismo, erguia o rufo de pelos e lambia os lábios secos. A olhos cegos para o vermelho, devia ser realmente horrível, observar aquela escuridão imensa a crescer, até engolir todas as estrelas e apenas os instrumentos revelando alguma coisa sobre a noite absoluta lá fora. E os mitos antigos não morrem; dentro de todo o subconsciente Urdahu continuava aquela sendo a Porta dos Mortos. Era, com certeza, o motivo pelo qual os Merseianos a tinham escolhido como toca, de onde controlavam o destino de Ardazir. O medo desmoralizador faria dos Chefes de Matilha fantoches ainda mais abjetos.

E então, em nível prático, aqueles que eram chamados — a fim de relatarem os progressos feitos e receberem as instruções seguintes, eram cegos. O que não viam, não podiam informar a alguém que talvez começasse a imaginar a respeito das discrepâncias encontradas.

Flandry viu pessoalmente aquela grandiosidade sinistra; grandes barrancos e nuvens de negrume, estendendo-se em silêncio completo a cada lado, golfos, canyons, escarpas iluminados pelo brilho vermelho central. Sabia, de modo objetivo, que a nebulosa estava Próxima ao vácuo, mesmo nas partes mais densas; apenas as dimensões e a distância criavam aquele quadro cavernas além de cavernas. Mas os olhos informavam-no de que entravam na Terra da Sombra, sob paredes e tetos maiores do que sistemas planetários, e sua própria pequenez o abalava.

O nevoeiro espessava-se, à medida que as naves continuavam o vôo. Também ocorria isso com a luz, até que finalmente Flandry fitava a face escondida do infra-sol. Era um disco amplo e sem formas precisas, em profundo carmesim, marcado por manchas e faixas de preto, enevoado nas orlas e passando a arabescos coronais inacreditavelmente delicados. Aqui, no cerne da nebulosa, a poeira e o gás condensavam, uma nova estrela tomava forma.

Ainda assim, ele brilhava simplesmente por energia gravitacional, aquecendo-se enquanto se contraía. A maior parte dessa massa titânica continuava fantasmagoricamente tênue. Mas já a densidade do centro devia estar se aproximando ao colapso quântico, em temperatura central de megagraus. Em pouco tempo (alguns milhões de anos mais, quando o homem se achasse reduzido a ossos e nem mesmo o vento se lembrasse dele) fogos atômicos se acenderiam e uma nova radiação iluminaria aquele céu.

Svantozik olhava os instrumentos de sua própria nave.

— Nós nos orientamos por estas três fontes de rádio cósmico — disse, apontando, a voz se reduziu a um silêncio forçado. — Quando estamos próximos do... quartel-general... emitimos nosso sinal de chamada e um farol de controle, no solo, nos orienta para o pouso.

— Ótimo — e Flandry fitou aqueles olhos alienígenas, entre assustados e

irados, com expressão firme de compaixão. — Você sabe o que deve fazer, quando houver pousado.

— Sei — a cabeça sombria e fina se ergueu. — Não voltarei a trair criatura alguma. Tem o meu juramento, Capitão. Eu não teria rompido a palavra com os chefes de Matilha, também, mas acredito que você tem razão e que eles venderam Urdahu.

Flandry assentiu e bateu no ombro do Ardazirho. Sentiu que o corpo estremecia de leve. Achava que Svantozik estava sendo sincero, embora deixasse dois seres humanos armados a bordo da presa, só para ter certeza dessa sinceridade. Era claro que Svantozik poderia sacrificar a própria vida, para emitir um aviso, ou poderia ter mentido acerca da existência de uma só instalação em toda a nebulosa, mas seria preciso correr alguns riscos.

Flandry voltou à própria nave. O tubo de abordagem foi retirado. As duas naves seguiram em paralelo por algum tempo.

Grandes planetas par nascer. Uma pista das mais tênues e Flandry não se surpreenderia, se conduzisse a um resultado falso. Mas... por muitos séculos fora sabido que quando u'a massa em rotação condensou-se o bastante, os planetas começarão a criar forma em volta dela.

Pela radiação embotada do sol inchado, Flandry viu a meta. Era, ainda, pouco mais do que um cinturão empoeirado e cheio de gás, formado por pedras, estendido em órbita excêntrica, em nós de concentrações locais, como miçangas. Gradualmente as forças de gravitação, magnetismo e rotação o juntavam; o gelo e os hidrocarbonetos, primevos, condensados no frio intenso sobre partículas sólidas, faziam-nos unir ao colidirem, em vez de separarem-se ou se estraçalharem. Pouquíssima parte do mundo embrionário era visível; apenas o núcleo maior, uma massa asteroidal bruta, escura, acidentada e com faixas de gelo aqui e acolá, girando loucamente; a dança vagalúmica de meteoros menores, que iam do tamanho de montanhas a fragmentos de poeira, e vagarosamente choviam sobre aquilo.

Flandry colocou-se na torre, ao lado de Chives.

— Até onde dá para ver — anunciou —, este vai ser um planeta terrestreíde.

— Quer que deixemos um bilhete para os futuros moradores, senhor? — perguntou o shalmuano, sem qualquer expressão fisionômica.

A gargalhada que Flandry soltou era resultado da tensão por que passara. Ele aduziu, devagar:

— Mas faz pensar o que poderia ter acontecido, antes que a Terra nascesse...

Chives ergueu a mão. A luz vermelha que invadia a nave conferia-lhe à pele verde uma cor pavorosa.

— Acho que é o farol Merseiano, senhor. Flandry consultou os instrumentos.

— Verifique. Vamos afastar-nos.

Ele não queria que o radar inimigo revelasse duas naves. Deixou que a de Svantozik desaparecesse da vista, enquanto mandava o Desordeiro em giro em torno do Enxame.

— Era melhor nós entrarmos a cerca de dez quilômetros da base, para estarmos seguros, abaixo do horizonte — propôs. — Você os localizou, Chives?

— Acho que sim, senhor. A irregularidade do asteróide central confunde a identificação, mas... deixe-me ler o rumo, enquanto o senhor nos pilota.

Flandry tomou os controles. Aquilo ia ser uma acrobacia das maiores, no espaço. Os instrumentos e robôs, mais rápidos e precisos do que o ser humano poderia aturar, fariam a maior parte do trabalho; mas em região desconhecida e mutável como aquela era preciso haver também um cérebro, a tomar constantemente decisões básicas. Vamos fugir a esse enxame de rocha, ao preço de esbarrar naquela nuvem de gelo?

Ele ativou as telas de megagravidade e partiu em linha reta para o alvo. Nenhum objeto local teria velocidade suficiente para sobrepujar aquele potencial e alcançar o casco. Mas o simples impacto do campo de força que cedia poderia atirar uma nave pequena para o oeste, forçando-lhe perigosamente o metal.

Contra cortinas nebulares que se estendiam, Flandry via dois meteoros rumando furiosamente em sua direção. Eles giravam e rolavam, como dados de ferro. Acionou um vetor duplo, diminuindo alguma velocidade à frente enquanto aplicava a aceleração "para baixo". O Desordeiro passou por aquilo. Um cone escarpado e que girava, com cinco quilômetros de distância, estava à frente. Flandry roçou por ele, a poucos metros da superfície. Algo passou por ali, tão depressa que seus olhos nada viram, senão uma enigmática faixa de fogo. Alguma coisa bateu no meio da nave. O impacto fez-lhe os dentes tritar. Uma tempestade curta de gases congelados, um cometa, pintara as telas visuais com nevasca de cor vermelha.

E foi quando o asteróide principal cresceu à frente. Chives enumerou cifras. O Desordeiro passou por cima da superfície áspera, em rodopio.

— Aqui! — gritou Chives. Flandry acionou os controles, a fim de pararem. — Senhor. — aduziu o shalmuano.

Flandry abaixou a nave com grande cuidado. O silêncio caiu. A escuridão desceu além do casco. Havia pousado.

— Fique aqui — disse Flandry. O rosto verde de Chives exibiu uma expressão de amotinação. — É uma ordem — aduziu, sabendo como estava magoando aquela criatura, mas sem poder fazer outra coisa. — É possível que precisemos de uma escapada rápida. Ou de uma perseguição rápida. Ou, se sair tudo errado, alguém que vá informar o Walton.

— Sim, senhor — e a voz de Chives quase não dava para ser ouvida, de tão baixa. Flandry deixou-o inclinado sobre o painel de controle.

Sua tripulação, menos os dois seres humanos que estavam com Svantozik, já

se achava em equipamento de combate. Um morteiro nuclear foi montado nas costas centaúroides do Donariano, e um homem ali se achava também, para dispará-lo. As peças de um lança-foguetes cruzavam-se nos ombros duplos dos dois Gorzuni. O Escothiano entoava um canto de guerra e agitava a barra destruidora a tal ponto que o ar assobiava. Os outros cinco homens formavam uma companhia compacta e metálica.

Flandry envergou a roupa e seguiu à frente. Estava, agora, na noite sem estrelas. Apenas o brilho fraco dos mostradores em detetores e a força de luz atirada no vácuo por uma lanterna vinham mostrar-lhe que os olhos ainda enxergavam. Ao se ajustarem, todavia, deu para divisar a mais fraca tonalidade de vermelho nublado acima, e as centelhas cor de sangue, onde os meteoros e satélites apanhavam a luz do sol. A gravidade aos pés era tão pequena que até com armadura ele estava próximo à imponderabilidade. Ainda assim a inércia era a mesma. Tinha-se a impressão de estar andando por baixo de algum oceano infinito.

Ele verificou o traçador portátil de neutrinos. Naquele emaranhado de matéria nebulosa, todos os instrumentos se achavam perturbados; a poeira falava em todos os espectros, no grito de nascimento de um milhão de anos. Mas era clara a existência da pequena usina de energia nuclear, à frente. E aquilo só podia pertencer a um lugar.

— Dêem as mãos — disse Flandry. — Não queremos perder-nos uns dos outros. Silêncio no rádio, é claro. Vamos.

Eles saltaram sobre a superfície invisível. Era irregular, muitas vezes escorregadia por causa de gás congelado. Em certo momento houve estremecimento no chão e um estrugido veio através das solas das botas. Alguma pedra gigantesca caíra e estourara.

Foi quando o sol se levantou, imenso e vago, no horizonte fantásticamente próximo, e derramou sua luz de âmbar sobre o gelo e a terra. Subia com velocidade visível. A turma de Flandry soltou as mãos e passou à tática de aproximação; esquivando-se de um buraco a uma elevação, esperando, vigiando, fazendo outra avançada grande. Em armaduras negras, não passavam de algumas sombras moveidças em meio a muitas.

A abóbada merseiana estava à vista. Era um hemisfério azul, púrpura àquela luz, aninhado em cratera ampla e rasa. Nas elevações em volta, estavam instalados geradores de campo negativo, a fim de manterem o véu de força contra a chuva de pedras. Fora desligado por momentos, a fim de permitir o pouso de Svantozik; a nave acachapada e negra achava-se sobre uma escarpa, a dois quilômetros da abóbada. Uma belonave muito rápida — era a prova final, pois ali se via uma nave merseiana pura — alojada ao lado no abrigo, para uso das vinte criaturas, mais ou menos, a quem acomodaria. A arma na proa da nave mirava a nave Ardazirho. Uma precaução rotineira, e não havia outras defesas. O que tinham os merseianos a recear?

Flandry acocorou-se na orla e sintonizou o rádio. O farol de Svantozik tinha



dispersão suficiente para que ele ouvisse a conversa:

—... não, meus senhores, esta visita é feita por minha própria iniciativa. Encontrei em Raposa uma situação tão urgente que achei dever trazer a seu conhecimento imediatamente, em vez de parar e perder tempo em Ardazir...

Era conversa fiada, um blefe às cegas, a fim de dar tempo ao ataque de Flandry.

O homem verificou seus comandados. Um por um, eles fizeram o sinal de prontidão. Conduziu-os então, seguindo à frente. O campo de força não tocava o chão; eles passaram por baixo, desceram a parede da cratera e rastejaram até a abóbada. Aquela rocha preta, em forma de sombra, proporcionava ampla cobertura.

O plano de Flandry era simples. Ia aproximar-se furtivamente no lugar e colocar uma granada de baixa potência lá dentro. O ar sairia, os merseianos morreriam e ele poderia investigar seus documentos à vontade. Dispondo de um grupo com inferioridade numérica, e premido por tanta urgência, não podia dar-se ao luxo de ser cavalheiresco.

—... e assim, meus senhores, pareceu-me que os Terrenos...

Todos às armas! Estamos sendo atacados!

O grito fez estremecer os fones de ouvido em Flandry. Tinha sido na linguagem primária merseiana, mas não era voz merseiana. De algum modo, de maneira inacreditável, sua aproximação fora percebida.

O Ardazirho está com eles! Destruam-no!

Flandry jogou-se ao chão que um instante depois tremeu. Por toda a armadura, sentiu um golpe nauseante no estômago. Pareceu-lhe ter visto o rápido clarão termonuclear atravessando as pálpebras e o braço que pusera em proteção.

Sem ar para a concussão, o disparo apenas eliminou a nave de Svantozik Ferro volatilizado rodopiou, condensou-se, caiu novamente em fragmentos pequenos. O asteroide estremeceu e aquietou-se. Flandry saltou. Havia um choro seco e estranho em sua garganta. Ele sabia, com pequena sensação de culpa, que lamentava mais a perda de Svantozik de Janneer Ya do que dos dois seres humanos que tinham morrido.

... atacantes a cerca de dezesseis graus norte do nascente do sol, 300 metros da abóbada...

A torre de armas da nave merseiana girou naquela direção.

O Donarriano já estava a galope. Em seu dorso, o homem com armadura prendia-se bem, aprontando a arma. Quando a arma inimiga parou na mira, o morteiro nuclear se fez ouvir.

Foi uma explosão menor, mas o sol ficou imerso em seu brilho infernal e sem

ruído, entre azul e branco. Metade da espaçonave subiu em nuvem vertiginosa, uma bola se transformava de branco ao violeta e depois ao vermelho róseo, enchia-se e se perdia no céu nebuloso. A proa tremeu, era um coto abalado, do qual o aço derretido derramava. E, devagar, caiu. Bateu no fundo da cratera e rolou como terremoto para os penhascos, onde vibrou e ficou parada.

Flandry abriu novamente os olhos para aquela luz fria e fraca.

— Vão pegá-los! — berrou.

O Donarriano galopou de volta. Os Gorzuni estavam acocorados, o lança-foguetes preparado em questão de segundos, seu projétil químico visando a abóbada.

— Fogo! — gritou Flandry.

O eco veio a seu capacete. O ruído de rádio cósmico foi um zumbido e murmúrio além de sua ordem.

Chamas e fumaça explodiram no campo de impacto. Um buraco se abriu na abóbada, o ar saiu dali aos borbotões. A umidade congelou-se; um nevoeiro fino pairava por cima da cratera. Começou, então, a cair, mas com vagareza, naquele campo gravitacional, de modo que a neblina rodopiava em volta dos subordinados de Flandry, que se lançavam à batalha.

Os merseianos se apresentavam à luta, em enxame. Bom número deles tivera tempo, ao que Flandry observou, de envergar armaduras, depois de serem avisados. Acocoravam-se, grandes e negros no metal, as chapas articuladas da cauda batendo nas botas, cheios de raiva. Por trás de capacetes sem rosto, as bocas grossas deviam estar retorcidas de fúria. Seus gritos roufenhos ecoavam por cima dos fones no ouvido de

Flandry.

Ele correu à frente. O disparo das armas leves do inimigo choveu por cima. Ele sentiu que o calor passava pela roupa isoladora, os nervos encolheram-se. Mas logo estava além da barragem inimiga.

Uma forma dinossauriana veio a seu encontro. O merseiano segurava um desintegrador, focalizado em raio finíssimo. Sua chama queimava a couraça de Flandry. A arma de energia do homem entrou em cena — acertando diretamente a outra. O merseiano rugiu e tentou esconder a arma com a mão blindada. Flandry manteve o disparo firme. A luva de batalha começou a incandescer. O merseiano deixou cair o desintegrador, com grito de angústia. Deu um salto de baixa gravidade na direção do oponente, voltou-se e bateu com a cauda. O golpe acertou Flandry em cheio. Ele foi rolando pelo chão, bateu na abóbada com impacto que o aturdiu, e ali ficou. O merseiano aproximou-se. Suas mãos fortes procuravam a arma do Terreno. Flandry usou uma saída de judô, torcendo-lhe o pulso, entre os dedos e o polegar do merseiano. Manteve a arma em movimento, até enfiar o cano na fresta do olho inimigo. Puxou o gatilho. O merseiano cambaleou para trás. Flandry o seguiu, de perto, eliminando todas as

tentativas frenéticas de livrar-se dele. Um segundo, dois segundos, três, quatro, e logo seu raio furara o vidro grosso. O merseiano caiu, em lentidão pavorosa.

A respiração de Flandry doía-lhe na garganta. Ele olhou através das faixas vermelhas do nevoeiro a vagar por ali, procurando compreender o que se passava. Seus homens continuavam em inferioridade numérica, mas isso estava sendo acertado. O Donarriano atirava merseianos ao chão, jogava-os contra as rochas, escoiceava e batia com força bastante para matá-los com armadura e tudo, por simples concussão. Os Gorzuni estavam lado a lado, um desintegrador funcionando em cada mão; nenhum metal conseguia agüentar tanta concentração de fogo. O Escothaniano saltava, com rapidez desumana, e sua barra de destruição subia e descia como machado de guerra — batia, abria, estourava juntas vulneráveis, até que alguma coisa cedesse e o ar escapasse. E os seres humanos eram máquinas vivas, empunhando desintegradores e disparadores de projéteis, jogando granadas e derrubando armas merseianas com golpes de karatê. Dois deles estavam no chão, mortos; um, caído contra a abóboda, e Flandry ouvia seus gemidos de dor pelo rádio. Mas era maior o número de baixas inimigas, espalhadas pela cratera. Os Terrenos estavam ganhando. A despeito de tudo, estavam vencendo.

Mas...

Os olhos de Flandry varreram o cenário. Alguém, de algum modo, compreendera de repente que um grupo de lutadores espaciais adestrados se enfiava, por baixo de excelente cobertura, na direção da abóbada. Não havia meio que Flandry conhecesse para ter certeza de tanto, sem instrumentos que não vira plantados Por ali. A não ser que...

Sim. A figura alta e negra subindo um penhasco. E logo ela se desenhava contra o sol vermelho de sangue, desaparecia de vista.

Aycharach estava ali, afinal de contas.

Nenhum homem podia ser dispensado do combate, ainda que conseguisse desvencilhar-se. Flandry partiu pessoalmente na perseguição.

Chegou à parede da cratera com três saltos. Uma massa negra de rochas caía à frente. Não deu para ver qualquer forma fugidia, mas naquela terra fantasmagórica de sombras os olhos eram quase inúteis à distância. Sabia, entretanto, que rumo Aycharach tomara. Só havia um caminho de fuga da nébula, agora, e o quereionita obtivera a informação de que necessitava, tirando-a das mentes humanas.

Flandry começou a viajar. Saltava — não muito alto, ou levaria todo o tempo para descer —, em pulos prolongados e baixos, com o mundo metálico e escuro a desfilar por baixo, o sol cor de carvão em chamas deslizando novamente para a noite; o silêncio, a morte e a solidão. Se você morrer aqui, seu corpo será esmagado por baixo de continentes em queda, seus átomos estarão presos por toda a eternidade no cerne de um planeta.

Um raio luziu contra seu capacete. Ele o lançou ao chão, antes mesmo de

pensar. Estava em pequena cratera, acolchoada de sombra e fitava a muralha negra e sem traços de um meteoro gigantesco, virando para o lado oposto do sol. Em algum lugar da encosta...

As palavras de Aycharach, em inglês, eram gentis:

— Você pode movimentar-se mais depressa que eu. Você podia alcançar sua nave antes de mim e avisar a seus subordinados, e eu só poderia entrar mediante um ardil, é claro. Ele vai ouvir-me falar no rádio, em voz disfarçada, dizendo coisas que só ele e você conhecem, e não me verá até que eu tenha entrado. E será tarde demais para ele. Antes, todavia, preciso complementar sua vida, Capitão Flandry.

O homem acocorou-se mais ainda no chão. Sentia o frio quase absoluto da rocha passar pela armadura e tocar-lhe a pele.

— Você bem que tentou, bom número de vezes, antes — observou.

A risada de Aycharach era música puríssima.

— Sim. Realmente achei que lhe tinha dado adeus, aquela noite, na Lua de Cristal. Pareceu provável que você fosse enviado a Júpiter... eu havia examinado o Almirante Fenross com muito cuidado... e Horx foi instruído para matar o agente Terreno seguinte. Meu aparecimento naquela festa foi, em grande parte, de natureza sentimental. Você tem sido um ornamento de minha realidade, eu não me podia negar uma conversa final.

— Meu amigo — disse Flandry, com a voz rangendo —, você é tão sentimental quanto um bloco de hélio solidificado. Vocês queria que nós soubéssemos de sua presença. Previu que ficaríamos alarmados o bastante para focalizar nossa atenção em Syrax, onde você deu a entender que iria em seguida... aquela parte de nossa atenção, que essa soberba tapeação não havia pespogado em Ymir. Você fez com que nossos agentes de Informações enxameassem em volta de Júpiter, e fossem pelo Enxame, tornando-se frenéticos à procura de seus trabalhos, deixando-o livre para manipular Ardazir.

— O meu egoísmo sentirá sua falta — declarou Aycharach, calmamente. — Apenas você, nesta era decaída, sabe apreciar por completo meus esforços ou censurá-los de maneira inteligente, quando fracasso.

Desta vez, o fato não previsto foi que você sobreviveria em Júpiter. Sua missão subsequente em Raposa mostrou-se, naturalmente, catastrófica para nós. Espero remediar esse desastre, agora, mas...

O filósofo acordava. Flandry podia bem imaginar os olhos vermelhos de Aycharach, encobertos pela visão de alguma infinitude que os seres humanos jamais haviam compreendido.

— Não é certo — prosseguiu o quereionita. — A totalidade da existência sempre nos escapará; e nesse mistério encontra-se o próprio significado. Como tenho pena de Deus imortal!

Flandry saltou da cratera.

A arma de Aycharach cuspiu fogo. As chamas bateram na armadura do homem. Ato reflexo — um erro, porque agora Flandry sabia onde Aycharach se achava. O quereionita não podia escapar — o que era reconfortante saber, no caso de um inimigo que via vinte anos à frente, e controlara raças inteiras como se fosse um destino oculto, mas que também cometia erros.

Flandry saltou para o meteoro, bateu em cheio em Aycharach.

O desintegrador disparou à queima-roupa. A mão de Flandry desceu, rápida. O pulso de Aycharach não se partiu, a armadura o protegia. Mas a arma foi rolando, desapareceu na escuridão. Flandry sacou a sua própria. Aycharach leu a intenção e atracou-se, lutando. Eles pelejaram sobre o meteoro, um nos braços do outro. O sol que se punha derramava sua luz fatídica sobre eles e Aycharach podia ver melhor, à mesma, do que Flandry. Em questão de minutos, quando caísse a noite, o homem ficaria inteiramente cego e o quereionita alcançaria a vitória.

Aycharach enfiou a perna por trás da perna do homem e empurrou. Flandry caiu. Seu oponente retirou-se, mas Flandry caiu devagar o bastante para agarrar a cintura do outro. Rolaram juntos pela encosta. A respiração arfante de Aycharach chiava no rádio, era um som aquilino. Mesmo em seu traje espacial desajeitado, ele se parecia à água, quase impossível de agarrar.

Chegaram ao fundo. Flandry passou as pernas em volta das do quereionita. Contorceu-se, pondo-se de costas, procurou os membros do adversário, que se agitava. Um antebraço em volta do capacete alienígena — não podia estrangulá-lo, mas imobilizá-lo — e suas mãos se fecharam em um punho. Ele sacudiu com força.

Um grito veio pelo rádio. A luta cessou. Colocou-se em cima do prisioneiro, respirando fundo, querendo ar. O sol se pôs, a escuridão fez-se em volta.

— Receio que você tenha partido minha junta do cotovelo — disse Aycharach. — Tenho que ceder.

— Sinto muito — disse Flandry, e estava sendo inteiramente sincero. — Não pretendi fazê-lo.

— No fim — suspirou Aycharach, e Flandry jamais percebera tanta fadiga na alma de alguém — não sou batido por um cérebro superior, ou por justiça maior, mas pelo fato bruto e simples de que você vem de planeta maior do que o meu, e tem músculos mais fortes. Não será fácil encaixar isso em uma realidade harmoniosa.

Flandry sacou o desintegrador e começou a soldar, uma à outra, as mangas das armaduras, uma dele, uma de Aycharach. Se esse partira ou não o braço, Flandry não queria arriscar. Já era duro ter que agüentar aquela grande mente observadora ao lado da sua, por todo o tempo necessário, até chegar à nave.

O tom de voz de Aycharach voltou a tornar-se leve, quase divertido.

— Eu gostaria de me consolar com o seu prazer.

Por isso, já que vai tomar conhecimento do fato em nossos documentos, vou lhe contar agora que os chefes guerreiros de Urdahu chegarão aqui para uma conferência, dentro de cinco dias Terrenos.

Flandry tornou-se rígido. Dentro dele, explodia a glorificação. Bastaria uma granada, e Ardazir estaria

sem chefes!

De modo gradual, a rigidez e o esplendor desapareceram. Ele acabou de prender o prisioneiro. Ajudaram-se mutuamente na subida.

— Venha comigo — disse o ser humano. — Eu tenho o que fazer.

Cerulia não ficava em ponto algum próximo da rota entre Syrax e o Sol. Mas Flandry seguiu para casa desse modo. Não sabia bem qual o motivo. Não era, por certo, qualquer desejo forte de sua parte.

Pousou no espaçoporto principal de Raposa.

— Acredito que volte dentro de algumas horas, Chives — disse. — Não deixe a pizza esfriar.

Desceu agilmente pela passarela, atravessou as autoridades encarregadas da quarentena em rodopio de dourado e escarlate, apanhou um táxi aéreo para Garth.

A cidade parecia tranqüila, no veranico. Agora, no apastrão (*No caso da estrela dupla, aquele ponto em que dista mais de sua primária*), com a atmosfera de Raposa para filtrar a radiação, aquela estrela quase podia ser tomada como sendo o Sol; menor, mais brilhante, porém suave em céu azul, onde nuvens brancas e altas deslizavam. Os campos se estendiam verdejantes para o Bosque; um rio brilhava; os picos nevados da Serra pairavam lá em cima, como em sonho, na orla do mundo.

Flandry consultou o endereço que queria, em uma cabine pública de telecomunicações. Não chamou para lá, mas caminhou em meio a ruas movimentadas até a pequenina casa. O telhado, com seu pico, era dourado, por cima de paredes cobertas por trepadeiras.

Kit veio recebê-lo à porta. Ficou imóvel por muito tempo e, finalmente, arquejou:

— Comecei a recear que você tivesse morrido.

— Andei perto disso, uma ou duas vezes — disse Flandry, sem jeito.

Ela o tomou pelo braço, a mão tremia.

— Não — disse Kit —, você não pode morrer. Você está vivo, muito vivo. Oh, entre, querido! — E fechou a porta, após entrarem.

Ele a acompanhou até a sala, sentando-se. A luz do sol jorrava, passando por rosas na janela de treliça, lançando sombras azuis sobre as coisas pequeninas e acolhedoras do ambiente arrumado. A jovem andou por ali, discando o serviço público, pedindo bebidas, tagarelando com alegria frenética. Flandry achava agradável acompanhá-la com o olhar.

— Você podia ter escrito — disse ela, sorrindo demais para mostrar que não era uma repreensão. — Quando os Ardazirho saíram de Raposa, não tardamos a voltar à vida normal. Os tubos de correio já funcionavam, em questão de horas.

— Estive ocupado — disse ele.

— E acabou, agora? — perguntou Kit, dando-lhe um whisky e sentando-se em

frente, apoiando o copo no joelho à mostra, tisonado de sol.

— Acho que sim — e Flandry pegou um cigarro. — Até que venha a próxima embrulhada.

— Eu, francamente, não compreendo o que aconteceu. — disse ela. — Foi tudo uma confusão só.

— Essas coisas geralmente são — concordou ele, satisfeito com a possibilidade de falar de modo impessoal. — Como o Imperium reduziu todo o perigo aos olhos do público, não poderia anunciar uma vitória gloriosa com todos os detalhes. Mas as coisas foram bastante simples. Depois de termos acabado com os chefes Ardazirho na nebulosa, tudo desabou no planeta deles. A força Raposina retirou-se para ajudar a defender seu mundo natal, porque a rebelião explodia por toda a parte, naquele império pequenino. Walton os acompanhou. Não procurou uma batalha decisiva, pois sua frota era menor do que o total deles, mas se manteve ao largo, enquanto nossas equipes de guerra psicológica estraçalhavam Ardazir. Outro motivo para evitar o combate aberto, tanto quanto possível, foi que queríamos aquela excelente marinha deles. Quando se reconstituírem com uma federação não muito firme de orbekhs, em pé de igualdade, e mais os clãs, as tribos, e o que exista, estarão prontos a aceitar a Supremacia Terrena... a Pax os protegerá, uns contra os outros!

— Fácil como quê — e Kit fez uma careta. — Depois de tudo que eles fizeram conosco, não pagaram um vintém. Não que as reparações de guerra trouxessem nossos mortos de volta, mas você acha que eles deviam safar-se na impunidade?

— Oh, eles se resgataram, não tenha dúvidas — e Flandry se tornara sombrio. Olhou em meio a uma neblina de fumaça para as rosas que balançavam ao vento suave de verão. — Eles pagaram dez vezes por tudo quanto fizeram em Raposa; em sangue, aço e agonia, lutando com tanta coragem quanto qualquer outro povo que já vi, por uma causa que não era a deles. Nós os usamos como se fossem refugos. Nem uma nave Ardazirho, em cada dúzia, voltou para casa. Ainda assim, os pobres diabos acham que foi uma vitória!

— O quê? Você quer dizer...

— Sim. Nós juntamos a marinha deles à nossa, em Syrax. Eles foram a ponta de lança da ofensiva. Estava dentro das regras do jogo, entendeu? Legalmente, a Terra não lançara qualquer ataque completo sobre as bases merseianas. Ardazir, uma confederação subordinada a nós, é que o fez! Mas nossa frota veio logo atrás! Os merseianos recuaram. Negociaram. Syrax é nossa, agora.

Flandry deu de ombros e prosseguiu:

— Merséia agüenta. A Terra não vai usar o Enxame como base de invasão. Será apenas um posto avançado. Não temos coragem bastante para fazer o que é sensato; manteremos a paz, e ao inferno com nossos netos.

Ele fumava em tragadas curtas, cheias de ferocidade.



— A troca de prisioneiros — prosseguiu — foi uma condição. Todos os prisioneiros, e os merseianos queriam dizer todos. Em outras palavras, se não recebessem Aycharach de volta, não se retirariam. Receberam-no, então.

Ela o fitava com a pergunta nos olhos arregalados.

— Não tem importância — disse Flandry, cheio de desdém. — Isso é simples detalhe. Não creio que meu trabalho tenha sido perdido. Ajudei a acabar com a guerra de Ardazir e o impasse em Syrax. Eu, pessoalmente, sozinho, forneci Aycharach como valor de troca na barganha. Não podia exigir mais, não acha? — e deixou o rosto baixar em uma das mãos. — Oh, Deus, Kit, como estou cansado!

Ela se ergueu, foi sentar-se no braço da poltrona de Flandry, pôs a mão na cabeça dele.

— Você pode ficar aqui e descansar? — perguntou, falando baixinho.

Flandry a fitou. Por instantes, fez uma pausa, incerto de si. O amargor retorceu-lhe os lábios.

— Sinto muito. Só passei aqui para me despedir.

— O quê? — ela cochichava, como se Flandry a houvesse apunhalado. — Mas, Dominic...

— Não. — atalhou-a, no que dizia. — Não vai dar certo, mocinha. Qualquer coisa menos do que tudo seria injustiça para você. E eu não sou desse tipo, o do para-sempre-e-mais tempo-ainda. A coisa é assim.

Sorveu a bebida e se pôs em pé. Ia embora, ainda mais cedo do que planejara, amaldiçoando-se por ter sido tão cruel para ambos, a ponto de voltar àquela casa. Ergueu o queixo de Kit, sorriu para seus olhos cor de avelã.

— O que você fez, Kit — asseverou —, seus filhos e os filhos deles terão orgulho em lembrar. Mas, principalmente... nós nos divertimos, não foi?

Seus lábios roçaram os dela, sentiram o gosto de lágrimas. Ele saiu e seguiu pela rua, sem olhar para trás um só instante.

Uma parte dele, uma parte vaga e zombeteira, fazia lembrar que ainda não pagara a aposta feita com Ivar dei Bruno. E por que haveria de pagar? Quando chegasse à Terra, executaria nova tentativa, isso lhe daria algo para fazer.

**F I M**